

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO (CBG)

DIANA DOS SANTOS MARQUES

BIBLIOTECA INVISÍVEL

Um estudo sobre a biblioclastia no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina (1992-1995)

Rio de Janeiro
2019

DIANA DOS SANTOS MARQUES

BIBLIOTECA INVISÍVEL

Um estudo sobre a biblioclastia no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina (1992-1995)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo

Rio de Janeiro
2019

Ficha catalográfica

M357b Marques, Diana dos Santos
Biblioteca Invisível: um estudo sobre a
biblioclastia no contexto da guerra da Bósnia e
Herzegovina (1992-1995) / Diana dos Santos
Marques. -- Rio de Janeiro, 2019.
120 f.

Orientador: André Vieira de Freitas Araujo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação,
2019.

1. Biblioclastia. 2. Bósnia e Herzegovina, Guerra
da, 1992-1995. 3. Danos de guerra. 4. História do
Livro. 5. Memória. I. Araujo, André Vieira de
Freitas, orient. II. Título.

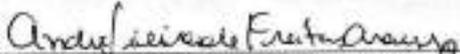
DIANA DOS SANTOS MARQUES

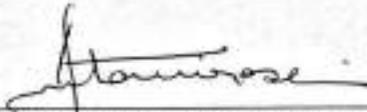
BIBLIOTECA INVISÍVEL

Um estudo sobre a biblioclastia no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina (1992-1995)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 12 de Junho de 2019.


Prof. Dr. Andre Vieira de Freitas Araujo (UFRJ)
Orientador


Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira (UFRJ)
Membro interno


Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo (UNIRIO)
Membro externo

Àqueles que os salvam, àqueles que os amam,
àqueles que entendem o seu valor, àqueles que
dedicaram ou deram suas vidas por os livros.
Esse trabalho é para vocês.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu fecho os olhos e agradeço a Deus por todas as oportunidades que recebi e, em princípio, pela vida.

Gostaria de agradecer aos meus pais por me incentivarem nesse caminho dos estudos e, mesmo sem saber como, tentarem compreender minhas aflições. À minha mãe Simone eu agradeço por sempre fazer todo o possível para que esse momento acontecesse, me mostrando a força de ser uma mulher. Ao meu pai Sérgio por todo carinho, todas as brincadeiras no passar dos anos e por me mostrar que nunca é tarde para seguir um sonho. Vocês dois são a minha base e sem seu suporte seria muito mais difícil chegar até aqui. Agradeço às minhas avós Irany e Neusa por suas comidas maravilhosas e por só de chegar à suas casas me sentir segura, vocês são as minhas segundas mães. Agradeço aos meus irmãos Catharina e Vinícius por perguntarem o que muitos esquecem - "Como você está?" – nos momentos em que eu mais precisei, é uma sorte tê-los ao meu lado, vocês são os meus maiores orgulhos da vida. Agradeço à Jacque, por sua amizade, por existir.

Agradeço à Núbia, Benito e Suely por todo apoio e auxílio que me deram, vocês são uma segunda família, jamais vou esquecê-los e agradeço também ao Hugo por todo amor, suporte e cuidado, que por tudo, sempre vai ser uma parte de quem eu sou.

Agradeço aos meus colegas com quem dividi tantas boas memórias e sentimentos. Às minhas Irmãs de coração, Paula Igreja – companheira de viagem, de conversas estranhas e de surtos - e Thayná Ramos – nosso neném - por, há muitos anos, compartilharem o choro, o riso e os conselhos, vocês são os maiores presentes que a vida me deu e tempo nem distância vão nos afastar. Às minhas amigas da graduação Bianca Loyola (Bia) por ser a melhor amiga, irmã de coração, prima, anjo, e tudo mais simbolizante de afeto, que eu poderia pedir – o que os livros e a comida uniram ninguém separa -, Marcelle Costal (Celle) e Veluma Peres (Veluba) por todos os trabalhos em grupo, todos os estresses superados juntos e por nunca deixarem o resto de nós desistir, para mim, vocês são a grande representação de resiliência. À Sarah Vargas por seu sotaque gostoso que nunca vou conseguir copiar. Não poderiam ficar de fora minhas amigas que animaram tantas manhãs e dividiram – literalmente – o bolo comigo, Tássia Nobre e Larissa Almeida.

Agradeço à todas as bibliotecas, consulados, federações, organizações e profissionais que contribuíram para essa pesquisa. Sobretudo ao diretor do Centro de Documentação do Programa Aga Khan da Biblioteca de Belas Artes de Harvard, Andrés Riedlmayer por, sem hesitar, solucionar minhas dúvidas.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos seus funcionários e suas bibliotecas, por me acolherem, me darem a prática e a teoria, para dessa forma possibilitarem minha formação como filha de Minerva.

Agradeço aos meus professores que, mesmo em meio às adversidades, me deram o bem mais precioso que um professor possui: a oportunidade. Cada qual de vocês me transformou ao compartilhar as experiências, as informações e o conhecimento. Agradeço em especial ao professor Robson Costa, por todas as brincadeiras, por toda troca e pelos livros emprestados. É um orgulho continuar os próximos passos como colega de vocês.

Agradeço à banca, formada pelos professores Antonio José Barbosa de Oliveira e Fabiano Cataldo de Azevedo, por sua disponibilidade e interesse de participar desse momento, especialmente em tempos tão atribulados. Sou grata por cederem parte de seu tempo lendo, avaliando e fazendo contribuições que serão de valor inestimável para essa pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, professor Andre Vieira de Freitas Araujo, que embarcou nessa viagem comigo e, brilhantemente, me ensinou e motivou a navegar no mar dessa pesquisa. Foi uma honra aprender com seus ensinamentos e me maravilhar com tanto domínio seu sobre a História do Livro. Nos momentos de dúvida e sem saber para onde seguir fui guiada por suas sábias palavras que me deram luz, que me fizeram questionar e buscar sempre a melhor resposta. Você me inspira.

Agradeço também ao Lucas Volpi por ser meu ponto de paz nessa turbulência que é viver, por me transbordar e por me mostrar que dois podem ser um. Você é todo o meu amor.

Por fim, gostaria de dizer que cada um desses agradecimentos é para mostrar que essa história não poderia ser escrita sem vocês, que são as letras, as linhas e as páginas do livro da minha vida e a isso eu serei eternamente grata.

“La memoria del corazón elimina los malos recuerdos y magnifica los Buenos, y gracias a esse artificio, logramos sobrellevar el pasado.”

(Gabriel García Márquez).

RESUMO

As guerras constituem, de fato, alguns dos maiores desafios encontrados por livros e bibliotecas na tentativa de persistir ao tempo. A destruição aos materiais bibliográficos é denominada biblioclastia; esta pode decorrer de guerras e/ou de eventos de outra espécie. A presente pesquisa aborda a temática usando como objeto a Guerra da Bósnia e Herzegovina, ocorrida entre os anos de 1992 e 1995. Descreve a recorrência de práticas de biblioclastia em guerras ao longo da história. Utiliza como metodologia a análise de bibliografia especializada (livros, artigos, documentos jornalísticos) e dos três livros base (BÁEZ, 2006; BATTLES, 2003; POLASTRON, 2013), aproximando-se assim da natureza bibliográfica e do caráter exploratório da pesquisa. Discorre sobre os conceitos de biblioclastia, memória, patrimônio, identidade e seus diálogos com a história do livro e das bibliotecas. Apresenta o contexto da Bósnia e Herzegovina e expõe as destruições de livros e bibliotecas ali ocorridas. Procura responder quais seriam as motivações para a destruição de livros e bibliotecas no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina. Conclui que os principais motivos da biblioclastia no espaço-tempo mencionado são o apagamento da memória, o renascimento, a purificação étnica e a dominação, o que evidencia o traço repetitivo, desmedido e proposital dessas práticas biblioclásticas.

Palavras-chave: Biblioclastia. Bósnia e Herzegovina, Guerra da, 1992-1995. Danos de guerra. História do Livro. Memória.

ABSTRACT

War is, in fact, one of the greatest challenges found by books and libraries in their attempt to survive time. The destruction that they cause to bibliographical material will be denominated biblioclasm; it can be a consequence of war and/or events of other natures. This research approaches the subject focusing on the Bosnian war that occurred between 1992 and 1995. It describes the recurrence of biblioclasm in wars throughout history. It utilizes as methodology specialized bibliography analysis (books, articles, journalistic documents) and three base books (BÁEZ, 2006; BATTLES, 2003; POLASTRON, 2013), providing a bibliographic nature and an exploratory approach. Investigates the concepts of biblioclasm, memory, patrimony, identity and their respective dialogues with book and library history. It presents the context of the Bosnian war and expose the book destruction that occurred there. It aims to answer which would be the motivations for the destruction of books and libraries in the Bosnian war. It concludes that the main reasons for biblioclasm in the space-time previously mentioned were the destruction of the memory, the rebirth, ethnic-cleanse and domination, with evidence of repetitive, unmeasured and intentioned practice of biblioclasm.

Palavras-chave: Biblioclasm. Bosnia and Hezergovina, War, 1992-1995. War damage. Book History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Interior da Biblioteca de Alexandria (ilustração do século XIX)	36
Figura 3 - Tela de Pedro Berruguete retratando a queima de livros durante a Contrarreforma	37
Figura 4 - Gustave Doré: Paulus in Ephesus (1866)	38
Figura 5 - Monumento de Bebelplatz	39
Figura 6 - Biblioteca bombardeada em Londres, Segunda Guerra Mundial	44
Figura 7 - Entenda a diversidade Iugoslava	56
Figura 8 - O massacre de Srebrenica	63
Figura 9 - Página de manuscrito do século XV relacionado a astrologia. Destruído em maio de 1992 no Instituto de Estudos Orientais	68
Figura 10 - Documento parcialmente queimado do arquivo do destruído Instituto de Estudos Orientais.	69
Figura 11 - Mostar durante a guerra	70
Figura 12 - Mostar pós guerra	70
Figura 13 - Vijećnica, década de 40	71
Figura 14 - Vijećnica, 26 ago. 1992.	72
Figura 15 - Vijećnica destruída	73
Figura 16 - Vijećnica reconstruída.	73
Figura 17 - Haggadah de Sarajevo.	74
Figura 19 - O renascimento da ciência religiosa.	76
Figura 20 - Veredito.	79

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALA	American Library Association
BiH	Bosna i Hercegovina
BRAPCI	Base de dados em Ciência da Informação
ICTY	International Criminal Tribunal for the former Yugoslavia Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
JSTOR	Journal Storage
ONU	Organização das Nações Unidas
UN	United Nations
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA	17
1.2	OBJETIVOS	18
1.2.1	Objetivo geral	18
1.2.2	Objetivos específicos:.....	18
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
2.1	NATUREZA DA PESQUISA.....	20
2.2	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	20
3.3	FONTES PRINCIPAIS	21
3	REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1	MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, IDENTIDADE E A BIBLIOTECA INVISÍVEL	22
3.2	O ESTUDO DA BIBLIOCLASTIA	29
3.2.1	Análise etimológica da biblioclastia.....	30
3.2.2	A biblioclastia na História do Livro	33
3.2.3	Os grandes marcos da biblioclastia em guerras	42
3.2.4	Posicionamento: UNESCO, IFLA, ONU e nações	46
3.3	CENÁRIO: BÓSNIA E HERZEGOVINA	53
3.3.1	A Bósnia e Herzegovina no século XX	54
3.3.2	Configuração política, econômica, religiosa e cultural.....	57
3.3.3	A guerra: 1992-1995.....	60
3.4	A BIBLIOCLASTIA DURANTE A GUERRA DA BÓSNIA E HERZEGOVINA.....	65
3.4.1	Os ataques às bibliotecas e aos livros.....	65
3.4.2	Motivações dos atos biblioclásticos entre 1992-1995.....	79
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	95
	ANEXO A – Destroyed buildings (RIEDLMAYER, [s.d.], não paginado)	102

ANEXO B – Decisão do julgamento (CASE ... , 2007, p. 185)	107
ANEXO C – Quantificação de sítios destruídos por região (RIEDLMAYER, 2002, p. 6-7).....	109
ANEXO D – Quantificação de sítios religiosos destruídos (RIEDLMAYER, 2002, p. 2-3).....	111
ANEXO E – Depoimento Riedlmayer (IN THE CASE ... , 2006, p. 48-55)	113

1 INTRODUÇÃO

“Não nos espantemos por dispor de tão poucos escritos antigos, mas apenas por tê-los.”

(Gertudre Burford Rawlings)

Bibliotecas, no decorrer da história, têm sido lugares de inquietação, de silêncio, de conhecimento, de sonhos, de prazer, castelos da erudição, depósitos do registro informacional, abrigos para tesouros; mas apesar de tantas definições, esses locais têm sido também alvos de destruições. Os ataques aos quais as bibliotecas são submetidas ocorrem por motivos variados, desde fatores naturais – tsunamis, terremotos, inundações, o tempo -, até fatores humanos.

Discutir a destruição das bibliotecas e seus livros, conhecida como biblioclastia, é falar também sobre a fragilidade de ambos. Diante dos cenários de conflitos armados, a situação fica ainda mais delicada, pois é aqui que se encontram os biblioclastas – aqueles que destroem livros e bibliotecas – intencionais e com maior poder destrutivo.

Aqueles que queimam livros, que banem e matam poetas, sabem exatamente o que fazem. Seu poder é incalculável. Precisamente porque o mesmo livro e a mesma página podem ter efeitos totalmente díspares sobre diferentes leitores. Podem exaltar ou aviltar; seduzir ou enojar; estimular à virtude ou à barbárie; acentuar a sensibilidade ou banaliza-la. De maneira verdadeiramente desconcertante, podem fazer as duas coisas, praticamente ao mesmo tempo, em um impulso tão complexo, tão híbrido e tão rápido em sua alternância que nenhuma hermenêutica, nenhuma psicologia podem predizer nem calcular a sua força. [...] Na experiência humana não há fenomenologia mais complexa do que aquela dos encontros entre texto e percepção [...]. (STEINER, 2017, p. 15).

As guerras são os momentos onde ocorrem as maiores provações para os abrigos do conhecimento, por incrível que pareça eles são alvos certos¹. Em meio a tantos horrores desses períodos, a biblioclastia² pode passar despercebida, mas ela é uma prática tão recorrente em conflitos que podemos considerar como uma tática de guerra ou um crime de guerra, pois as bibliotecas “[...] tem sido frequentemente vítimas desses eventos, uma vez que nelas se localizam as fontes de informações que foram criadas, mas que também ali se guardam os tesouros de gerações.” (SANTOS, 2016, p. 310). Como um dos tantos exemplos dessa

¹ Às destruições de livros e bibliotecas durante guerras nós daremos o nome de biblioclastia da guerra.

² O termo será mais bem explicado em uma seção própria mais adiante.

conjuntura, temos o caso das práticas de biblioclastia que foram marcantes durante a guerra da Bósnia e Herzegovina.

A guerra da Bósnia e Herzegovina, ocorrida entre 1992-1995, foi uma das tantas consequências provenientes da dissolução Iugoslávia. Ao tentar ser reconhecido como país, esse território, foi duramente atacado, sofrendo alguns dos maiores horrores da história europeia. Entre eles, a destruição do seu patrimônio bibliográfico. Em vista desse fato, a presente pesquisa se propõe a elucidar o tema da biblioclastia tendo como objeto a guerra da Bósnia e Herzegovina, 1992-1995. A partir dessa temática e desse objeto de pesquisa aqui apresentado o estudo expõe como problema a seguinte questão: Quais seriam as motivações para a destruição de livros e bibliotecas no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina ocorrida entre 1992-1995?

Caminhando ao encontro de uma resposta, o desenvolvimento desse trabalho é dividido em quatro seções principais, juntas elas formam o referencial teórico direcionado e organizado para a melhor exposição dos conceitos e informações necessárias a fim de entender o problema.

A primeira seção da pesquisa se chama “**Memória, Patrimônio, Identidade e a Biblioteca Invisível**”. Nela apresentamos alguns conceitos básicos para a compreensão do desenvolvimento desse trabalho, são eles memória, patrimônio – entre eles o patrimônio documental e identidade. Ambos estão ligados com proximidade à questão da destruição de livros, bibliotecas e suas motivações. Mais para frente explicamos o termo Biblioteca Invisível e sua relação com a biblioclastia, isso se mostra relevante em vista de ser a mesma metáfora que titula esse estudo.

Na segunda seção, “**O estudo da biblioclastia**”, analisamos a etimologia da palavra biblioclastia para verificar sua origem e significados, ambos de extrema importância para o prosseguimento do trabalho. Em seguida realizamos a relação entre a biblioclastia e a História do Livro, campo estritamente ligado à Biblioteconomia. Essa subseção é necessária para perceber como vem sendo tratado o tema dentro do campo. Nela abordamos os autores fundamentalistas da pesquisa, a exemplo de Fernando Báez (2006), Lucien Polastron(2013) e Matthew Battles (2003). Após isso, exemplificamos alguns fatos marcantes da destruição de livros e bibliotecas ao longo da história, que tenham ocorrido em momentos de guerra. Ainda nesse capítulo apresentamos o posicionamento da ONU, UNESCO, IFLA e das Nações no que diz respeito à destruição do patrimônio bibliográfico, utilizando o principal documento sobre o tema, a Convenção de Haya de 1994.

A próxima seção é denominada “**Cenário Bósnia e Herzegovina**” e nela serão tratadas três questões principais. A primeira é o entendimento do que seria a Bósnia e Herzegovina no

século XX, em vista da dissolução da Iugoslávia e sua iminente guerra em busca da independência, após o feito realizado pela Croácia. Posteriormente exploramos as características políticas, econômicas, religiosas e culturais desse país no período que ronda a guerra ocorrida entre 1992-1995, esse é um tópico valioso para perceber a relação da guerra com as destruições patrimoniais da Bósnia e Herzegovina. Por último o estudo recai sobre a própria guerra ocorrida entre 1992-1995 e o que a mesma envolve, trazendo uma visão mais ampla das perdas e ações ocorridas nesse momento conflituoso, com o propósito de possibilitar a compreensão das motivações para as práticas de biblioclastia que se suscitaram a partir desse ponto.

Por fim, temos a quarta e última seção chamado “**A biblioclastia durante a guerra da Bósnia e Herzegovina**”, que com a base anterior pode se firmar seguramente. Dividida em duas subseções, onde, na primeira, expomos os ataques aos quais as bibliotecas foram submetidas durante a guerra da Bósnia e Herzegovina, possibilitando a visualização de um panorama da destruição voltada aos livros entre 1992-1995. Já a segunda parte busca identificar as motivações que levam aos ataques sofridos por abrigos da memória dentro do mesmo espaço e tempo. Para acompanhar esse tópico é necessário ressaltar que a guerra da Bósnia e Herzegovina foi uma guerra, não só política e territorial como também, étnica e que, portanto, a biblioclastia ocorrida durante esse período foi uma tentativa de homogeneização e diminuição de um povo.

Algumas disciplinas do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro foram essenciais para instrumentalizar esse trabalho, são elas: História do Registro da Informação, Extensão Cultural e mais ao final a Conservação e Preservação. A primeira foi a que despertou interesse pela história dos livros e das bibliotecas, a segunda trouxe para a pauta, brevemente, a questão das destruições e a última mostrou o quanto é imprescindível preservar o patrimônio.

A escolha do tema biblioclastia, em especial durante guerras, surgiu após a leitura do livro *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque* de Báez, uma obra completa sobre momentos desafiadores para as bibliotecas, evidenciando a necessidade de se falar sobre a destruição dos livros e de seus abrigos. Já o objeto de pesquisa, a guerra da Bósnia e Herzegovina foi escolhida por sua proximidade temporal e por ser considerada uma das piores guerras quando se trata de destruição patrimonial. Portanto, esse tema foi escolhido por ser indispensável e urgente dar maior atenção ao fim dos livros e das bibliotecas para então buscar maneiras de evitar esse destino cruel a qual ambos estão expostos.

1.1 JUSTIFICATIVA

O trabalho em questão, contribui para os estudos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, em especial a vertente da memória, do patrimônio, da identidade e da história do livro e das bibliotecas por trazer luz a problemática da biblioclastia e os danos que esta transporta para essas dimensões ao longo da história. O intuito é provocar a reflexão acerca do tema biblioclastia a partir da guerra ocorrida na Bósnia e Herzegovina, entre 1992 e 1995.

Apesar da importância em proteger a memória de ataques durante os conflitos, o assunto não é tratado com a devida profundidade³, ficando em segundo plano quando se trata dos crimes de guerra. Uma pequena quantidade de estudos é realizada para discutir o tema, em especial no Brasil. Portanto, este projeto procura ampliar a literatura da área da História do Livro, em específico no que toca a destruição de livros e bibliotecas.

Pelo lado da Biblioteconomia, é uma oportunidade de destacar as dificuldades enfrentadas por seus objetos de estudo, os livros e as bibliotecas. A Biblioteconomia é a ciência que estuda, dissemina e preserva os registros informacionais, onde grande parte de um acervo pode ser capaz de recordar a memória. É valioso para a área que o argumento da destruição venha à superfície - seja estudado - para perceber as barreiras existentes na sua função de fazer permanecer os registros humanos e como lidar em situações onde a biblioclastia se faz presente.

No âmbito brasileiro, a justificativa parte do reconhecimento das constantes práticas de biblioclastia que ocorrem neste território. Pensando em guerras pode parecer distante, porém, elas afetam também o Brasil, como ocorreu com cidades no Sul do país que sumiram com livros alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Mais marcado na memória está a Ditadura Civil-Militar onde a censura⁴ – também prática de biblioclastia - se fez presente. Além disso, existem os furtos, o descaso, os incêndios e as destruições naturais⁵. A questão é próxima da realidade brasileira, porém não é reconhecida como, nesse sentido, entende-se a necessidade de estudá-la no âmbito da História do Livro e das Bibliotecas dentro da Biblioteconomia brasileira.

Esse estudo também se justifica por auxiliar na identificação do fenômeno da destruição aos espaços de memória durante as guerras. Entende-se que falar sobre, é evocar a memória das bibliotecas atingidas. Contemplar o lado social, visto que a memória é peça formadora da identidade, faz compreender que as bibliotecas possuem um motivo de existir, possibilitando

³ Conclui-se isso após encontrar pouca literatura específica sobre o tema, especialmente no Brasil.

⁴ Ver *Livros e subversão* de Sandra Reimão, *Documentos sensíveis* de Icléia Thiesen e *Censura de livros durante a ditadura militar: 1964-1978* de Maria Mercedes Otero.

⁵ Ver *Desear, poseer y enlouquecer* de Umberto Eco, *A biblioclastia no início do século XXI: duas faces de uma tragédia* de Josiel Santos e ver também as referências desse trabalho.

uma visão mais humana sobre a mesma. Opor memória ao esquecimento, mesmo um não sendo antítese do outro, a fim de revelar que o ser humano é a sua história, assim, quando ela é apagada pode acabar por se perder também um pedaço de quem se é.

Pessoalmente, a história do livro e das bibliotecas e a linha da memória desde o início chamaram a minha atenção e têm sido meu interesse ao longo do estudo da Biblioteconomia. A biblioclastia entrou em minha vida pouco depois de escolher a profissão, e é, sem dúvida, o tópico que mais me encanta, apesar de toda tristeza que carrega consigo. A diversidade de destruições a quais as casas da memória e história estão suscetíveis sejam elas humanas ou naturais, alerta para a sutil contraposição entre a delicadeza e a força desses espaços místicos, as bibliotecas. Por acreditar que os livros são capazes de transformar, de identificar e, principalmente, de libertar é fácil entender sua importância e relação com o social, por esse e tantos outros motivos, o projeto me fascina e motiva. Com as leituras no decorrer deste caminho pude perceber que as práticas de biblioclastia precisam ser reconhecidas e estudadas, na busca de manter viva a memória do que é destruído e na esperança de repensar a inconsequência desses atos.

1.2 OBJETIVOS

Aqui serão expostos os objetivos, tanto geral quanto específicos. O primeiro é o norte, aquele que guiará o caminho a ser percorrido para solucionar o problema da pesquisa. Os seguintes são os pontos necessários para alcançar o objetivo principal, eles serão examinados e respondidos ao longo dos capítulos.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar e discutir as motivações para a prática de biblioclastia no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina entre os anos de 1992 e 1995.

1.2.2 Objetivos específicos:

- a) explorar o conceito da biblioclastia;
- b) relacionar a biblioclastia com memória, identidade, patrimônio e Biblioteca Invisível;

- c) mapear os principais estudos sobre a destruição bibliográfica e de bibliotecas no âmbito da História do Livro e das Bibliotecas;
- d) apresentar como as nações e órgãos como a ONU – Organização das Nações Unidas -, UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura -e IFLA – Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias - estão se posicionando diante a destruição do patrimônio bibliográfico;
- e) situar historicamente o contexto da Bósnia e Herzegovina do ponto de vista político, econômico e cultural (1992-1995);
- f) verificar e discutir a biblioclastia durante a guerra da Bósnia e Herzegovina (1992-1995).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse tópico são apresentados os procedimentos metodológicos que possibilitaram a pesquisa e o desenvolver do problema. Para isso foi necessário definir a natureza da pesquisa, as técnicas de coleta e análise de dados e a amostra/fontes, de forma a compreender como se chegou aos resultados.

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa aqui relatada é bibliográfica, visto que foi realizada a partir da leitura e análise de fontes bibliográficas. Foram consultados artigos científicos, livros, regulações como a *Convenção de Haia* de 1994 – primeiro e segundo protocolo -, o relatório final da ONU sobre a situação da Iugoslávia, a *Convenção sobre a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural* de 1972, os princípios de atuação da IFLA em atividades relacionadas com as bibliotecas em situações de risco e outros documentos que auxiliassem no desdobramento do problema. Esta é também uma pesquisa de caráter exploratório por se utilizar da revisão de literatura; qualitativa, pois busca entender as motivações de um comportamento, o da biblioclastia, sem quantificá-lo; por fim, é teórica por não almejar uma aplicação e experimentação do ponto de vista empírico.

2.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Como estratégia, o estudo apoiou-se na leitura e avaliação de fontes bibliográficas (livros, artigos de periódicos, matérias de jornal), das quais se tentou extrair o mais relevante para o entendimento da questão. Foram usadas bases de dados como a BRAPCI, o Capes, o Project MUSE⁶ - base que promove o acesso a materiais digitais da área de humanidades e ciências sociais para estudantes e acumula diversos periódicos conceituados -, a JSTOR, *Journal Storage*, usou-se também do Google acadêmico, da Biblioteca digital da ONU, da Biblioteca da UNESCO, da Biblioteca Digital da IFLA e da rede de bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial o Centro de Informação Europeia.

⁶ Base que reúne textos completos das áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais, seu acesso é disponível, parcialmente, pelo Portal de Periódicos da CAPES.

Além disso, a autora entrou em contato, via correio eletrônico, - para obter mais dados sobre a destruição patrimonial do objeto - com bibliotecas na Bósnia e Herzegovina – por exemplo, a Biblioteca Nacional e Universitária do país e o Instituto de Estudos Orientais -, também foi contatado o especialista em patrimônio islâmico András Riedlmayer, da Universidade de Harvard, que apresentou o site Heritage Sense Agency⁷, qual tem uma coleção de documentos sobre a destruição patrimonial ocorrida na Ex-Iugoslávia. Ademais, foram feitas tentativas de contato com diversos consulados da Bósnia e Herzegovina e do Brasil na Europa, com a Biblioteca da ONU, a Biblioteca da UNESCO, a Biblioteca do Congresso Americano e com a IFLA, nem sempre se obteve resposta.

Com o auxílio dessas ferramentas, buscaram-se documentos relativos à história contemporânea da Bósnia e Herzegovina, a história do livro e das bibliotecas, a história da destruição dos livros e bibliotecas - biblioclastia -, a memória, o patrimônio, a identidade e documentos que auxiliassem na construção do termo “Biblioteca Invisível”. Foram utilizadas regulações de importância que abordaram os crimes de guerra, como por exemplo, a Convenção de Haia de 1954, onde foi decidida a proteção de propriedade cultural em caso de conflitos armados, o relatório da ONU, documentos do Conselho da Europa e propostas da IFLA. Essas fontes foram consultadas e destacaram-se as partes mais importantes para fundamentar a pesquisa aqui descrita, as mesmas se encontram especificadas no tópico Referências.

3.3 FONTES PRINCIPAIS

Diversos autores e periódicos foram verificados para compor o referencial teórico deste trabalho, sendo grande parte da década de 90, o momento no qual o conflito estava em vigor. Em especial três livros formaram a base na qual se construiu este pensamento, são eles: *A história universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*, de Fernando Bàez; *Livros em chamas: a história da destruição sem fim das bibliotecas*, de Lucien X. Polastrone e *A conturbada história das bibliotecas*, de Matthew Battles. No âmbito dos artigos o autor mais utilizado foi András Riedlmayer. Fontes jornalísticas também foram consultadas, assim como dicionários da biblioteconomia e de linguagem. É válido ressaltar que a maioria das fontes - apesar de haver parte em português e francês - é em língua inglesa ou espanhola, pois por virem da Europa e possuírem proximidade com o objeto de pesquisa foram as línguas nas quais se encontrou mais estudos sobre o tema.

⁷ Heritage Sense Agency: <<http://heritage.sense-agency.com/>>.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico a seguir explora as referências como meio para fundamentar essa pesquisa. Definindo conceitos e relacionando-os com a temática e objeto. Ele é composto por quatro seções secundárias, na qual cada uma contém número próprio de seções terciárias. Intenciona-se com essa ordem chegar aos objetivos pré-estabelecidos.

3.1 MEMÓRIA, PATRIMÔNIO, IDENTIDADE E A BIBLIOTECA INVISÍVEL

“Somos nuestra memoria, somos ese quimérico museo de formas inconstantes, esse montón de espejos rotos.”

(Jorge Luis Borges)

Seja por coincidência ou por razão, a palavra “livro” e a palavra “livre” tem sua etimologia derivada do mesmo termo em Latim, *Liber*. Ainda que as duas tenham significados diferentes - a primeira designa-se a um objeto e a segunda se refere ao ser autônomo em uma ou mais esferas – percebe-se sua conexão, para além da derivação, dado que os livros podem auxiliar na libertação ao possibilitarem o acesso ao conhecimento e à memória, dando chance de ser livre para identificar-se com o que achar melhor dentre as opções de um acervo. O ataque contra livros e bibliotecas destrói mais que a dimensão material deles, visto que afeta também a memória e o patrimônio de um povo. As bibliotecas são consideradas lugar de memória por ser abrigo de acervos que podem reviver tempos passados, informar sobre a cultura, a religião, a história, os costumes, os ideais e ainda ser patrimônio.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p. 13).

Ou seja, os lugares de memória, como a biblioteca, se relacionam com a própria memória pela incapacidade humana de rememorar todo o passado, tornando-a então frágil as suscetibilidades do tempo. Sócrates ([s.d.], não paginado apud RICOEUR, 2007, p. 28) em sua metáfora do pedaço de cera fala sobre a memória e sua possibilidade de esquecimento, visto que ela é, como tudo, exposta as mudanças temporais:

Pois bem, concede-me propor, em apoio ao que tenho a dizer, que nossas almas contêm em si um bloco maleável de cera: maior em alguns, menor em outros, de uma cera mais pura para uns, mais impura para outros, e bastante dura, mas mais úmida para alguns, havendo aqueles para quem ela está no meio-termo [...] Pois, então, digamos que se trata de um dom da mãe das Musas, Memória: exatamente como quando, à guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, quer se trate das coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. E aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós o esquecemos, isto é, não o sabemos.

Pode-se fazer ligação entre a palavra “impresso” na passagem e os registros bibliográficos, entendendo que o registrado – seja em livros ou em outro suporte – tende a permanecer, enquanto o não “impresso” inclina-se ao precipício da desmemória. Justifica-se, assim, a construção de um abrigo para a memória, já que ela corre riscos de ser alterada, seja naturalmente ou por ações humanas motivadas pelo medo que o poder de ser memória provoca. É também essencial abrigar a memória para compreender a história de acordo com as mudanças na forma de pensar, podendo driblar as tentativas dos conquistadores de dominar e direcionar o passado de acordo com interesses pessoais para moldar o presente e o futuro.

Desde a antiguidade a memória é fonte de indagação, mas, além disso, é vista como uma característica poderosa, por que a memória é a substância essencial para formar a identidade de uma pessoa ou de um coletivo.

Em um conto clássico de Voltaire, os famosos filósofos Descartes e Locke argumentam apaixonadamente sobre a importância da memória. Visando uma solução para essa controvérsia, as Musas – filhas de Mnemosyne, a Deusa da memória – tomam parte e, como experimento, cancelam todas as formas de memória durante alguns dias. A humanidade, como se pode supor, mergulha em um caos impressionante. As pessoas esquecem tudo, desde as noções mais elementares até suas inibições básicas. Mas eles esquecem especialmente suas razões para viver e seus projetos futuros, evidentemente baseados em suas histórias e seu passado. (CIVALLERO, 2007, p. 8).

A memória é também a possibilidade de retornar a um tempo esquecido ou nunca antes visitado, essa busca parte, geralmente, da necessidade de compreensão sobre si mesmo e/ou o que está ao redor, sem ela o ser humano é desprovido da oportunidade de reviver para compreender, já que a memória é o ressurgimento do passado, é torna-lo presente. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p. 423), ademais, a memória pode ser registrada pelo homem a fim de alcançar as futuras gerações, deixar marcas que podem ser visitadas quando assim for preciso.

Destruir os meios que encaminham à memória não é levar para o *Lete* – rio mitológico do esquecimento – apenas o passado, é transportar para lá, também, um presente e um futuro como eles seriam caso não fossem atacados, visto que o anterior, o que lembramos, é peça construtora do agora. É importante ressaltar que o não lembrado é igualmente construtor do tempo presente, já que a memória é fluida e, portanto, não passa intacta ao longo dos anos, mas a manipulação da memória pode ser negativa para grupos específicos em casos de imposição.

Essa memória, imprescindível em sua base, não ultrapassaria o tempo e todos os seus ruídos sem a ajuda das bibliotecas, museus e arquivos - os lugares de memória - que, por contê-la, também o são. Segundo Silveira (2010, p. 78) as bibliotecas “[...] têm função de enfrentar o tempo e as incontingências da morte e do esquecimento, bem como colaborar para que uma dada comunidade estruture suas ações em torno de referenciais identitários comuns.”.

Dessa forma, a memória necessita tanto da biblioteca quanto a biblioteca é necessária para a persistência da memória, elas são, desde o princípio, complementares. A memória que seria, de acordo com Murguia (2010, p. 18), uma:

[...] espécie de cordão que amarraria nossos atos e pensamentos, permitindo uma continuidade que, ao longo de um período de tempo, articulasse nossa existência [...] Assim, presentificando o passado de forma contínua e constante, somos capazes de lembrar acontecimentos, ideias [...] permitindo a formação de pensamentos e a experiência de sentimentos.

É, portanto, indissociável das bibliotecas, e essas últimas por ser seu abrigo acabam por se tornar alvos. O entendimento desse fato é facilitado ao se observar a fala de Pollak (1992, p. 204) ao dizer que “[...] a memória é um fenômeno construído.”, assim como o conjunto de memórias edifica a biblioteca, e dessa forma, tanto uma quanto a outra, estão vulneráveis as alterações exercidas por grupos de poder com base em seus próprios interesses. Pois,

inoportunamente, as bibliotecas e os livros podem ser considerados “obstáculos” no caminho da remodelagem da memória e por tal, se tornam alvos da destruição.

Já o patrimônio é a herança de um povo, são bens materiais ou imateriais que possuem significados e abrigam memória, são “[...] nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade.” (UNESCO, 2017, não paginado). A noção de patrimônio é ampla e muito debatida, mas é mundialmente reconhecida a necessidade de promover sua salvaguarda em meio a tantos potenciais perigos. Existe um tipo especial de patrimônio que possui relação com os espaços de memória, são eles os patrimônios culturais. As bibliotecas, especificamente, têm como interesse o patrimônio documental/bibliográfico/textual, definidos pela UNESCO (2017, não paginado, tradução nossa⁸) como documentos, produzidos a partir da “atividade humana”, que moram em bibliotecas, arquivos e museus e têm a possibilidade de ser “[...] símbolos e ter características relevantes para a memória coletiva de uma comunidade, nação, região ou sociedade. Por meio do seu suporte e conteúdo, os documentos refletem a diversidade de povos, culturas e idiomas, se tornando parte do patrimônio humano.”. Ainda sobre o conceito de patrimônio bibliográfico, Peña diz ser possível considerar que (2013, p. 41, tradução nossa):

[...] o que constitui o patrimônio bibliográfico e documental são as expressões artísticas, históricas, culturais, folclóricas, educativas, intelectuais e científicas, entre outras, que tenham sido produzidas para atestar o desenvolvimento das sociedades e que, por sua vez, tenham sua objetificação em manuscritos, impressos, meios audiovisuais, documentos eletrônicos e de outros tipos com a finalidade de armazenar, transmitir, preservar, conservar, comunicar e difundir o conjunto de conhecimentos contidos naquelas manifestações.⁹

Em outro trecho comenta, sobre os livros e os documentos que “[...] estes possuem particularidades materiais, intelectuais, gráficas, simbólicas, históricas e sociais, o que os outorga significação para ser considerados patrimônio bibliográfico [...]” (PEÑA, 2013, p. 32), deixando evidente como os livros e outros suportes bibliográficos, que por acaso formam os

⁸ “[...] symbols of and have features relevant to the collective memory of a community, nation, region or society. Through their support and content, documents reflect the diversity of peoples, cultures and languages, and become part of the heritage of humanity.”. (UNESCO, 2017, não paginado).

⁹ “[...] lo que consituye el patrimonio bibliográfico y documental son las expresiones artísticas, históricas, culturales, folclóricas, educativas, intelectuales y científicas, entre otras, que han sido producidas para atestiguar el desarrollo de las sociedades y que, a su vez, han sido objetivadas em manuscritos, impresos, medios audiovisuales, documentos electrónicos y de otros tipos com el fim de almacenar, transmitir, preservar, conservar, comunicar y difundir la suma de conocimientos contenidos em aquellas manifestaciones.”

acervos em bibliotecas, são parte do patrimônio por ser representantes de aspectos únicos de um grupo.

Os acervos bibliográficos e as bibliotecas enfrentam certa resistência em ser reconhecidos como patrimônio e é fácil perceber que o patrimônio documental é menos considerado parte da memória e identidade de um povo do que os outros tipos de patrimônio. A enchente de Florença de 1966 e o conseqüente alagamento da sua Biblioteca Nacional resultaram em uma mudança nesse aspecto – após ser percebida a fragilidade desses materiais -, favorecendo então a questão dos livros e documentos que começaram a ser vistos, além de como objetos, como peças essenciais para complementar a memória e, principalmente, como patrimônio.

É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O patrimônio faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória [...] É o conjunto de símbolos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, normalmente a elite, política, científica, econômica e religiosa, decide preservar como patrimônio coletivo. (RODRIGUES, 2002, p. 4 apud SILVA JUNIOR; OLIVEIRA 2018, p. 4).

Ou seja, os registros históricos em suportes bibliográficos - nascidos da necessidade de fazer permanecer a oralidade - se configuram como patrimônio por sua capacidade em refletir todos esses aspectos e ainda ser parte da memória de um povo, possuir significado e ser um símbolo, dito isso, o patrimônio, independente do seu formato, é importante na construção da identidade. De acordo com Gonçalves, “Uma nação ‘se torna o que ela é na medida em que se apropria do seu patrimônio’” (1996, p. 24 apud BO, 2003, p. 18), assim, mesmo sem ser um processo natural e, em realidade, por vezes imposto, aquele que conhece seu patrimônio, reconhece a si próprio, rememora suas memórias e se identifica com a própria história. Nesse sentido, os materiais bibliográficos, principalmente os livros, precisam, antes de tudo, ser reconhecidos como obra patrimonial quando fizerem contribuições para a formação da memória.

O livro é uma instituição da memória para a consagração e permanência, e por isso deve ser estudado como peça chave do patrimônio cultural de uma sociedade. Deve-se entender que o patrimônio cultural existe na medida em que a cultura constitui o patrimônio mais representativo de cada povo [...] o patrimônio tem capacidade para promover um sentimento de afirmação ou pertencimento transmissível e pode fortalecer ou estimular a consciência de

identidade dos povos em seus territórios. Uma biblioteca, um arquivo ou um museu são patrimônios culturais e cada povo os assume como templos da memória. (BÁEZ, 2016, p. 51).

Essa tão comentada identidade, claramente mutável, é constituída por aspectos tanto sociais, quanto culturais e históricos. Nesse sentido, os livros e as bibliotecas se apresentam como, respectivamente, suporte e local que abrigam matéria para a formação da identidade de um indivíduo ou grupo. Não é exagero dizer que ambos são essenciais por suas funções.

[...] faz-se necessário notar que a ideia de identidade é um construto que tem como elemento de sustentação discursos, *objetos* e práticas simbólicas que nos posicionam no mundo e que dizem nosso lugar em relação ao outro (outros pontos de referência, outros lugares). Ao fazer isso, a identidade também marca e estabelece uma posição, o lugar que efetivamente construímos e no qual nos inserimos. (FRANÇA, 2002 apud SILVEIRA, 2010, p. 68, grifo nosso).

O reconhecimento do ser e do seu lugar de pertencimento, ou seja, a identidade, é indissociável dos conceitos da memória e do patrimônio, visto que o segundo é, no caso dos livros, a representação física das características, gostos e ideias passadas que moldam o presente. Como diz Choay, “O patrimônio expressa a identidade histórica e as vivências de um povo. Sendo assim, o patrimônio contribui para manter e preservar a identidade de uma nação daí o conceito de identidade nacional, de um grupo étnico, comunidade religiosa, tribo, clã, família.” (1992 apud RODRIGUES 2012, p. 4, apud SILVA JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p. 4).

As bibliotecas entram nesse panorama como os lugares que da mesma forma abrigam e transformam a memória, preservam, tratam e difundem as informações contidas no patrimônio documental, possibilitando o acesso, para os indivíduos, aos meios formadores de identidade.

É necessário compreender que o patrimônio bibliográfico e documental da humanidade tem grande importância nas sociedades por sua capacidade para construir identidades, para proporcionar conhecimentos sobre o passado assim como para permitir construir o presente e visualizar o futuro. (PEÑA, 2011, p. 308, tradução nossa¹⁰).

Logo, tanto a memória quanto o patrimônio documental/cultural estão relacionados a esse local de resistência conhecido como biblioteca, não que resistir esteja sendo fácil. Silveira

¹⁰ “Es necesario comprender que el patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad tiene gran injerencia en las sociedades por su capacidad para conformar identidades, para proporcionar conocimientos sobre el pasado así como para permitir construir el presente y visualizar el futuro.”. (PEÑA, 2011, p. 308).

(2010, p. 81) diz, relacionando esses três conceitos – memória, patrimônio e identidade –, que as bibliotecas são:

[...] espaços permeados por tensões contraditórias, mas que estão abertas ao mundo das realidades e das ideias. Construtos privilegiados do saber onde, por intermédio da materialidade de suas coleções, nossa tradição, nossa memória coletiva e nosso patrimônio cultural se mesclam para urdirem o tecido no qual aquilo que chamamos de identidade se constitui, se nutre e se valoriza.

Fica necessário falar ainda que o processo de construção da memória e da patrimonialização é moldado pelo ser humano, não é um movimento natural, mas se acredita no valor de ambos para a formação identitária.

Posto isso, esse trabalho, para representar a biblioclastia – que ao fim danifica o patrimônio, a memória e a identidade –, se propõe a usar uma metáfora que simbolize as perdas acarretadas por tal prática, afinal, são elas constantes e incalculáveis. Compõe-se então, o termo Biblioteca Invisível que é baseado no título do livro, *Le Musée Invisible*, de Nathaniel Herzberg, repórter do Jornal francês *Le Monde*. Segundo o autor, o Museu Invisível seria um museu cujo acervo se comporia por obras de arte roubadas, e por isso tornar-se-ia um dos maiores e mais ricos museus do mundo. Esse museu, claramente, não existe, mas alerta para a grande quantidade de roubos de obras de arte, e a escolha da palavra invisível ocorre por que esse acervo, por mais incrível que pareça, não é possível de se enxergar, de se tocar, de apreciar ou sequer de aprender com ele, pois não se sabe a localização de suas peças. (CLAUDIO, 2016, não paginado).

Seguindo por este caminho, a Biblioteca Invisível, como idealizada nessa pesquisa, é aquela composta por todos os livros destruídos durante as guerras no mundo. O furto, como ocorre com o Museu Invisível, não será o protagonista na formação dessa biblioteca ao longo do trabalho. Assim mesmo, talvez não seja tão surpreendente que esta seria a maior biblioteca existente e, certamente, uma das mais valiosas, porém o presente estudo, que certamente não poderia abranger todas as guerras no decorrer da história, focará apenas na guerra Bósnia no período de 1992 até 1995. Utiliza-se essa metáfora sobre uma biblioteca, pois, apesar dos livros e outros documentos serem o alvo final, a biblioteca é representante do acúmulo de conhecimento e memória de um povo e, portanto, se torna vítima quando existe a tentativa da realização de um “livro absoluto” – aquele que possibilita apenas uma verdade.

O livro foi salvo pela biblioteca. A biblioteca é o contrário do livro único. No século XVII, a constituição das bibliotecas escapou à Igreja e se tornou uma

responsabilidade do Estado. Nem réplica calcada em uma ortodoxia ciumenta, nem acumulação doentia, mas coleção refletida, ordenada e selecionada, digamos, mesmo, censurada, mas de forma argumentada, metódica, a biblioteca se apresenta a um só tempo como uma continuação do livro e sua metamorfose. Ela transforma o Livro em livros, a Verdade em verdades. O livro não se tornou instrumento das Luzes senão no momento de sua profusão. (MELOT, 2012, p. 108).

Infelizmente, entendendo que as bibliotecas são em essência para preservar e dar acesso, essa é a exata reprodução de quando seus princípios falham, desde que “A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual.” (CHARTIER, 2009, p. 23). Sua utilidade é chamar atenção para os prejuízos que já não mais poderão ser consertados, afinal cinzas não voltam ao estado de livro. A Biblioteca Invisível é, portanto, a metáfora mística criada para representar a destruição de livros, nesse caso, durante a guerra da Bósnia e Herzegovina, é ainda a metáfora para a reunião da destruição descontrolada sobre o patrimônio bibliográfico e a memória que ele abriga.

Esse termo foi escolhido para ser título deste trabalho, visto que, ao final poderá ser possível observar um breve dimensionamento da destruição causada, mas por não ser viável contabilizá-lo, se encontrou necessária a utilização de uma metáfora que representasse a proporção da biblioclastia ocorrida na Bósnia e Herzegovina.

3.2 O ESTUDO DA BIBLIOCLASTIA

“Catching a page you could feel its heat, and for a moment read a fragment of text in a strange kind of black and gray negative, until, as the heat dissipated, the page melted to dust in your hand.”

(Bibliotecário Kemal Bakaršić [1994], sobre o incêndio da Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia e Herzegovina, Sarajevo).

A segunda parte do desenvolvimento realizou uma trajetória entre a etimologia da biblioclastia, como ela vem sendo abordada no campo da História do Livro, suas aparições ao

longo do tempo e qual tem sido a posição de alguns órgãos importantes para a área dos livros e das bibliotecas. Esse capítulo foi dividido em quatro partes.

3.2.1 Análise etimológica da biblioclastia

Existem algumas palavras distintas para se referir à destruição de livros e bibliotecas. São elas: memoricídio, biblioclausto nazista, livrocídio e biblioclastia. Memorocídio se refere à destruição do que é memória, contudo, não são todos os livros que se encaixam nesse patamar, esse trabalho não pretende julgar qual livro é ou não memória, mas acredita que o conjunto, o acervo, sim, de alguma forma, para alguém, o é. Dessa maneira, a biblioclastia acaba por acarretar, inevitavelmente, no memoricídio (BÁEZ, 2006; BATTLES, 2003).

O biblioclausto nazista, conforme entendido pela autora, se localiza em um espaço-tempo específico, o da Segunda Guerra Mundial, ou seja, ele é uma subdivisão da biblioclastia que trata de um período onde essa prática se fez presente em larga escala, mas não é utilizado para momentos distintos ao mencionado. O livrocídio é um sinônimo quase direto da biblioclastia, que está relacionado a destruições de larga escala, ao genocídio e ao etnocídio. A biblioclastia será utilizada no desenvolver da pesquisa e foi escolhida, ao invés do termo anterior, pois esse trabalho percebe uma etimologia que se aproxima mais fielmente do ato em si e soa mais compreensível em vista de seu praticante ter a mesma bagagem quando se trata da formação de palavras.

A análise etimológica da biblioclastia tem início na sua palavra de origem, biblioclasta, que é composta pelo radical *-biblio*, qual segundo o *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia* (CUNHA; CAVALCANTI, 2008) é derivado do grego (*biblion*) e significa livro, já seu sufixo *-clasta* vem igualmente do grego e exprime a noção de destruição (PRIBERAM, [s.d.]). Dessa forma, um biblioclasta é aquele que destrói livros.

Conforme o *Online dictionary for library and information Science*, o biblioclasta (REITZ, 2014, não paginado, tradução nossa¹¹) é “A pessoa que destrói ou mutila livros, por uma razão ou outra. Felizmente para os bibliófilos¹², esse comportamento absurdo não ocorre com frequência.”, seria bom se o final dessa frase fosse compatível com a realidade.

Daí originada, biblioclastia, é, de acordo com o *Dicionário do Livro* (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 95), a “[...] destruição de livros.” e indo mais além, conforme o Dicionário

¹¹ “A person who destroys or mutilates books, for one reason or another. Fortunately for bibliophiles, this form of aberrant behavior occurs infrequently.”. (REITZ, 2014, não paginado).

¹² Aqueles que amam livros.

online Dicio (DICIO, [s.d.], não paginado), seria “Destruição propositada de livros, por ódio ao que neles se contém ou aversão à cultura [...]”.

Uma definição mais completa sobre o conceito de biblioclastia é “Conduatas, práticas, procedimentos, dispositivos e políticas que conduzem à destruição, desvalorização ou inviabilização de recursos de informação, dos espaços físicos onde se alojam [...]” (BOSCH; CARSEN, 2015, p. [8], tradução nossa¹³). Um dos estudiosos mais importantes do tema, Fernando Báez (2016, p. 54, tradução nossa¹⁴), apresenta como “A biblioclastia, um neologismo usado para aludir a destruição de livros, é uma tentativa de aniquilar a memória que constitui uma ameaça direta ou indireta a outra memória a qual se supõe superior.”, dessa maneira, é fácil observar que existe um ou mais propósitos na destruição dos livros e das bibliotecas, entre eles apagar a memória.

Em alemão existe uma forma para se referir, exclusivamente, a queima de livros que é *Bücherverbrennung*, possivelmente há um termo específico para tal ato em vista dos episódios desse formato que ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial. Em inglês *biblioclasm*, o *The dictionary of the book: a glossary for book collectors, booksellers, librarians, and others* define biblioclastia como a destruição de livros.

[...] (também chamada de ‘livrocídio’). Esta pode ter várias formas, incluindo a queima de livros e a sua mutilação. O uso de ‘livrocídio’ tem cunho político, premeditado, indiscriminado, e de maior magnitude do que ‘biblioclastia’ visto que o primeiro é, comumente, politicamente orientado e patrocinado por um Estado. (Veja Knuth, ‘Libricide’.) ‘Em desastres naturais, a atuação humana é, no máximo, uma força secundária, e o dano a materiais culturais não gera dúvidas a respeito da ordem básica da sociedade. O caso difere completamente quando livros e bibliotecas são pilhados, bombardeadas e queimadas sistematicamente para lançar, então, um ataque calculado e deliberado à cultura de um grupo, e o mundo responde como se a integridade da cultura humana estivesse sob ataque.’ [...]. (BERGER, 2016, p. 25, tradução nossa¹⁵).

¹³ “Conduatas, prácticas, procedimientos, dispositivos y políticas que conducen a la destrucción, desvalorización o invisibilización de recursos de información, de los espacios físicos donde se alojan [...]”. (BOSCH; CARSEN, 2015, p. [8]).

¹⁴ “El bibliocausto, un neologismo usado para aludir a la destrucción de libros, es un intento por aniquilar una memoria que constituye una amenaza directa o indirecta a otra memoria a la que se supone superior.”. (BÁEZ, 2016, p. 54).

¹⁵ “[...] (also called ‘libricide’). This can take many forms, including book burning and mutilation. The use of ‘libricide’ is more political, premeditated, wholesale, and of greater magnitude than is ‘biblioclasm’ since the former is often politically inspired and state sponsored. (See Knuth, *Libricide*.) ‘In natural disasters, human agency is, at most, a secondary force at play, and damage to cultural materials does not raise questions about the basic order of society. The case is entirely different when books and libraries are systematically looted, bombed, and burned, for then a deliberate and calculated attack on the culture of a group is launched, and the world responds from a sense that the whole of human culture has come under attack [...]”. (BERGER, 2016, p. 25).

Esse trecho mostra uma leve distinção entre livrocídio e biblioclastia, mas o presente trabalho não concorda que a biblioclastia ocorra, quando proposital, sem o teor pensado, sem os motivos ideológicos e em pequena escala. Em alguns países, a palavra livrocídio, que como dito anteriormente é um sinônimo próximo de biblioclastia, é mais popular. Em dicionários de Biblioteconomia de língua inglesa é comum encontrar a definição para *libricide*, como no *Online dictionary for library and information Science*:

A sistemática destruição de livros e bibliotecas favorecida por Estados. Exemplos do século XX incluem queimas de livros e ataques a bibliotecas na Europa pelos nazistas e a destruição da Biblioteca Nacional da Bósnia e Herzegovina em 1992 pelos Sérvios durante o cerco de Sarajevo. (REITZ, 2014, não paginado, tradução nossa¹⁶).

Outra definição de livrocídio mostra relação, em vista do seu radical, entre a destruição de livros e o genocídio e o etnocídio, colocando-o no mesmo patamar de destruições cruéis e desenfreadas que ocorreram ao longo da história.

No caos conseguido pela agressão extremista, genocídio e etnocídio emergiram como fenômenos reconhecíveis, claramente ligados por ideias, e proponho que um terceiro padrão, o livrocídio, existe e se encaixa dentro do mesmo universo teórico. ‘Livrocídio’ é definido no *Dicionário Oxford de Inglês* como um termo raro, denotando simplesmente ‘o assassinato de um livro’. Ele combina a ideia de livro e abate (da mesma forma que ‘homicídio’ se refere ao assassinato de uma pessoa) e essa etimologia reflete um elo com o genocídio e o etnocídio. (KNUTH, 2003, p. viii, tradução nossa¹⁷).

Um fato minimamente curioso é o de que ao pesquisar na *Encyclopedia Britannica*¹⁸ online pelos termos *biblioclastism*, *libricide* e *memoricide*, o único termo que recuperou algo foi o terceiro e sua única resposta era, surpreendentemente, um artigo sobre a destruição na Bósnia e Herzegovina durante a guerra. Na *Encyclopedia.com*¹⁹ os únicos termos dos três anteriores

¹⁶ “The systematic state-sponsored destruction of books and libraries. Twentieth-century examples include book burnings and attacks on libraries in Europe by the Nazis and the destruction of the National Library of Bosnia and Herzegovina in 1992 by the Serbs during the siege of Sarajevo.”. (REITZ, 2014, não paginado).

¹⁷ “In the chaos achieved by extremist aggression, genocide and ethnocide emerged as recognizable phenomena, clearly linked to ideas, and I propose that a third pattern, libricide, exists and falls within the same theoretical universe. ‘Libricide’ is defined in the Oxford English Dictionary as a rare term, denoting simply ‘the killing of a book.’ It combines the idea of book and slaughter (in the same way that “homicide” refers to the murder of a person) and its etymology reflects a link to genocide and ethnocide.”. (KNUTH, 2003, p. viii).

¹⁸ *Encyclopedia Britannica*. *Memoricide*. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/search?query=memoricide>>.

¹⁹ *Encyclopedia.com*. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/>>.

que têm resposta é *memoricide* e o *biblioclasm*, o último não em um artigo próprio e sim ao falar sobre a Bíblia, sendo definido como a destruição de livros, principalmente a destruição desse livro específico.

A biblioclastia pode acontecer de diversas formas, seja ela natural ou humana. Contudo, a segunda pode ser utilizada como estratégia de manipulação, controle, apagamento e purificação cultural. Pensando nos acontecimentos ao longo da história, é fácil perceber que essa não é uma prática incomum, apesar de poucas vezes ser verdadeiramente compreendida como proposital.

3.2.2 A biblioclastia na História do Livro

A História do Livro estuda temas distintos, como o surgimento do livro e até mesmo o período anterior a esse suporte como é conhecido atualmente. Conforme Darnton (2010, p. 190) ela poderia também ser denominada como “História social e cultural da comunicação impressa.”, isso se dá porque estuda o registro e transmissão por meio da escrita e ainda quais consequências foram desencadeadas nas pessoas e em seus pensamentos. Ultimamente, entretanto, outra face do campo está sob o foco, a biblioclastia. Da mesma forma que se estuda o início do livro é preciso estudar seu fim, pois:

[...] pouca gente se dá conta de como a palavra humana nos chega do passado por superposições sucessivas, aos tropeços, atulhada de mal-entendidos, apodrecida, desgastada de omissões e incrustada de “cacos”, graças apenas a alguns homens [...] que tentaram, na desordem quase desesperada de infortúnios do mundo, conservar e transmitir o que lhes pareceu digno de assim ser feito. (YOURCENAR, 2018, p. 8).

A destruição bibliográfica vem se repetindo inúmeras vezes ao longo da História do Livro e não parece ter previsão para acabar. Fernando Báez, um dos principais estudiosos da área e autor de um dos livros fundamentais para esta pesquisa, e este trabalho concorda, analisa que os livros são destruídos não por seu caráter de objeto e sim pelo que armazena, pelo potencial que guarda, por esse vínculo com a memória, assim diz:

Um livro é destruído com a intenção de aniquilar a memória que encerra, isto é, o patrimônio de ideias de uma cultura inteira. Faz-se destruição contra tudo que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior. O livro não é destruído por ser odiado como objeto. (BÁEZ, 2006, p. 24).

De fato, livros vêm sendo peças de fascínio para a humanidade por séculos e até milênios. Tendo ultrapassado, não sem desafios, a linha do tempo, conseguiu afetar e modificar as relações informacionais e o continua a fazer. Não seria possível entender a biblioclastia sem falar de seu grande alvo, adentrando a biblioteca, o livro. Não é viável estudar a destruição do livro, sem estudar o próprio.

Eis o que diz o *Philobiblon*: 'Nos livros, vejo os mortos reviverem; nos livros, prevejo o futuro; nos livros, os casos de guerra são revelados, dos livros saem os direitos legítimos de paz. Tudo muda e define com o passar do tempo que não para de devorar aquilo que Saturno cria. O esquecimento recobriria toda a glória do mundo se Deus não tivesse dado aos mortais os livros como remédio'. (BURY, 1948, p. 8 apud MELOT, 2012, p. 148)

Logo, os livros tais quais Richard de Bury escreveu, entre 1.300 d.C e 1.400 d.C., são soluções para o esquecimento, mas são também portais para a verdade, para o esclarecimento sobre algo ou alguém e são, portanto, formas de razão. O papel transformador do livro na humanidade não pode ser negado. Tuchman (1980, p. 13 apud KNUTH, 2003, p. 5, tradução nossa²⁰) acrescenta que:

Os livros são os portadores da civilização. Sem livros, a história é silenciosa, a literatura é muda, a ciência é aleijada, o pensamento e especulação paralisados. Sem livros, o desenvolvimento da civilização teria sido impossível. Eles são motores da mudança, janelas no mundo, e (como disse um poeta) 'faróis erguidos no mar do tempo'. Eles são companheiros, professores, mágicos, banqueiros dos tesouros da mente. Livros são a humanidade impressa.

Em outras palavras, os livros têm influência direta na constante mutação das sociedades, são mais poderosos que se imagina e mais temidos também. Fazem papel de guias na história da história humana, são capazes de recordar mártires e dores. Ao chama-los de "banqueiros dos tesouros da mente" o liga com sua missão de guardar e proteger a memória escrita. São perigosos para quem deseja o controle sobre um povo e para quem teme pessoas capazes de pensar, em continuidade, os livros podem ser a mais ameaçadora criação do Homem.

²⁰ "Books are the carriers of civilization. Without books, history is silent, literature dumb, science crippled, thought and speculation at a standstill. Without books, the development of civilization would have been impossible. They are engines of change, windows on the world, and (as a poet has said) 'lighthouses erected in the sea of time.' They are companions, teachers, magicians, bankers of the treasures of the mind. Books are humanity in print". (TUCHMAN, 1980, p. 13 apud KNUTH, 2003, p. 5).

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua visão; o telefone é extensão de sua voz; logo temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. (BORGES, 2011, p. 11).

As observações anteriores validam a fala de Báez, colocada anteriormente nesse trabalho, de que o livro não é destruído por seu formato quanto objeto, mas sim pelo seu conteúdo, ele pode ser destruído por muitos motivos – ser memória, ser conhecimento, ser patrimônio, ser símbolo -, mas é certo que não é destruído apenas por seu formato, por uma capa ou páginas. Ademais, como John Milton ([s.d.], não paginado apud BÁEZ, 2016, p 54, tradução nossa²¹) fala no ano de 1.644 d.C. em *Aeropagítica*: discurso sobre a liberdade de expressão, "[...] quem destrói um bom livro mata a própria Razão [...]" pois aniquilar o suporte é a forma encontrada de apagar o seu interior, o que ele representa e que ele proporciona. Destruir o livro é admitir o seu potencial como perpetuador de memórias e formador de identidades. E a biblioteca, que pretende a proteção desses objetos, sofre tanto quanto os livros nos temidos momentos de guerra.

Para começar podemos falar de Alexandria, talvez a biblioteca mais famosa de todos os tempos, que reunia todo material escrito que fosse capaz e, segundo relatos, alcançou proporções gigantescas para a época. Estudiosos buscavam seu acervo na tentativa de encontrar o conhecimento, já outros povos invejavam sua grandiosidade. Mas o que tem essa biblioteca de tão especial? Localizada no Egito, próxima ao porto, a biblioteca desapareceu para sempre em um incêndio nos primeiros séculos do calendário cristão. Seu fim é incerto, existem algumas versões distintas sobre o ocorrido, uma é a possibilidade de ter encontrado sua ruína em decorrência de um incêndio no porto que se alastrou, mas a teoria comum é de que foi incendiada em conflito. Se for esse o caso, pode-se dizer que ela sofreu os efeitos letais da biblioclastia da guerra.

²¹ “[...] quien destruye un buen libro mata a la Razón misma [...]”. (JOHN MILTON, [s.d.], não paginado apud BÁEZ, 2016, p 54).

Figura 1 - Interior da Biblioteca de Alexandria (ilustração do século XIX)



Fonte: (BIBLIOTECA ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 22 maio 2019.

Isso aponta para o fato de que a destruição de livros e de bibliotecas se apresenta na humanidade desde muito cedo, como Melot (2012, p. 153) relembra, “O amor excessivo aos livros foi, por muito tempo, considerado como perverso, um tipo de desregramento mental. É preciso, sem dúvida, ver ali um medo diante do acesso a um poder reservado a Igreja.”. A Igreja que controlava a escrita e disseminação do livro viu alguns malefícios na circulação desses objetos, principalmente após Gutenberg, o que não significa o desconhecimento do poder do livro, mas a confirmação de sua existência ao “[...] condenar um texto por ideias que ele exprime e queimá-los, por exemplo, em autos de fé [...] o auto de fé não supõe a condenação do livro, ao contrário, ele é uma maneira paradoxal de reconhecer nele a poderosa eficiência.” (MELOT, 2012, p. 150). Ao falar sobre os autos de fé, que fazem parte da história da biblioclastia até os dias atuais, Báez (2016, p. 52, tradução nossa²²) sinaliza que:

No fenômeno do auto de fé contra os livros, fica claro que quem os realizam reconhecem que não basta o assassinato ou prisão de um escritor nem o genocídio do povo que se vê retratado no espírito do dito texto. É imprescindível ir a raiz do problema e entender com suficiente precisão que o memoricídio é a base da destruição de obras e seus principais ideólogos estão encorajados por um radicalismo que pretende instaurar verdadeiras guerras culturais de natureza política ou religiosa.

²² “En el fenómeno del auto de fe contra los libros es manifi esto que quienes lo realizan reconocen que no basta con el asesinato o encarcelamiento de un escritor o con el genocidio del pueblo que se ve retratado en el espíritu de ese texto. Es imprescindible ir a la raíz del problema y entender con suficiente precisión que el memoricidio es la base de la destrucción de obras y sus principales ideólogos están animados por un radicalismo que pretende instaurar verdaderas guerras culturales de naturaleza política o religiosa.”. (BÁEZ, 2016, p. 52).

O trecho acima proporciona uma visão ampla de que a biblioclastia, quando proposital, busca o apagamento da memória por motivos, em maior parte, relacionados a determinadas crenças, e se correlatam com a guerra no sentido de tentar forçar uma ideologia em uma ou mais pessoas. Fica evidente a necessidade de destruir mais que apenas as pessoas, pois os livros guardam a memória daqueles que já se foram, eles falam por quem não tem voz. E a biblioteca é o lugar onde essas vozes – pois são livros no plural – se propagam, fazendo um barulho ensurdecedor de conhecimento - em um local afamado pelo silêncio - de passado, de presente, de futuro, de identidade e de memória. São as vozes dos livros e da biblioteca que os biblioclastas anseiam por silenciar.

Figura 2 - Tela de Pedro Berruguete retratando a queima de livros durante a Contrarreforma



Fonte: (PINTO, [s.d.], não paginado). Acesso em: 22 maio 2019.

A biblioclastia, seja o formato que tiver, não atinge apenas o local na qual ocorre, é um problema mais amplo. Pode-se tomar como exemplo o David, escultura de Michelangelo, que atualmente é exposta em Florença, na Itália. Caso fosse destruída - e é válido lembrar que precisou ser protegida durante ataques na Segunda Guerra Mundial -, não seria um dano apenas para a Itália ou para os italianos, seria para qualquer pessoa que tivesse interesse em estudar a perfeição com qual aquele mármore foi esculpido, seria para quem quisesse admirar os mais de 5 metros de uma das obras mais belas da humanidade, seria uma perda para história, para a arte, para a memória e para o patrimônio humano. Uma frase de Marguerite Yourcenar (2018, p. 44)

diz que “De todas as modificações causadas pelo tempo, nenhuma afeta mais as estátuas do que as mudanças repentinas de gosto de seus admiradores.”, ou seja, de tudo ao que uma estátua está exposta, o seu maior modificador é o ser humano. Essa observação, apesar de não falar sobre livros ou bibliotecas, se encaixa perfeitamente com o contexto de suas destruições, pois é o Homem o maior “escultor” da história do patrimônio documental, seja para fazê-lo ou destruí-lo.

Figura 3 - Gustave Doré: Paulus in Ephesus (1866)



Fonte: (BÜCHERVERBRENNUNG ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 22 maio 2019.

É digno de observação o fato de que a biblioclastia já foi também explorada pela arte. O artista Edwin Pickstone representou com instalações a crítica aos livros e sua destruição para lembrar os 500 anos da reforma protestante que realizou muitos desses atos, ou práticas de biblioclastia. Existe ainda uma obra de arte famosa colocada na Praça Bebelplatz, lugar da grande queima de livro dos alemães no ano de 1933, que representa estantes vazias, já que assim elas ficaram após ter seus livros removidos e destruídos pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Essas representações artísticas dão indícios de que essas práticas não são uma perda apenas para a biblioteconomia e, principalmente, para a História do Livro, mas para diversas outras áreas do conhecimento que caminham ao lado dos livros.

Figura 4 - Monumento de Bebelplatz

Fonte: (BEBELPLATZ , [s.d.], não paginado). Acesso em: 22 maio 2019.

Falando em livros, no romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco, é apresentado ao leitor um mosteiro onde se abriga uma especial comédia Aristotélica, mas por possuir conteúdo não aprovado perante a Igreja, esse item é envenenado para que quem o lesse não sobrevivesse para contar. Nesse caso, à parte da história, ficam evidentes alguns pontos importantes, 1) os livros são temidos pelo seu conteúdo; 2) pessoas ou grupos podem tentar impedir o acesso a eles. Esses dois pontos se conectam, mais uma vez, com a visão de Báez citada anteriormente, e apesar dessa não ser uma história real, existem muitas outras que o são.

O livro não pode ser dissociado de quem o escreveu, de quem o guarda e de quem o lê. O homem atribui significado ao conteúdo da obra bibliográfica, sozinha ela não seria objeto de ameaça e objeto ameaçado. Ao falar sobre livros, bibliotecas e a relação com o povo a qual pertencem, Lucien X. Polastron (2013, p. 12), outro autor fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa, afirma que:

Gerações e fortunas podem se consumir à medida que a situação progride e mais cresce a dificuldade de classificar e conservar – de ler acessoriamente, porque o livro se esconde na biblioteca tal como a árvore no meio da floresta – ou o risco de ver as coleções devastadas pela água ou pelo fogo, os vermes, as guerras [...]. E, sobretudo, com mais frequência do que podemos imaginar, a decidida vontade de fazer como se elas jamais tivessem existido. [...]. Porém, há ainda uma razão, mais escondida, sempre presente acima das outras: o livro é o duplo do homem, queimá-lo equivale a matá-lo.

Destruir os livros significa destruir a memória que eles abrigam, e destruir a memória afeta diretamente os indivíduos à quais ela está ligada. Numa tentativa de apagamento ou de “limpeza” se percebe que a biblioclastia vai muito além da destruição das páginas, de belas encadernações, de trabalhadas caligrafias ou iluminuras, a biblioclastia é um caminho para a destruição da memória, já que ela pode ser evocada por meio dos suportes bibliográficos. A

memória é destruída para impedir essa evocação e assim se alterar a história. Existem maneiras diferentes de praticar a biblioclastia, Umberto Eco fala sobre elas em seu texto *Desejar, possuir e enlouquecer*:

Existem três formas de ‘biblioclastia’, ou seja, de destruição de livros: a biblioclastia fundamentalista, a biblioclastia por incúria, e aquela por interesse. O biblioclasta fundamentalista não odeia os livros como objeto, teme por seu conteúdo e não quer que outros os leiam. Além de um criminoso, é um louco, pelo fanatismo que o encoraja. A história registra poucos casos excepcionais dessa biblioclastia, como o incêndio da biblioteca de Alexandria ou as fogueiras nazistas. A biblioclastia por incúria é a de tantas bibliotecas italianas, tão pobres e tão pouco cuidadas, que muitas vezes se transformam em espaços de destruição do livro, porque uma maneira de destruir os livros consiste em deixá-los morrer e fazê-los desaparecer em lugares recônditos e inacessíveis. O biblioclasta por interesse destrói os livros para vendê-los por partes, pois assim obtém maior proveito. (ECO, 2001, p. 2, tradução nossa²³).

Apesar do brilhantismo de Eco, falar que são registrados poucos casos de biblioclastia fundamentalista, a que mais se relaciona ao trabalho aqui apresentado, é díspar da realidade. Como é possível ver em *História universal da destruição dos livros* (2006) e em *Livros em chamas* (2013), a biblioclastia fundamentalista, como define Umberto, é frequente na história. Acontece desde Alexandria até os dias atuais na Síria.

Também falando sobre as diferentes formas de biblioclastia, Battles (2003, p. 46) afirma que:

Biblioclastias, sejam elas míticas ou reais, têm sempre suas razões de ser. Muitas vezes, são acidentais, [...]. Incêndios intencionalmente provocados de livros são de dois tipos. Podem ser tentativas de revisão, como aconteceu com Shi Huangdi²⁴, ou como aconteceu também durante a ascensão do Islã, quando seguidores do Corão queimaram textos sagradas que eles consideravam desprovidos de autoridade [...]. Outra possibilidade é os livros serem queimados com a finalidade de apagar seus autores e leitores da história.

²³ “Existen tres formas de “biblioclastia”, es decir, de destrucción de los libros: la biblioclastia fundamentalista, la biblioclastia por incuria, y aquella por interés. El biblioclasta fundamentalista no odia los libros como objeto, teme por su contenido y no quiere que otros los lean. Además de un criminal, es un loco, por el fanatismo que lo anima. La historia registra pocos casos excepcionales de biblioclastia, como el incendio de la biblioteca de Alejandría o las hogueras nazis. La biblioclastia por incuria es la de tantas bibliotecas italianas, tan pobres y tan poco cuidadas, que a menudo se transforman en espacios de destrucción del libro, porque una manera de destruir los libros consiste en dejarlos morir y hacerlos desaparecer en lugares recónditos e inaccesibles. El biblioclasta por interés destruye los libros para venderlos por partes, pues así obtiene mayor provecho.”. (ECO, 2001, p. 2).

²⁴ Shi Huangdi foi o primeiro imperador da China unificada. É conhecido por, supostamente, mandar destruir todos os registros dos impérios anteriores e assim recomeçar a história por ele, além de destruir tudo que fosse contra seus ideais, ele buscava a eternidade.

Por mais que a biblioclastia ocorra por motivos diversos, quando humana, ela é, na maioria das vezes, proposital, escondendo objetivos obscuros por trás da injusta destruição dos livros. Em um não ódio pelos livros, mas na realização do seu potencial, poderes e líderes, acreditaram na destruição dos livros e das bibliotecas como prática essencial a fim de alcançar a dispersão de seus, e apenas dos seus ideais.

Usando o termo *livrocídio*, Knuth (2003, p. viii, tradução nossa²⁵) lembra ainda sobre a ligação entre a destruição de livros e a necessidade de estudar essas práticas de biblioclastia:

[...] o *livrocídio* é um padrão secundário ou sub fenômeno identificáveis que ocorrem no âmbito do genocídio e etnocídio. Como outros tipos de violações socioculturais cometidas durante a guerra ou distúrbios civis, o *livrocídio* permaneceu praticamente invisível ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos, a liderança centralizada, as ideologias extremas, e as mentalidades modernas de guerra permitiram que esse tipo de violação se tornasse sistêmica. É por causa de suas consequências sociais que sondar a dinâmica do *livrocídio* é de importância imediata.

E continua dizendo que:

Embora seja possível atribuir uma incidência isolada da destruição de livros e bibliotecas ao reino do não intencional, a destruição sistêmica deve ser considerada intencional e relativamente coordenada. A destruição pode ser interna (dentro de uma nação e variando de ações silenciosas de censura a atos agressivos de vandalismo, terrorismo, distúrbios civis, guerra civil ou genocídio) ou externa (uma função de guerra ou conquista). (KNUTH, 2003, p. 50, tradução nossa²⁶)

De tal maneira que não é possível negar a intencionalidade das destruições contra os materiais bibliográficos, principalmente em situações como a guerra. A biblioclastia da guerra não pode ser justificada como acidental, e sim, deve ser reconhecida como um ato pensado e recorrente, visto que minimizar o propósito da ação faz com que ela seja também inferiorizada. É comum que na história do livro, estude-se principalmente o surgimento do livro, infelizmente, sua destruição é tão importante quanto para entender a trajetória desse objeto temido e com

²⁵ “[...] *libricide* is an identifiable secondary pattern or sub-phenomena occurring within the framework of genocide and ethnocide. Like other kinds of sociocultural violations committed during war or civil unrest, *libricide* has remained largely invisible at the same time as technological advancements, centralized leadership, extreme ideologies, and modern mentalities of war have enabled this kind of violation to become systemic. It is because of its social consequences that probing the dynamics of *libricide* is of immediate importance.”. (KNUTH, 2003, p. viii).

²⁶ “While it may be possible to attribute an isolated incidence of the destruction of books and libraries to the realm of the unintentional, systemic destruction must be considered intentional and relatively coordinated. Destruction can be internal (within a nation and ranging from quiet deeds of censorship to aggressive acts of vandalism, terrorism, civil unrest, civil war, or genocide) or external (a function of war or conquest).” (KNUTH, 2003, p. 50).

tantos significados. Como disse Rossi (2010, p. 33) “Primeiro foram queimados os livros. Depois, foram eliminados das bibliotecas, na tentativa de apagá-los da história.”. Talvez a única sorte no meio deste infortúnio é a de que apenas ter o conhecimento dessas tentativas de “apagamento” por meio da biblioclastia, nos mostra que os biblioclastas falharam em algum ponto, caso contrário, não saberíamos nem mesmo da existência dessas destruições.

3.2.3 Os grandes marcos da biblioclastia em guerras

A batalha contra os livros remonta muitos séculos atrás, até milênios²⁷. Lembrando o historiador Políbio, da Grécia antiga, já é possível perceber quão distante provém à prática de biblioclastia:

Futuros conquistadores devem aprender a não pilhar as cidades que subjugarão [...] as leis e o direito de guerra obrigam o vencedor a arruinar e destruir fortalezas, fortes, cidades, populações, navios, recursos [...] embora alguma vantagem possa resultar disso, ninguém pode negar que permitir uma destruição, sem sentido, de templos, estátuas e de outros objetos sagrados é ação de um louco. (TORMAN, 1996, p. 4 apud BO, 2003, p. 36).

Por infelicidade, não se aprendeu ainda a não destruir. Dentre os alvos estão bibliotecas e seus livros. Na região do oriente médio, o mesmo lugar que foi berço dos livros, a Suméria, teve suas famosas tabletas destruídas pelas constantes guerras que ali ocorreram. Isso mostra que não muito após o surgimento dos registros informacionais se iniciaram também a sua destruição. Com o passar dos anos, essas práticas biblioclásticas continuaram a acontecer, só mudando de território.

Manuscritos, pergaminhos, livros e toda forma de registro escrito se tornou objeto de desejo e de poder. Roma em suas constantes batalhas saqueou e destruiu bibliotecas, os egípcios repetiram o feito, a inquisição espanhola, os impérios chineses e o Japão também possuem um longo histórico de destruições, e a lista de lugares e períodos não acaba. Contudo, esse trabalho não vai tão distante na linha do tempo, existem muitas perdas para os livros já nos séculos atuais, e é entre o século XX e XXI, nos quais ficaremos posicionados.

²⁷ A subseção “Os grandes marcos da destruição” tem como foco os séculos XX e XXI por serem esses também os períodos próximos ao objeto desta pesquisa, a guerra da Bósnia e Herzegovina ocorrida no final do dito século, entre os anos de 1992 e 1995 e no século XXI, mais próximo. Os séculos anteriores possuem diversos relatos de destruição, mas uma cronologia completa demandaria uma pesquisa muito mais extensa e generalizada, ver: *A história universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias a guerra do Iraque* (BÁEZ, 2006).

O século XX foi cruel para os livros, se opondo a quantidade de investimentos em bibliotecas, do aumento perceptível de livros lançados e impressos e de bibliotecas construídas e reformadas no século XIX, no século seguinte ambos acabaram, em mesma, ou maior, proporção, destruídos. Os fatos se desenrolaram assim em maior parte pelo grande número de guerras que o século XX presenciou.

Começaremos pela primeira guerra mundial palco para muitas destruições, tendo a Biblioteca de Louvain, na Bélgica, se transformado em alvo de um dos momentos destrutivos. Essa que era uma das bibliotecas mais importantes da Europa teve toda sua coleção destruída depois de uma, não muito bem explicada, confusão – onde alguém supostamente atirou contra soldados alemães -, acarretando em um ataque cruel para transformar Louvain em um exemplo do que aconteceria caso resistissem à dominação, ou seja, teriam seu fim.

Em agosto de 1914, a biblioteca possuía cerca de 70 mil volumes e 300 manuscritos, frutos de quase quinhentos anos de vida intelectual ininterrupta. Dentre seus tesouros bibliográficos, contavam-se 350 incunábulos, uma série de edições das primeiras *Bíblias* impressas, um grande volume de escritos jesuítas [...] (BATTLES, 2003, p. 159, grifo do autor).

Outras bibliotecas tiveram um destino similar ao da Biblioteca de Louvain:

[...] a Biblioteca de Arras é praticamente destruída em 1915, enquanto a de Reims perde a metade pelo menos de suas coleções, quando uma bomba incendiária cai sobre a prefeitura em maio de 1917. As duas bibliotecas, de Louvain e de Reims, serão reconstruídas graças ao financiamento trazido pela Fundação Carnegie, que se encarrega também da construção da nova Biblioteca de Belgrado. (BARBIER, 2018, p. 362).

Contudo, a mais notável experiência de biblioclastia durante as guerras foi, sem dúvida, a Segunda Guerra Mundial. Antes de a própria guerra ser decretada, estudantes alemães adentraram bibliotecas por todo seu país na busca dos livros considerados “impuros” e fizeram deles fogueiras. Na década de 30 os gritos que explicavam por qual motiva cada autor estava sendo proibido ecoavam enquanto seus livros viravam cinzas, foi aí que se iniciou a guerra do conhecimento que precederia anos cruéis e inesquecíveis. Com o poderio militar da época, muito mais desenvolvido que na primeira guerra mundial, os estragos tomaram novas proporções. Para iniciar, a Biblioteca de Louvain, como em uma reprise da Primeira Guerra Mundial, foi mais uma vez destruída. Barbier (2018, p. 362) ainda diz que:

As destruições ocasionadas pelo segundo conflito mundial são ainda mais pesadas, quer se trate daquelas advindas ao longo do avanço das tropas alemãs

nos diferentes países (biblioteca de Beauvais, de Caen, de Tournai, de Tours, Biblioteca Nacional de Belgrado), daquelas devidas aos bombardeios (sobretudo na Alemanha, mas também em Metz etc.), ou daquelas atribuídas às campanhas de libertação. As destruições voluntárias são igualmente maciças, por exemplo, com as bibliotecas polonesas destruídas pelos alemães (dentre as quais a Biblioteca Nacional de Varsóvia em 1944), ou ainda a Biblioteca da Universidade de Nápoles.

A dita Biblioteca Nacional de Belgrado e seus 1.300 manuscritos encontraram seu fim no ano de 1941. A Itália, berço de tantas artes, foi um dos locais mais atingidos, durante a guerra passou por ataques antes de se render para a Alemanha nazista e após, por este mesmo motivo. Como resultado viraram pó cerca de 2 milhões de livros e mais de 39 mil manuscritos. A União Soviética alcançou o número mais assustador de todos, 100 milhões de livros destruídos ao longo da guerra. Inglaterra e França foram outros territórios onde as bibliotecas se tornaram cenários de tragédia (BÁEZ, 2006). Em contrapartida, os aliados se uniram para atacar a Alemanha e não deixaram as bibliotecas de fora, fossem estaduais, municipais ou especializadas, por fim, centenas sofreram danos parciais ou completos.

Figura 5 - Biblioteca bombardeada em Londres, Segunda Guerra Mundial.



Fonte: Moraes (2017, não paginado). Acesso em: 12 maio 2019.

Nesse mesmo século, outra vítima foi o Tibete. Seus mosteiros, cerca de 6 mil deles, foram dizimados pelo Exército de Libertação do Povo, assim como as bibliotecas que quase todos possuíam. Os monges da região que realizam uma técnica milenar de construção do livro impresso com auxílio de madeira, apenas conseguiram salvar a tradição por transportarem bibliotecas e recomeçarem tudo em algum lugar próximo da Índia. (BATTLES, 2003; POLASTRON, 2013). Contudo, teve um momento ainda pior, a Revolução Cultural da China.

Possuir livros e até obras de arte estrangeiras, antigas, ou em grande quantidade não era permitido. Na década de 60 a situação chegou a níveis alarmantes, já não havia mais bibliotecas, e anos foram necessários para recuperá-las. Polastron (2013) afirma que nesse momento Shi Huangdi, mais de mil anos depois, finalmente alcançou sua meta de apagar do povo uma história inteira para iniciar do nada.

Bem próxima do nosso objeto de estudo se encontra Dubrovnik, sítio histórico – de acordo com a UNESCO - na Croácia. O país entrou em guerra com a atual Sérvia, por sua independência, apenas um ano antes da Bósnia e Herzegovina e também sofreu com a biblioclastia.

As bibliotecas de Dubrovnik também estavam entre os alvos durante o cerco. A biblioteca do Centro Interuniversitário, um instituto de pesquisa independente estabelecido em 1971, foi bombardeada com munições incendiárias em 6 de dezembro de 1991 e foi queimada, com uma coleção de 30.000 volumes que se perdeu totalmente. (RIDLMAYER, 2007, p. 109).

Já no século XXI outra guerra que ganhou destaque foi a do Iraque, na qual os Estados Unidos, sem sequer disfarçar, destruiu diversos espaços culturais. O patrimônio do Iraque, inclusive o bibliográfico, foi dilapidado.

Em 13 de abril, a Biblioteca Nacional (Dar al-Katubwa al-Watha'iq), na qual se encontravam os arquivos nacionais e que guardava os livros mais antigos do mundo, assim como a Biblioteca Islâmica, onde havia milhares de exemplares do Alcorão, incluindo o mais antigo volume conhecido, arderam em chamas. (SANTOS, 2016, p. 315).

Os saques antecederam a queima, e os manuscritos como tantos outros itens da biblioteca se espalharam por mercados, vendidos como se fosse um escrito qualquer, e como um qualquer o fim chega mais rápido. Essa destruição levou cerca de um milhão de livros, levou exemplares únicos de *As mil e uma noites*, levou também pedaços da memória que forma a história de um povo. Para menor dor, muitos livros foram transferidos por todo o Iraque, amontoados em lugares mais seguros, protegidos pelo amor a cultura. A religião islâmica diz que o Corão, um livro, é a reencarnação de Deus, isso por si só mostra a relevância desse material para algumas pessoas. Contudo, ser importante e até divino não bastou. A biblioteca de Al-Awqaf e seus manuscritos islâmicos não resistiram, as bibliotecas universitárias foram mais uma vítima da destruição descomunal. Nesse mesmo território, onde a antiga Suméria deu vida ao antecessor dos livros, com as famosas tábuas de argila, a biblioclastia os destruiu.

Em uma parte da sua obra, Báez (2006, p. 327), cita um trecho de *César e Cleópatra*, de George Bernard Shaw, que acreditamos descrever os dois lados dessa destruição e talvez como ela seja entendida.

RUFIO: O que aconteceu, homem?

TEODOTO: (Descendo apressadamente ao vestíbulo.) O fogo se originou dos seus navios. Parece a primeira das sete maravilhas do mundo. A biblioteca de Alexandria está em chamas.

RUFIO: Bah! (Completamente aliviado, sobe ao oratório e contempla os preparativos das tropas que estão na praia.)

CÉSAR: Isso é tudo?

TEODOTO: (Incapaz de acreditar no que ouvia.) Tudo? César, você quer passar à posterioridade como um soldado bárbaro, demasiado ignorante para reconhecer o valor dos livros?

CÉSAR: Teodoto, eu mesmo sou autor, e digo que é melhor que os egípcios vivam suas vidas em lugar de sonhá-las com a ajuda dos livros.

TEODOTO: (Ajoelhando-se, com autêntica emoção literária, com a paixão do pedante.) César, uma vez a cada dez gerações de homens o mundo conquista um mundo imortal.

CÉSAR: (Inflexível.) Se o dito livro não deleitasse a humanidade, o verdugo o queimaria.

TEODOTO: Sem a História a morte colocará você junto ao mais humilde dos soldados.

CÉSAR: A morte assim o fará, de qualquer maneira. Não peço melhor túmulo.

TEODOTO: O que queima ali é a memória da humanidade.

CÉSAR: É uma memória infame. Que queime. [...]

Percebemos que independente do tamanho da biblioteca ou da sua riqueza, elas continuam a ser destruídas pela biblioclastia, muitas vezes não sendo consideradas relevantes, inclusive por grandes líderes. Cabe dizer que os biblioclastas não ignorantes, geralmente eles têm acesso ao conhecimento, o que deixa a impressão de que não é o desconhecimento que leva à destruição e sim o contrário. É possível verificar também um desprezo por tais memórias ao chamá-la de “infame” e então não ligar para que peguem fogo. Porém como sabiamente fala Teodoto, elas são a memória da humanidade. Por infelicidade, porém, poucos a veem desta forma, ou talvez, para nosso espanto, sejam muitos.

3.2.4 Posicionamento: UNESCO, IFLA, ONU e nações

Diante o panorama de destruições do patrimônio ocorridas em guerras, alguns órgãos e países precisaram se posicionar ao entender que a propriedade cultural necessita de proteção internacional e imediata. Logo após a segunda guerra mundial, com perdas além de tudo que o mundo já havia presenciado, a UNESCO estabeleceu a Convenção de Haia. Essa convenção de

1954 foi onde 45 países, no dia 14 de maio, concordaram que medidas deveriam ser tomadas para proteger o patrimônio cultural em caso de conflitos armados.

Nesse documento, norteado pelas convenções de Haia de 1899 e 1907 como também pelo pacto de Washington de 1935, foi esclarecido qual propriedade é essa que se almeja a proteção, entre as definições estão:

(a) propriedades móveis ou imóveis de grande importância para o patrimônio cultural de uma população, como monumentos de arquitetura, arte ou história, como religiosos ou seculares; sítios arqueológicos; grupos de edifícios que sejam de interesse histórico ou artístico; obras de arte; *manuscritos, livros* e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico; assim como coleções científicas e *coleções importantes de livros ou arquivos* ou reproduções das propriedades definidas acima; (CONVENTION ... , 1954, p. 1, tradução nossa²⁸, grifo nosso).

Também indicou como propriedade cultural a ser protegida:

(b) edifícios cuja maior função seja preservar ou exibir a propriedade cultural móvel definida no subparágrafo (a) como os museus, grandes *bibliotecas* e arquivos de depósito, e refúgios destinados a ser abrigo, em casos de conflitos armados, da propriedade cultural móvel definida no subparágrafo (a); (CONVENTION ... , 1954, p. 1, tradução nossa²⁹, grifo nosso).

Cerca de 110 países aceitaram ou ratificaram a Convenção de Haia de 1954, dentre os quais está a Bósnia e Herzegovina (em 1993), a Croácia (em 1992) e a Sérvia (em 2001) – todas são ex-repúblicas da Iugoslávia e elas só começaram a fazer parte ao longo das suas guerras -, a primeira é a que será tratada aqui nesse trabalho. É válido ressaltar que todos entraram com notificação de sucessão³⁰.

Segundo a convenção, os locais que se enquadrem nessas condições de patrimônio devem ser, em casos de conflitos armados, sinalizados com o escudo azul e branco de

²⁸ “(a) movable or immovable property of great importance to the cultural heritage of every people, such as monuments of architecture, art or history, whether religious or secular; archaeological sites; groups of buildings which, as a whole, are of historical or artistic interest; works of art; manuscripts, books and other objects of artistic, historical or archaeological interest; as well as scientific collections and important collections of books or archives or of reproductions of the property defined above;”. (CONVENTION ... , 1954, p. 1).

²⁹ “(b) buildings whose main and effective purpose is to preserve or exhibit the movable cultural property defined in sub-paragraph (a) such as museums, large libraries and depositories of archives, and refuges intended to shelter, in the event of armed conflict, the movable cultural property defined in sub-paragraph (a);”. (CONVENTION ... , 1954, p. 1).

³⁰ Notificação de sucessão: quando Estados recém-independentes decidem fazer parte de um tratado ou acordo podem objetar dentro de determinado período de tempo.

propriedade cultural da UNESCO. Isso teoricamente deveria impedir que eles fossem atacados, bombardeados e saqueados, infelizmente não funcionou no caso da Bósnia e Herzegovina.

Após os constantes ataques ocorridos na Ex-Iugoslávia, ficou evidente que o primeiro protocolo não era suficiente para proteger os patrimônios. Dessa forma, veio a ser concluído em março de 1999 o segundo protocolo da Convenção de Haia. Este requisita uma lista de propriedades culturais a serem protegidas de cada parte concordante, para isso é necessário garantir que os espaços não serão utilizados para fins militares além de ter grande importância para a humanidade, de forma que seja possível reconhecer seu valor histórico e cultural (SECOND ... , 1999). A Croácia ratificou o segundo protocolo em 2006, a Bósnia e Herzegovina acessou em 2009, alguns anos após a guerra, e a Sérvia em 2002, esse acesso significa que eles possuem um período para ratificá-lo. A UNESCO junto com outras organizações, dentre as quais a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), organizou também o Comitê Internacional do Escudo Azul (*Blue Shield*) que é a cruz vermelha da cultura, ele busca auxiliar as áreas afetadas por guerras na defesa dos seus espaços culturais e na documentação dos danos sofridos.

A IFLA, percebendo os riscos que as bibliotecas e seus acervos são expostos, criou o Comitê Consultor do Programa de Patrimônio Cultural (*Cultural Heritage Programme Advisory Committee*) – um dos efeitos derivados do Programa Memória do Mundo da UNESCO - que apoia na priorização dos assuntos emergenciais, participa dos eventos de patrimônio cultural e dá suporte às bibliotecas necessitadas. Ressalta no documento que o patrimônio cultural não pode ser repostado após sua perda e não pode ser valorado o dano que sua destruição causa para a humanidade, principalmente para os locais nos quais se encontram. A IFLA está sempre monitorando as áreas de risco, através do registro de riscos, e bibliotecas que podem ser potencialmente afetadas, seja por desastres naturais como por conflitos. Descreveu os *Princípios de atuação da IFLA em atividades relacionadas com as bibliotecas para a redução do risco de desastre em casos de conflito, crise ou catástrofe natural*, que infelizmente são apenas medidas de ajuda, como fomento, assessoria, cooperação, ou seja, não evitam que os desastres ocorram, mas oferece diretrizes para apoiar nos momentos em que os países estejam necessitados (PRINCIPIOS... ,[s.d]).

Nos dias de 22 a 28 de agosto de 1993, Barcelona sediou o *World Library and Information Congress: 59th IFLA General Conference and Council*. Uma conferência na qual um dos tópicos falados foi os problemas enfrentados pelas bibliotecas nas guerras que estavam ocorrendo na antiga Iugoslávia. Lá foi elaborada a *Resolução geral sobre a destruição de bibliotecas na Croácia, e Bósnia e Herzegovina*, que diz:

CONSIDERANDO que, a destruição das bibliotecas na Croácia e Bósnia e Herzegovina continua desde o verão de 1991, e;

CONSIDERANDO que, a biblioteca nacional e universitária da Bósnia e Herzegovina em Sarajevo foi destruída em 26 de agosto de 1992, e;

CONSIDERANDO que as bibliotecas escolares, públicas, memorial, científica e universitária foram danificadas ou completamente destruídas na Croácia e na Bósnia e Herzegovina, e;

CONSIDERANDO que, a biblioteca do Centro Interuniversitário em Dubrovnik, com sua coleção cuidadosamente desenvolvida por colegas em bibliotecas universitárias americanas, foi destruída, e;

CONSIDERANDO que a destruição das igrejas católicas, das mesquitas muçulmanas, juntamente com os registos paroquiais, as bibliotecas e os registos monásticos na Croácia e da Bósnia e Herzegovina prejudicam a infraestrutura arquivística da sociedade; agora, portanto,

CONCLUI-SE, que a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias condena esta violação do artigo 19 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*³¹ da Assembleia Geral das Nações Unidas; e, ainda

CONCLUI-SE, que a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias exprime o seu apoio contínuo e a sua solidariedade com os seus colegas profissionais na Croácia e na Bósnia e Herzegovina nos seus esforços para reestabelecer o acesso à informação e ainda

CONCLUI-SE, que cópias desta resolução devem ser enviadas para as Nações Unidas, UNESCO, OMS, membros da IFLA, artigo 19 - Centro Internacional de Censura. (COUNCIL ... , 1993, p. 83-84, tradução nossa³²).

³¹ O dito artigo prevê que “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber, e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independente de fronteiras.” (SENA, [s.d.], não paginado).

³² “WHEREAS, The destruction of libraries in Croatia, and Bosnia Hercegovina continues since the summer of 1991, and; WHEREAS, The National and University Library of Bosnia-Hercegovina in Sarajevo was destroyed on August 26, 1992, and; WHEREAS, School, public, memorial, scientific and university libraries have been damaged or completely destroyed in Croatia, and Bosnia Hercegovina, and; WHEREAS, The Interuniversity Center's Library in Dubrovnik, its collection having been carefully developed by colleagues in American university libraries, has been destroyed, and; WHEREAS, The destruction of Catholic churches, Muslim mosques, along with parish registers, monastic libraries and records in Croatia, and Bosnia Hercegovina undermines the archival infrastructure of the society; now, therefore, be it RESOLVED, That the International Federation of Library Associations and Institutions condemns this violation of Article 19 of the Universal Declaration of Human Rights of the United Nations General Assembly; and, be it further RESOLVED, That the International Federation of Library Associations and Institutions expresses its continuing support and solidarity with its professional colleagues in Croatia, and Bosnia-Hercegovina in their

Dessa forma, se reconhecem os problemas que a região enfrentava e se demonstra apoio para superar a situação. É importante frisar a relevância em reconhecer tais atos como atentados aos direitos humanos, visto que o acesso à informação, à cultura e à educação são direitos primários no que diz respeito a uma sociedade. Dentre os 12³³ patrocinadores dessa resolução, estava uma das mais importantes associações de bibliotecas, a American Library Association (ALA).

A ONU – Organização das Nações Unidas -, possui um Conselho de Segurança que elabora relatórios sobre conflitos ao redor do mundo para quantificar perdas e estudar a melhor maneira de se posicionar. Em 1994 foi organizado um relatório final sobre a situação da Ex-Iugoslávia, ele trata especificamente das destruições do patrimônio cultural, mas tem o foco em dois casos específicos que não bibliotecas. Concluí que as destruições foram cometidas por diferentes níveis de comando e que foram propositas a fim de destruir o patrimônio cultural, além de que patrimônios móveis foram pilhados sem qualquer justificativa.

No Anexo V, do mesmo documento, explica que “A destruição material da propriedade cultural não-Sérvia teve implicações óbvias para o espiritual e outros aspectos imateriais da mesma cultura.” (FINAL ..., 1994, Annex IV, p. 107, tradução nossa³⁴), isso se dá, pois, destruir o patrimônio cultural da região acabou levando junto as tradições e, além disso, se seguiu por expulsar e executar membros religiosos e artistas da região. Afirma ainda que esses se configuram como crimes de guerra previstos em convenções como a de Haia que já havia sido ratificada pela Iugoslávia, e, portanto, são passíveis de julgamento (M'BAYE, 1992). Também diz que esses crimes ocorreram por conta de uma tentativa de limpeza étnica, contudo, o relatório está mais direcionado a outras questões da guerra do que à destruição patrimonial. Visto isso, a ONU criou o um tribunal para o julgamento de pessoas responsáveis por graves violações do direito humanitário internacional cometidas no território da antiga Iugoslávia desde 1991, o Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia ou ICTY, este tinha a função

efforts to restore access to information; and be it further RESOLVED, That copies of this resolution be sent to the United Nations, UNESCO, WHO, IFLA Association Members, Article 19- International Centre on Censorship.”. (COUNCIL ... , 1993, p. 83-84).

³³ Os outros 11 patrocinadores foram: Association for Research Libraries, Special Libraries Association, Medical Libraries Association, Russian Federation of Library Associations and Societies, Norwegian Library Association, Estonian Library Association, American Association of Law Libraries, Library Association of the United Kingdom, Estonian National Library, Yale University Library, Helsinki Citizens Assembly.

³⁴ “The material destruction of non-Serbian cultural property has obviously had implications for both spiritual and other immaterial aspects of the same culture.”. (FINAL ..., 1994, Annex IV, p. 107).

de julgar os crimes de guerras ocorridos dentro deste espaço-tempo, inclusive as destruições contra o patrimônio cultural.

Outro documento realizado pela UNESCO foi o da Convenção sobre a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural - *Convención sobre la protección del patrimonio mundial, cultural y natural* -, que tenta alertar mais uma vez sobre a destruição do patrimônio. Este não cita em nenhum momento as situações de guerra ou destruições do patrimônio em conflitos, porém faz alguns apontamentos importantes. Considera que “[...] a deterioração ou o desaparecimento de um bem do patrimônio cultural e natural constituem um empobrecimento nefasto do patrimônio de todos os povos do mundo, [...]” (CONVENCIÓN ... , 1972, p. [1], tradução nossa³⁵). Além disso, indica a criação de um fundo, alimentado pelos Estados parte, para possibilitar a preservação do patrimônio e possível necessidade de reconstrução. A UNESCO ainda criou o Programa Memória do Mundo, que registra e busca preservar patrimônio bibliográfico ao redor do mundo, e um fator interessante é que ele foi um desdobramento do ataque contra a Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia, mostrando a imensa relevância do acontecimento.

No campo de estudos dos Direitos Culturais e a partir do percurso jurídico da concessão de direitos são produzidos uma série de documentos para tentar garantir o acesso e perpetuação da cultura. Nesse sentido, um documento formulado em favor do patrimônio cultural é a *Declaração de Friburgo* que trata dos direitos culturais. No artigo 3, identidade e patrimônio cultural, diz:

Toda pessoa, individualmente ou em coletividade, tem direito:

- a. de escolher e ter respeitada sua identidade cultural, na diversidade dos seus modos de expressão; este direito exerce-se, especialmente, em conexão com as liberdades de pensamento, consciência, religião, opinião e expressão;
- b. de escolher e ter respeitada sua própria cultura, assim como as culturas que em suas diversidades constituem o patrimônio comum da humanidade; isso implica particularmente o direito ao conhecimento dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, valores essenciais desse patrimônio;
- c. de ter acesso, particularmente pelo exercício dos direitos à educação e à informação, aos patrimônios culturais que constituem expressões das diferentes culturas bem como dos recursos para as gerações presentes e futuras. (DIREITOS ... 2007, p. 3).

³⁵ “[...] el deterioro o la desaparición de un bien del patrimonio cultural y natural constituye un empobrecimiento nefasto del patrimonio de todos los pueblos del mundo, [...]”. (CONVENCIÓN ... , 1972, p. [1]).

A declaração, mais do que falar sobre o direito ao acesso para a construção de identidade, se firma nos seguintes princípios:

- (1) Recordando a Declaração Universal dos Direitos Humanos, os dois Pactos Internacionais sobre Direitos Humanos das Nações Unidas, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, e outros instrumentos pertinentes de âmbito universal e regional;
- (2) Reafirmando que os direitos humanos são universais, indivisíveis e interdependentes e que os direitos culturais, tanto quanto os outros direitos humanos, são uma expressão e uma exigência da dignidade humana;
- (3) Convencidos de que as violações dos direitos culturais dão origem a tensões e conflitos de identidade que constituem algumas das principais causas da violência, das guerras e do terrorismo;
- (4) Igualmente convencidos de que a diversidade cultural não pode ser verdadeiramente protegida sem uma efetiva realização dos direitos culturais;
- (5) Considerando a necessidade de ter em conta a dimensão cultural de todos os direitos humanos atualmente reconhecidos;
- (6) Considerando também que o respeito pela diversidade e pelos direitos culturais é um fator determinante para a legitimidade e a coerência de um desenvolvimento sustentável baseado na indivisibilidade dos direitos humanos;
- (7) Constatando que os direitos culturais têm vindo a ser reivindicados sobretudo no contexto dos direitos das minorias e dos povos indígenas e que é fundamental garantir estes direitos de forma universal, nomeadamente às pessoas mais carenciadas;
- (8) Considerando que uma clarificação da posição dos direitos culturais no âmbito do sistema de direitos humanos, bem como uma melhor compreensão da sua natureza e das consequências das suas violações, constituem a melhor forma de evitar que sejam utilizados em defesa do relativismo cultural e que se transformem num pretexto para o confronto entre comunidades ou povos;
- (9) Considerando também que os direitos culturais, conforme enunciados na presente Declaração, são atualmente reconhecidos de forma dispersa num grande número de instrumentos de direitos humanos e que é importante reunir estes direitos a fim de garantir a sua visibilidade e coerência, e fomentar a sua plena realização; (DIREITOS ... 2007, p. 1).

Entre tantos, o tópico 3 chama a atenção por evidenciar uma relação entre a inviabilização do patrimônio, que como vimos é considerada prática de biblioclastia, e a guerra. Ao fim, essa declaração atenta para a importância do patrimônio, da sua disseminação e preservação. Podendo ser considerada os Direitos Humanos do patrimônio cultural, entre eles os livros e as bibliotecas, que apesar de não citados no documento, devem ser assim reconhecidos.

As regulações mencionadas acima elaboram medidas que deveriam ser seguidas para possibilitar a preservação do patrimônio ou fazem uma análise, como ocorre com a ONU, sobre a situação de determinada localidade. Infelizmente, a não efetividade das medidas se provam em tempos de guerra. Toda guerra possui dois lados, e um sempre está na busca por destruir o

outro, nesse sentido, a destruição do patrimônio e memória de um povo é a maneira de destruir mais do que o inimigo fisicamente, mas como ele lembra e quem ele é.

Não se deve ignorar que são numerosos os direitos humanos fundamentais que se violam nos bibliocaustos: o direito a dignidade, o direito a integridade da memória escrita dos indivíduos e dos povos, o direito a identidade, o direito à informação e o direito a investigação histórica e científica que os livros tornam possível. (BÁEZ, 2016, p. 56, tradução nossa³⁶).

A ONU, a UNESCO, a IFLA e outros comitês de especialistas, com essas medidas tentam amenizar a destruição descontrolada movida pelo ódio, mas isso tem se mostrado uma tarefa trabalhosa, principalmente pela relutância que as Nações têm em seguir tais indicações nos momentos de conflito. Contudo, esses documentos ainda sim são importantes, pois, oferecem, em caso de necessidade, respaldo político para a defesa do patrimônio cultural.

3.3 CENÁRIO: BÓSNIA E HERZEGOVINA

“Aqui está a tumba.

Reservem um minuto, enquanto a floresta escuta.

Tirem os chapéus!

Aqui descansa a elite do povo que sabe como morrer.”

(Inscrição, Memorial da Segunda Guerra Mundial, Bósnia)

A Bósnia e Herzegovina foi escolhida como nosso objeto de pesquisa em vista das constantes práticas de biblioclastia que presenciou além da proximidade temporal e para entender sua guerra é necessário voltar um pouco no tempo e analisar todo o contexto que ocasionou esse período (1992-1995) entendido como um dos mais sombrios existentes. Esse terceiro capítulo foi dividido em três partes.

³⁶ “No debe ignorarse que son numerosos los derechos humanos fundamentales que se violan en los bibliocaustos: el derecho a la dignidad, el derecho a la integridad de la memoria escrita de los individuos y de los pueblos, el derecho a la identidad, el derecho a la información y el derecho a la investigación histórica y científica que hace posible los libros.”. (BÁEZ, 2016, p. 56).

3.3.1 A Bósnia e Herzegovina no século XX

A Bósnia e Herzegovina foi um dos seis países a conquistar sua independência a partir da dissolução da antiga República Federal Socialista da Iugoslávia. A Iugoslávia foi um Estado europeu no século XX e teve término oficial no ano de 2003. Em 1991 se iniciaram as guerras para dividir e consolidar os novos países.

Oficialmente, o nome da Iugoslávia foi cunhado em 1929. A palavra, em Sérvio, significa ‘Eslava do Sul’, ou ‘Terra dos eslavos do sul’. Um Estado que desapareceu em duas ocasiões. A primeira de fato, em 1941, com a invasão alemã do país. Restaurado em 1945, o nome Iugoslávia voltaria a desaparecer em 2003 depois de várias guerras internas que o desintegrou. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 17, tradução nossa³⁷).

Situada na região dos Balcãs - como é conhecido o sudeste da Europa por essa palavra turca que remete a “montanha” – é um local acidentado não só por sua geografia, mas também por toda história que sua formação carrega (ALVES, 2004). A Iugoslávia restaurada era composta por seis repúblicas: a República Socialista da Croácia, a República Socialista da Macedônia, a República Socialista de Montenegro, a República Socialista da Sérvia, a República Socialista da Eslovênia e a República Socialista da Bósnia e Herzegovina, e duas províncias: a Província Socialista Autônoma do Kosovo e a Província Socialista Autônoma da Voivodina.

Após a segunda guerra mundial e a retomada da Iugoslávia, a mesma passou a ter como presidente Josip Broz Tito, conhecido popularmente como General Tito. Ele ficaria à frente da República da Iugoslávia, segundo a constituição, enquanto estivesse vivo, e buscava a criação de uma identidade única superior à das repúblicas componentes, e até sua morte em 1980 foi possível manter “controlada” a conflituosa região dos Balcãs. Porém, em seguida ao seu falecimento a situação se transformou por completo.

Após a morte de Tito em 1980 e a desintegração da dominação comunista no final da década, a federação da Iugoslávia começou a se dissolver. A coexistência pacífica tornou-se problemática e quando a Sérvia começou a dominar a federação, a Eslovênia, a Croácia e depois a Bósnia declararam independência. Em resposta, a Sérvia travou uma guerra, ostensivamente uma

³⁷ “Oficialmente, el nombre de Yugoslavia fue acuñado en 1929. La palabra, en serbio, significa ‘Eslavia del sur’, o ‘tierra de los eslavos del sur’. Un estado que desapareció en dos ocasiones. La primera, de facto, en 1941, con la invasión alemana del país. Restaurado en 1945, el nombre de Yugoslavia volvería a desaparecer en 2003 tras varias guerras internas que lo desintegraron.”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 17).

guerra civil em nome de uma Iugoslávia unida, que era vista pelas outras nações como uma agressão nacionalista perpetrada no interesse de uma Grande Sérvia [...]. As rupturas ocorreram ao longo de linhas nacional, religiosa e étnica, enquanto sérvios e croatas atacavam uns aos outros e aos muçulmanos. Questões de legitimidade política e territorial foram abordadas da mesma forma que sempre: grupos étnicos foram atacados e expulsos de áreas que eram reivindicadas como enclaves exclusivos dos sérvios ou croatas. Faltava um conceito moderno de tempo - a 'repetição perpétua dos mesmos arquétipos oblitera qualquer distinção entre ontem, hoje e amanhã' [...]. Memórias, suprimidas e deixadas para se infestar desde a Segunda Guerra Mundial, se tornaram uma inspiração para a violência; a identidade étnica e nacional racionalizou excessos de todo tipo. (DEBELJAK 1994, p. 19 apud KNUTH, 2003, p. 106, tradução nossa³⁸).

É também importante ressaltar que a tentativa de unificação identitária não fez com que os grupos se identificassem totalmente como Iugoslavos, da forma que Tito havia idealizado. Certamente, essa tentativa só ampliou os problemas de identidade que aconteciam na região

Em 1981, a Iugoslávia passava dos 21 milhões de habitantes, desses 8 milhões de sérvios, 4,5 milhões de croatas, 2 milhões de muçulmanos na Bósnia, Montenegro e Sérvia, e 1.730.000 albaneses muçulmanos em Kosovo e Macedônia. Os que se declararam simplesmente iugoslavos somavam 1.219.000. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 82, tradução nossa³⁹).

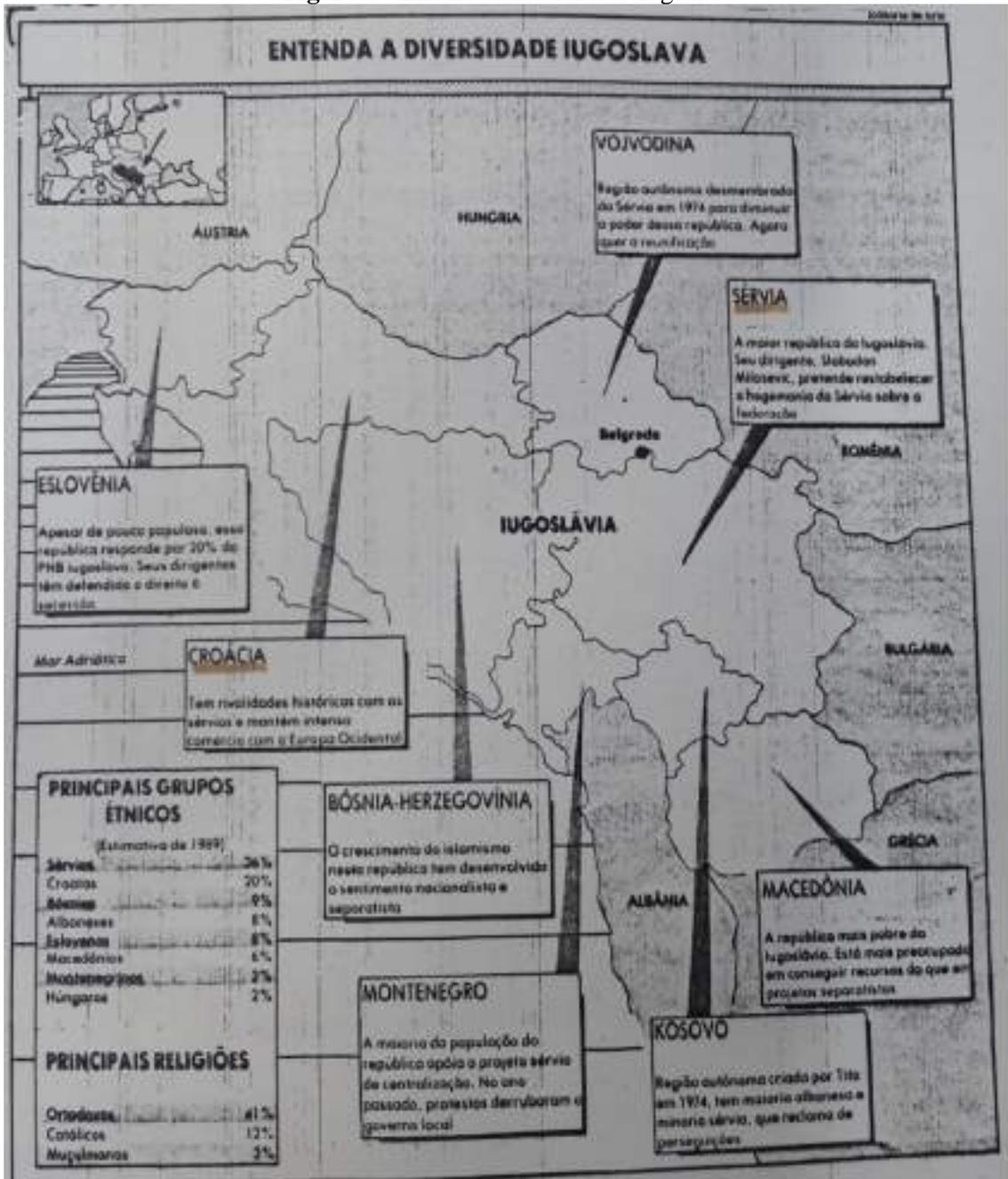
Uma imagem publicada na Folha de São Paulo ainda em 1990 mostra um pouco da situação que estava ocorrendo na região e que em breve eclodiria em um período intenso de guerras, nela é possível observar as diferenças religiosas e territoriais da antiga Iugoslávia. Ao falar da Bósnia e Herzegovina a figura revela que o crescente sentimento nacionalista no país estava relacionado a fatores religiosos e que entre as três principais religiões da ex-Iugoslávia,

³⁸ “After the death of Tito in 1980 and the disintegration of Communist domination later in the decade, federated Yugoslavia began to dissolve. Peaceful coexistence became problematic and when Serbia began to dominate the federation, Slovenia, Croatia, and then Bosnia declared independence. In response, Serbia waged war, ostensibly a civil war in the name of a united Yugoslavia, which was viewed by the other nations as nationalist aggression perpetrated in the interest of a Greater Serbia. Yugoslavs reemerged as nationalists, while two groups, the Serbs and Croats, revisited fascism. Ruptures occurred along national, religious, and ethnic lines as Serbs and Croats attacked each other and the Muslims. Questions of political and territorial legitimacy were addressed in the same way they had always been: Ethnic groups were attacked and driven from areas that were claimed as exclusive enclaves of either the Serbs or Croats. A modern concept of time was lacking—the “perpetual repetition of the same archetypes obliterates any distinction between yesterday, today, and tomorrow” [...]. Memories, suppressed and left to fester since World War II, became an inspiration for violence; ethnic and national identity rationalized excesses of every kind.” (DEBELJAK 1994, p. 19 apud KNUTH, 2003, p. 106).

³⁹ “En 1981, Yugoslavia sobrepasaba los 21 millones de habitantes, con 8 millones de serbios, 4,5 millones de croatas, 2 millones de musulmanes en Bosnia, Montenegro y Serbia, y 1.730.000 albaneses musulmanes en Kosovo y Macedonia. Los que se declararon simplemente yugoslavos sumaban 1.219.000.” (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 82).

o número de muçulmanos era composto por apenas 3% da população. Outro ponto é que, como pode-se observar na figura abaixo, a Bósnia e Herzegovina se situa exatamente entre a Croácia e a Sérvia, o que, praticamente, inviabilizaria passar por esse período sem ser afetada pela guerra, só não se imaginava que ali seria o palco para os mais terríveis atos dos anos seguintes:

Figura 6 - Entenda a diversidade Iugoslava



Fonte: (ENTENDA ... , 1990, não paginado).

Em vista das rivalidades étnico-religiosas, de uma busca por maior autonomia e do emergente sentimento nacionalista os componentes desse território começaram a entrar em

conflito. Em 1991 a Croácia, a Eslovênia e a Macedônia declararam suas respectivas independências, a partir desse momento se iniciou oficialmente o desmembramento da Iugoslávia e, quase que simultaneamente, as guerras que viriam a transformar, pelos próximos anos, essa região em um dos locais mais violentos e tensos do planeta.

São seis repúblicas
 São seis nações
 São quatro idiomas
 São três religiões (católicos, ortodoxos e muçulmanos)
 São dois alfabetos (cirílico e latino)
 Porém um só desejo:
 Independência. (LEGUINECHE, 1992, p. 10 apud REYES, 2013, p. 26, tradução nossa⁴⁰).

Em 1991 a guerra começou na Croácia, em 1992 na Bósnia e Herzegovina e ambas terminaram em 1995, em 1998 foi a vez de Kosovo e em 1999 Sérvia e Montenegro. Os últimos a declararem, em 2003, suas independências foram Montenegro e Sérvia, dando fim a anterior Iugoslávia. Portanto, a Bósnia e Herzegovina durante a maior parte do século XX foi uma das repúblicas componentes da Iugoslávia, após ter sido anexada pela mesma em 1918. Mas foi na década de 90 que se tornou o palco de uma das guerras mais cruéis da história europeia.

3.3.2 Configuração política, econômica, religiosa e cultural

Com a morte de Tito a presidência passou a ser rotativa, cada república componente teria o direito de eleger um presidente, o qual ocuparia o cargo por 12 meses, dessa maneira acreditava-se que haveria maior representação das distintas etnias. As muitas diferenças por tantos anos suprimidas começam a emergir, juntamente à uma tendência nacionalista. Unindo a questão política cada vez mais complicada em vista da falta de autoridade, as divergências de governo e o sentimento de desigualdade no tratamento dado para cada república com um cenário de crise econômica, começam a se criar faíscas que em determinado momento acenderia a fogueira que há muito tempo estava sendo construída na região dos Balcãs.

⁴⁰ “Son seis repúblicas son seis naciones son cuatro idiomas son tres religiones (católicos, ortodoxos y musulmanes) son dos alfabetos (cirílico y latino) pero un solo deseo: independência.”. (LEGUINECHE, 1992, p. 10 apud REYES, 2013, p. 26).

Após anos seguidos da ditadura comunista, na década de 90, as Repúblicas começaram a ter suas primeiras eleições democráticas. A Bósnia e Herzegovina realizou as suas entre os meses de novembro e dezembro, nesse período cada grupo étnico-religioso fez suas escolhas. A política desse território passou a ser uma República presidencialista tripartida, ou seja, são eleitos três presidentes, um de cada grupo – Bósnios, Croatas e Sérvios - que fariam um governo rotatório. O primeiro a ocupar a presidência foi Alija Izetbegović, muçulmano, advogado e filósofo. Hoje em dia, assim como nos anos descritos acima, cada eleito exerce o cargo por oito meses dentro dos quatro anos de mandato, eles são eleitos pelo povo (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016). Nesse período foram expostas as intenções separatistas.

Um dos fatores marcantes da Bósnia e Herzegovina é a diversidade étnico-religiosa, um espaço para união e convivência de grupos particulares. Esse país possuía uma população muçulmana grande se comparada com a Iugoslávia no todo, a última tinha como religiões principais os ortodoxos, os católicos e os muçulmanos, cada um somava cerca de 41%, 12% e 3%, respectivamente (PC ..., 1990). Se colocados lado a lado com a porcentagem de seguidores de religiões da Bósnia e Herzegovina é possível perceber uma disparidade em relação ao território total.

Bósnios, 43,7%. Uns 90 % eram muçulmanos.

Sérvios, 31,3 %. Uns 93 % eram cristãos ortodoxos.

Croatas, 17,3 %. Uns 88 % eram católicos.

Iugoslavos, 5,5 % (uma declaração pessoal que cada indivíduo fazia ao inscrever-se no censo; no resto da Iugoslávia, só 1 % se considerava iugoslavo). (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 194, tradução nossa⁴¹).

Os habitantes da Bósnia e Herzegovina eram, portanto, em sua maioria, muçulmanos. Vale ressaltar que essas são as formas como os próprios se declaravam ou era decidido de acordo com suas descendências, mesmo residindo no país acima falado muitos se declaravam Sérvios ou Croatas. Uma questão de identidade, que na Iugoslávia não era pouco complexa.

Na Iugoslávia cada indivíduo se vinculava, por nascimento, a uma comunidade hereditária que se definia por seus laços com uma crença religiosa caracterizada pela fé, pelos ritos e um clero. Mas não tinha nada a ver com a aderência religiosa pessoal. A religião desempenhou um papel indireto, não atual, senão histórico nas conformações nacionais. As nações Iugoslavas se constituirão antigamente sobre a base de comunidades confessionais. Ao fim

⁴¹ “Bosnios, 43,7 %. Un 90 % eran musulmanes. Serbios, 31,3 %. Un 93 % eran cristianos ortodoxos. Croatas, 17,3 %. Un 88 % eran católicos. Yugoslavos, 5,5 % (una consideración personal que cada individuo hacía al inscribirse en el censo; en el resto de Yugoslavia, solo un 1 % se consideraba yugoslavo).”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 194).

de um largo processo estas comunidades formaram consciência delas mesmas como nações. Não obstante, apesar da língua em comum e da vizinhança, e, sobretudo da cadeia geográfica, seus enfrentamentos não diferem em nada, enquanto suas motivações e posturas, dos conflitos que surgem entre povos totalmente estrangeiros um do outro. (GARDE, 1993, p. 72 apud SORIANO, 2014, p. 56, tradução nossa⁴²).

Falar sobre a Bósnia e Herzegovina e não abordar a questão das religiões seria inviável. As diferenças religiosas fizeram parte de toda a história da Ex-Iugoslávia e as discriminações partiram exatamente desse ponto. A diferença desse país é que ele abrigava a maior concentração de muçulmanos da antiga Iugoslávia, a religião mais atacada durante a guerra. Contudo, essa e outras crenças conviviam em certa paz no território, até a sua separação.

As religiões estão atreladas aos aspectos culturais, pois grande parte remetia a um tempo da história Bósnia ou a alguma religião do local. Arquiteturas mouras, manuscritos otomanos, igrejas ortodoxas, mesquitas muçulmanas e todo tipo de objetos que configurem parte das etnias ali existentes. A cultura na Bósnia e Herzegovina era, assim como seu povo, multiétnica. Um país onde era possível observar as mais diferentes culturas, desde a forma de se vestir, a arquitetura, e os costumes, até a língua. Plural é uma palavra que se encaixa muito bem nesse caso.

Durante a Idade Média, a Bósnia e Herzegovina era um reino independente chamado Bósnia. Mais tarde, foi um *'eyalet'* e parte do Império Otomano (1463–1878), e um *'corpus separatum'* sob o domínio do Império Austro-Húngaro (1878–1918). As civilizações e culturas do Oriente e do Ocidente, portanto, estão peculiarmente entrelaçadas em seu solo. (KASAPOVIĆ, 2015, p. 664, tradução nossa⁴³).

A autora continua, ainda, falando sobre a cultura do livro na Bósnia e Herzegovina, que sempre teve papel importante em vista do país ser repleto de mesquitas e mosteiros onde livros

⁴² “En Yugoslavia cada individuo se vinculaba, por nacimiento, a una comunidad hereditaria que se definía por sus lazos con una creencia religiosa caracterizada por la fe, los ritos y un clero. Pero no tenía nada que ver con la adherencia religiosa personal. La religión desempeñó un papel indirecto, no actual, sino histórico en las conformaciones nacionales. Las naciones yugoslavas se constituyeron antiguamente sobre la base de comunidades confesionales. Al final de un largo proceso estas comunidades formaron conciencia de ellas mismas como naciones. No obstante, a pesar de la lengua en común y de la vecindad, y sobre todo del encadenamiento geográfico, sus enfrentamientos no difieren en nada, en cuanto a sus motivaciones y posturas, de los conflictos que surgen entre pueblos totalmente extranjeros el uno del otro.” (GARDE, 1993, p. 72 apud SORIANO, 2014, p. 56).

⁴³ “During the Middle Ages, Bosnia and Herzegovina was an independent kingdom called Bosnia. Later, it was an *“eyalet”* and part of the Ottoman Empire (1463–1878), and a *“corpus separatum”* under the rule of the Austro-Hungarian Empire (1878–1918). The civilizations and cultures of the Orient and the West are, therefore, peculiarly interwoven in its soil.” (KASAPOVIĆ, 2015, p. 664).

eram produzidos. Esse aspecto cultural é importante para entender a representatividade que tinham as bibliotecas no país.

Há uma longa tradição na Bósnia e Herzegovina de escrever, colecionar, e preservar livros, que remontam à Idade Média (PISANA RIJEČ, 1982), durante esse tempo mosteiros católicos e ortodoxos mantiveram suas próprias bibliotecas. Essa tradição continuou durante o período otomano, seguida pelos costumes islâmicos e judaicos-sefarditas que também envolviam o cultivo da cultura do livro. Em 1537, a primeira biblioteca pública foi estabelecida em Sarajevo - a Biblioteca Gazi Husrev Bey. Depois disso, a era austro-húngara trouxe o espírito europeu para as bibliotecas da Bósnia e da Herzegovina, e foram criadas bibliotecas estaduais e étnicas dentro de várias associações culturais e educacionais. (KASAPOVIĆ, 2015, p. 666, tradução nossa⁴⁴).

Ao falar sobre a capital da Bósnia e Herzegovina, Frieze observa que “No caso de Sarajevo, a proximidade entre igrejas, sinagogas e mesquitas demonstram a poderosa história do patrimônio cultural e tolerância religiosa, e reflete a vida multicultural desses cidadãos.” (2011, p. 57, tradução nossa⁴⁵). Ou seja, essa cidade e as outras que formavam o território Bósnio eram conhecidas por sua aceitação cultural e religiosa, o que, ao ser declarada uma guerra firmada, principalmente, nos quesitos de território e etnia, não era uma vantagem. “Desde a Idade Média, a Bósnia tem sido uma sociedade complexa e multifacetada, onde influências culturais e religiosas do Ocidente e do Oriente se encontraram e interagiram [...]” (RIEDLMAYER, 2002, p. 4, tradução nossa⁴⁶).

3.3.3 A guerra: 1992-1995

Em 1992 foi vez de a Bósnia e Herzegovina buscar a separação e então se instaurar a guerra que perdurou até 1995 e considerada uma das mais cruéis da história. É curioso pensar que foi também na Bósnia e Herzegovina onde se deu o estopim para o início da Primeira

⁴⁴ “There is a long tradition in Bosnia and Herzegovina of writing, collecting, and preserving books, dating back to the Middle Ages (*Pisana riječ*, 1982), during which time Catholic and Orthodox monasteries maintained their own libraries. This tradition continued through the Ottoman period, followed by Islamic and Jewish-Sephardic customs that also entailed the cultivation of book culture. In 1537, the first public library was established in Sarajevo—the Gazi Husrev Bey Library. Thereafter, the Austro-Hungarian era brought European spirit into Bosnian and Herzegovinian libraries, and state and ethnic libraries within various cultural and educational associations were created.”. (KASAPOVIĆ, 2015, p. 666).

⁴⁵ “In the case of Sarajevo, the proximity of churches to synagogues and mosques demonstrates powerfully the city's history of cultural heritage and religious tolerance, and reflects the multicultural life of its citizens.”. (FRIEZE, 2011, p. 57).

⁴⁶ “Since the Middle Ages, Bosnia has been a complex and multifaceted society, where cultural and religious influences from East and West have met and interacted [...]”. (RIEDLMAYER, 2002, p. 4).

Guerra Mundial, com o assassinato do arquiduque Francisco Fernando da Áustria-Hungria e sua esposa em Sarajevo. É triste perceber que um mesmo lugar pode carregar tantas dores. Em um único século a Bósnia e Herzegovina foi afetada por três das piores guerras do século XXI, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a guerra que leva o seu próprio nome, isso para não nos estendermos falando das outras guerras Balcânicas. Alguns sinais do que estava por vir começaram na Croácia, que enfrentou conflitos e enormes destruições após declarar independência.

No momento em que a guerra estourou na Eslovênia e na Croácia, a maioria das pessoas na Bósnia e Herzegovina estava certa que o país delas não seria afetado. Mesmo quando a guerra finalmente alcançou a Bósnia e Herzegovina, [...] continuavam a acreditar que Mostar iria resistir por costumar ser conhecida como a cidade onde existia uma coexistência pacífica. (PALMBERGER, 2016, p. 1586, tradução nossa⁴⁷).

Como dito anteriormente, a Bósnia e Herzegovina se distinguia das demais ex-repúblicas Iugoslavas por uma melhor convivência entre as etnias, mas durante essa guerra os Sérvios-Bósnios não foram tolerantes. Por que falar de etnias? É necessário visto que a guerra ocorrida entre 1992-1995 foi uma guerra considerada étnica. Alves explica que “Como é sabido e estudado, foi no Ocidente que emergiu a noção de Estado nacional homogêneo, inspiradora de todos os nacionalismos e ‘limpezas étnicas’ do mundo. Foi essa ideologia ocidental ‘iluminista’ que provocou as chamadas ‘guerras balcânicas’ [...]” (2004, p. 11), assim como as outras guerras ocorridas na Bósnia e Herzegovina, a dos anos 90 teve esse mesmo caráter, uma tentativa de homogeneizar uma história construída por múltiplas etnias. Só dentro da Bósnia e Herzegovina havia quem se reconhecesse como bósnios nacionalistas, bósnios-sérvios e bósnios-croatas, os dois últimos grupos guerrearam contra os nacionalistas, principalmente os bósnios-sérvios com o apoio da Sérvia.

A dita guerra é lembrada como uma guerra extremamente violenta, principalmente para mulheres e crianças, os atiradores miravam pessoas do alto dos edifícios e sair pelas ruas da cidade se tornou um perigo, já a entrada de comida e armas era por meio dos túneis escondidos que possibilitavam algum apoio para a resistência. Com todas essas dores muitos procuraram se refugiar. Sarajevo foi a cidade mais afetada e perseguida durante a guerra, escolhida pelos Sérvios, possivelmente, por ser a capital e por ser um ponto geográfico estratégico, mas além

⁴⁷ “At the time war broke out in Slovenia and Croatia, most people in BiH felt sure that their country would not be affected. Even when the war finally did break out in BiH, many of my interlocutors still believed that Mostar would show resistance because it used to be the city known for its peaceful coexistence.”. (PALMBERGER, 2016, p. 1586).

disso, por ser um símbolo, cultural, religioso e étnico. Portanto, ela foi cercada e ficou sob o comando Sérvio por longos anos.

Desde o começo de abril de 1992 até o final de 1995, a cidade de Sarajevo viveu um implacável assédio por parte dos sérvios que a converteram no exemplo mais evidente da crueldade da guerra Bósnia. A imprensa se encarregaria de divulgar todo tipo de imagens sangrentas sobre o bombardeio de civis, baixas provocadas por atiradores [...]. Sarajevo foi o símbolo do horror de todas as guerras iugoslavas. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 206, tradução nossa⁴⁸).

As vítimas da guerra foram milhares ao longo desse período sombrio, ainda falando sobre Sarajevo os autores explicam esse lado nefasto do ceifado de vidas.

A investigação realizada pelo Centro de Documentação de Sarajevo estabeleceu posteriormente que durante o assedio morreram 13.952 pessoas: 9.429 Bósnios, 3.573 Sérvios e 810 Croatas. [...] aproximadamente sessenta por cento de todas as pessoas que morreram em Sarajevo durante o assedio eram soldados. Um total de 5.434 civis morreu durante o sitio: 3.855 Bósnios, 1.097 Sérvios e 482 Croatas. A UNICEF informou que de cerca das 65.000 a 80.000 crianças que habitavam a cidade durante o assedio, ao menos quarenta por cento recebeu um disparo de atirador, falecendo mais de quinhentos. Como resultado do elevado número de vítimas e das condições de guerra, se fizeram cemitérios em parques, campos esportivos e outros espaços abertos, incluindo o complexo desportivo construído para os jogos olímpicos de inverno de 1984. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 265, tradução nossa⁴⁹).

Sarajevo não foi a única cidade atingida, todo o país sofreu, as pessoas ao redor do mundo acompanharam os momentos de terror que tomavam conta da Bósnia e Herzegovina e

⁴⁸ “Desde comienzos de abril de 1992 hasta finales de 1995, la ciudad de Sarajevo vivió un implacable asedio por parte de los serbios que la convirtió en el ejemplo más evidente de la crueldad de la guerra bosnia. La prensa se encargaría de divulgar todo tipo de imágenes sangrantes sobre el bombardeo de civiles, bajas provocadas por los francotiradores [...] Sarajevo fue el símbolo del horror de todas las guerras yugoslavas.”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 206).

⁴⁹ “La investigación realizada por el Centro de Documentación de Sarajevo estableció posteriormente que durante el asedio murieron 13.952 personas: 9.429 bosnios, 3.573 serbios y 810 croatas. De ellos, 6.137 eran soldados de la Armija, y 2.241 tropas federales o serbias. Lo que significa que aproximadamente el sesenta por ciento de todas las personas que murieron en Sarajevo durante el asedio eran soldados. Un total de 5.434 civiles murieron durante el sitio: 3.855 bosnios, 1.097 serbios y 482 croatas. Unicef informó que de los cerca de 65.000 a 80.000 niños que habitaban la ciudad durante el asedio, al menos el cuarenta por ciento recibió un disparo de francotirador, falleciendo más de quinientos. Como resultado del elevado número de víctimas y de las condiciones de guerra, se habilitaron cementerios en parques, campos deportivos y otros espacios abiertos, incluido el complejo deportivo construido para los juegos olímpicos de invierno de 1984.”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 265).

levava ao fim definitivo da antiga Iugoslávia, era um caminho sem volta, tanta dor que não daria espaço para uma nova união – ao menos até os dias atuais.

A Bósnia e Herzegovina foi massacrada, com um embargo de armas não tinha nem mesmo condições de se defender. Para exemplificar a profundidade com que o país foi destruído pode-se utilizar o caso do massacre de Srebrenica, iniciado em 11 de julho de 1995 e que permaneceu por alguns dias. Como é possível ver na figura abaixo, nessa cidade foram assassinados 8.372 homens e meninos, e o dano não foi maior apenas pelo fato de as mulheres, os idosos e as crianças menores de 12 anos terem sido levadas para outra cidade. “Desde a Segunda Guerra Mundial, este foi o maior assassinato em massa da Europa e o primeiro caso legalmente reconhecido como genocídio desde o Holocausto” (O GLOBO ... , 2017, não paginado). Ao todo foram vitimadas cerca de 200.000 pessoas no país.

Figura 7 - O massacre de Srebrenica



Fonte: Windsor ([s.d.], não paginado). Acesso em: 27 abr. 2019.

Para alcançar o fim da guerra era necessário um acordo de paz, em vista disso os Estados Unidos precisou intervir e convocar os grandes líderes das diferentes etnias balcânicas na tentativa de finalmente ter algum êxito, esse momento viria a ser conhecido como os acordos de Dayton. Os líderes bósnios prontamente concordaram com a participação, já os sérvios tiveram dificuldades, pois muitos já tinham sido reconhecidos por seus crimes de guerra. A conferência teve a presença do secretário dos Estados Unidos, de um representante da União Europeia, de um mediador e também de um político Russo. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016)

As decisões sancionariam a limpeza étnica levada a cabo por sérvios e croatas ao longo da guerra, e nesse sentido não foram moralmente justas. Os bósnios, acostumados a sofrer, e apesar de suas últimas vitórias militares, não tiveram mais remédio que aceitar uma estrutura territorial que os fez perder parcelas de terreno conquistadas [...]. Antes do acordo de Dayton, os sérvios bósnios controlavam ao redor de 46% da Bósnia e Herzegovina (23.687 km²), os

bósnios 28% (14.505 km²) e os croatas 25% (12.937 km²). (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 311, tradução nossa⁵⁰).

No dia 21 de novembro de 1995 o acordo foi feito e assinado em Paris no dia 14 de dezembro, sendo assim formalizado. Com isso os sérvios bósnios perderam o território de Sarajevo para os bósnios, mas ganharam em quantidade final, ficando com quase metade do total e os Bósnios mantiveram pouco menos de um terço do país.

Porém, nem bósnios nem sérvios se deram por satisfeitos com os acordos em Dayton. A crueldade da guerra havia deixado umas feridas muito profundas nos primeiros e uma amarga sensação de derrota nos segundos, que considerando a guerra ganha, no último momento se sentiram traídos por todo o mundo, incluindo os políticos de Belgrado que os havia prometido uma grande Sérvia e agora só deixaram um país devastado e desunido. Assim as tensões se mantiveram nos meses que sucederam à medida que se iam abrindo as fossas comuns dos assassinados.

Todavia em 2015, vinte anos depois do fim da guerra, se mantinha viva a ideia de derrota entre os sérvios bósnios, que na velha capital de Pale seguem considerando Radovan Karadžić e o general Ratko Mladić, processados como criminosos de guerra, seus mais preciosos heróis. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 313, tradução nossa⁵¹).

Esse cenário mostra que mesmo com o fim da guerra e com as bagagens que esses povos, por muito tempo, irão carregar, os sentimentos em relação ao ocorrido são conflituosos. O que traz a preocupação de que talvez a região dos Balcãs, por não estar livre do seu passado, ainda não se encontre segura do seu futuro.

⁵⁰ “Las decisiones sancionarían la limpieza étnica llevada a cabo por serbios y croatas a lo largo de la guerra, y en este sentido no fueron moralmente justas. Los bosnios, acostumbrados a sufrir, y a pesar de sus últimas victorias militares, no tuvieron más remedio que aceptar una estructura territorial que les hizo perder parcelas de terreno conquistadas [...]. Antes del acuerdo de Dayton, los serbobosnios controlaban alrededor del 46 % de Bosnia y Herzegovina (23.687 km²), los bosnios el 28 % (14.505 km²) y los croatas el 25 % (12.937 km²).”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 311).

⁵¹ “Sin embargo, ni bosnios ni serbios quedaron satisfechos con lo acordado en Dayton. La cruel guerra había dejado unas heridas muy profundas en los primeros y una amarga sensación de derrota en los segundos, que considerando la guerra ganada, en el último momento se habían sentido traicionados por todo el mundo, incluidos los políticos de Belgrado, que les habían prometido una Gran Serbia y ahora sólo dejaban un país devastado y desunido. De ahí que las tensiones se mantuvieran en los meses sucesivos, a medida que se iban abriendo las fosas comunes de los asesinados. Y todavía en 2015, veinte años después del fin de la guerra, se mantenía viva esa idea de derrota entre los serbobosnios, que en la vieja capital virtual de Pale todavía siguen considerando a Radovan Karadžić y al general Ratko Mladić, procesados como criminales de guerra, sus más preciados héroes.”. (ROMERO, E.; ROMERO, I., 2016, p. 313).

3.4 A BIBLIOCLASTIA DURANTE A GUERRA DA BÓSNIA E HERZEGOVINA

“Deus da paz, disperse as nações que se comprazem na guerra, esta praga das pragas para os livros, santuários da eterna verdade.”

(Richard De Bury)

As práticas de biblioclastia durante a guerra da Bósnia e Herzegovina serão expostas para compreender quais motivos levaram os livros e as bibliotecas para esse fim, na busca por responder à questão principal dessa pesquisa: Quais seriam as motivações para a destruição de livros e bibliotecas no contexto da guerra da Bósnia e Herzegovina ocorrida entre 1992-1995? Esse capítulo é dividido em duas partes.

3.4.1 Os ataques às bibliotecas e aos livros

Não foram apenas os seres humanos as vítimas da guerra. É preciso falar dos livros e bibliotecas, que dentro desse cenário parecem sem importância, mas não o são. Entre os anos de 1992 e 1995 o patrimônio da Bósnia e Herzegovina foi duramente atacado, a intenção era de não sobrar rastros para percorrer e contar a história dos que ali viviam. Muitas perdas ocorreram nesse território, principalmente de mesquitas. Porém, as bibliotecas também sofreram com as investidas militares e ficou claro que estes foram ataques direcionados para atingir o patrimônio cultural/documental da Bósnia e Herzegovina. Somado ao patrimônio da Croácia foram destruídos inúmeros lugares que constituem a memória e formam a história de ambos países:

A magnitude da devastação do patrimônio é aterradora. Os dados obtidos em 1993 – incompletos - revelam que foram destruídas mais de mil mesquitas - das quais umas vinte datam do século XVI -, 150 igrejas católicas, 15 igrejas ortodoxas, 4 sinagogas e outros mil monumentos culturais, incluindo museus, bibliotecas, arquivos e coleções de manuscritos [...]. (CONSELHO DA EUROPA, 1993, doc. 6869, p. 8-18; doc. 6904 p. 6-8 apud BLAZINA, 1996, p. 156, tradução nossa⁵²).

⁵² “L'ampleur de la dévastation du patrimoine est terrifiante. Les données incomplètes, colligées en 1993, révèlent que plus de 1 000 mosquées dont une vingtaine datant du 16e siècle, 150 églises catholiques, 15 églises orthodoxes, 4 synagogues et 1 000 autres biens culturels, incluant les musées, les bibliothèques, les archives et les collections de manuscrits [...]”.(CONSELHO DA EUROPA, 1993, doc. 6869, p. 8-18; doc. 6904 p. 6-8 apud BLAZINA, 1996, p. 156).

Para saber sobre os números específicos da Bósnia e Herzegovina, esse trabalho entrou em contato com o maior *expert* no assunto, András Riedlmayer, diretor do Centro de Documentação do Programa *Aga-Khan* para Arquitetura Islâmica na Biblioteca de Belas Artes de Harvard desde 1985, que também testemunhou no Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia (ICTY) e na Corte Internacional de Justiça (CIJ) sobre os crimes ocorridos contra o patrimônio cultural da região. Quando questionado se havia alguma relação completa contendo as bibliotecas destruídas e danificadas durante a guerra ou uma listagem descrevendo os itens perdidos ou destruídos, prontamente, respondeu que:

Infelizmente, não existe um censo completo de perdas de bibliotecas na Bósnia. A guerra de 1992-95 na Bósnia ocorreu em uma época em que a maioria das bibliotecas na Bósnia ainda não havia convertido seus catálogos para a forma eletrônica. Os registros eram em sua maior parte em papel (catálogos de cartões, livros-razão) e, em muitos casos, os registros foram destruídos junto com os livros. Como resultado, é difícil saber exatamente quanto foi perdido, devido à falta de dados precisos. (RIEDLMAYER, 2019, não paginado, tradução nossa⁵³).

Existe uma breve quantificação de locais religiosos destruídos (ANEXO D – Quantificação de sítios religiosos destruídos) que menciona algumas bibliotecas, mas não existe uma lista específica para o caso, também é possível encontrar uma quantificação de locais atacados por municipalidade (ANEXO C – Quantificação de sítios destruídos por região) que assim como a anterior não esclarece a situação das bibliotecas. A falta de uma documentação que precise os danos contra as bibliotecas e os livros na guerra da Bósnia e Herzegovina dificulta imensamente o entendimento do quanto a biblioclastia humana atingiu o patrimônio documental no país. Contudo, o trabalho em questão vai exemplificar alguns dos piores momentos para as bibliotecas e os livros nesse espaço-tempo, deixando claro que esses não alcançam a totalidade das práticas de biblioclastia, muito menos, da destruição patrimonial por completo.

Na Bósnia e Herzegovina, no dia 17 de maio de 1992, foi vez do Instituto de Estudos Orientais de Sarajevo se tornar alvo da guerra. Esse espaço, que possuía a maior coleção de manuscritos otomanos e documentos islâmicos da Bósnia desapareceu completamente após ser

⁵³ “Unfortunately, a full census of library losses in Bosnia does not exist. The 1992-95 war in Bosnia took place at a time when most libraries in Bosnia had not yet converted their catalogues to electronic form. Records were for the most part on paper (card catalogues, ledgers) and in many cases the records were destroyed along with the books. As a result, it is difficult to know exactly how much was lost, because of the lack of precise data.”. (RIEDLMAYER, 2019, não paginado).

bombardeado e incendiado pelos sérvios. Seu acervo possuía livros de áreas distintas do conhecimento, desde história e geografia até filosofia e política.

Continha 5.263 manuscritos árabes, turcos, persas e bósnios; [...] uma coleção de poesias bósnias e otomanas, do século XI ao XX. Os arquivos continham mais de 7.000 documentos dos séculos XVI ao XIX com ordens de sultões, cartas de governadores, certificados jurídicos e cadastros, contas e reportes financeiros [...]. Os arquivos dos Vilayet⁵⁴ continham 200.000 documentos e cadastros do conjunto do território da Bósnia e Herzegovina que datam da segunda metade do século XIX. O instituto também tinha uma coleção de microfilmes de documentos vindos de outros arquivos, como o de uma biblioteca especializada de 10.000 volumes e 300 títulos de periódicos. (BLAZINA, 1997, p. 156, tradução nossa⁵⁵).

A destruição do Instituto de Estudos Orientais de Sarajevo, aberto em 1950, foi, provavelmente, a maior perda de patrimônio cultural da Bósnia, e, certamente, se encontra entre as piores da Europa ao longo do último século. A coleção do Instituto, que conseguiu ser refeita com ajudas externas, conta, atualmente, com 53 manuscritos da coleção original – que tinha mais de 5 mil -, 34 manuscritos comprados e 21 que foram doados, isso faz dessa nova coleção, focada nos manuscritos árabes, bósnios, turcos e persas, uma das menores (GAZIĆ, 2004). Para se entender a dimensão da perda, dentre os manuscritos que foram perdidos estava um da lei shari'a⁵⁶, esse era o manuscrito na língua árabe mais antigo de toda a ex-Iugoslávia. Outro exemplo de manuscrito destruído é o da figura abaixo. Relacionado à astrologia esse manuscrito datava do século XV e foi uma das perdas naquele fatídico dia em maio de 1992.

⁵⁴Vilayet era a divisão administrativa do império otomano.

⁵⁵ “Il contenait 5 263 manuscrits arabes, turcs, persans et bosniaques [...] collections de poésies par des poètes bosniaques et ottomans, de la période s'étendant du 11e au 20e siècle. Les archives contenaient plus de 7 000 documents du 16e au 19e siècle, y compris les ordonnances des sultans, des chartes de gouverneurs, des certificats juridiques et cadastraux, des comptes et des rapports financiers [...]. Les archives de Vilayet contenaient 200 000 documents et certificats cadastraux pour l'ensemble du territoire de la Bosnie-Herzégovine, de la seconde moitié du 19e siècle. L'Institut avait également une collection de microfilms de documents provenant d'autres archives ainsi qu'une bibliothèque spécialisée de 10 000 volumes et de 300 titres de périodiques.”. (BLAZINA, 1997, p. 156).

⁵⁶Shari'a ou xaria são as leis islâmicas que regem o costume dos que seguem essa religião. Os Estados islâmicos são conhecidos por ter governos submetidos a religião, ou seja, são uma teocracia. Isso mostra a grande importância desses textos.

Figura 8 - Página de manuscrito do século XV relacionado a astrologia. Destruído em maio de 1992 no Instituto de Estudos Orientais



Fonte: Riedlmayer (2002, p. 18).

Atualmente a biblioteca possui cerca de 19.000 itens, e o local continua a tentar adquirir materiais originais da época otomana. Não só sua biblioteca e a coleção de manuscritos foram atacadas, o arquivo do Instituto também foi destruído, este tinha a sua coleção original dividida em quatro partes:

A *Coleção Manuscripta Turcica* teve 7.156 documentos do período entre os séculos XVI e XIX. [...] A *Coleção Sigil*, ou seja, os protocolos dos tribunais locais, como fontes de primeira linha para o estudo da história local de partes e lugares individuais, consistiam de 66 sigilos ou seus fragmentos do período entre os séculos XVI e XIX. [...] os *Arquivos da Vilajet* com cerca de 200.000 documentos, juntamente com os materiais dos últimos trinta anos do domínio otomano na Bósnia e Herzegovina. [...] também contém uma *Coleção De Escrituras De Títulos* - documentos sobre a propriedade da terra no território de todos os kadiluks⁵⁷ na Bósnia e Herzegovina na segunda metade do século XIX, mostrando o nome do proprietário, o tipo de terra e a área coberta. Estes materiais foram classificados apenas de acordo com o ano e o kadiluk, mas não foram processados antes da destruição. (GAZIC, 2004, não paginado, tradução nossa⁵⁸).

⁵⁷ Jurisdição.

⁵⁸ “The *Manuscripta Turcica* Collection had 7,156 documents from the period between the 16th and 19th centuries [...]The *Sigil* Collection, i.e. the local courts' protocols, as first rate sources for the study of local history of individual parts and places, consisted of 66 sigils or their fragments from the period between the 16 and 19th centuries [...]the *Vilajet Archives* with about 200,000 documents, together

O arquivo do Instituto abrigava documentos sobre a vida na região e o passado do país e eram, então, de extrema importância para a memória e história da Bósnia e Herzegovina, assim como para o estudo de suas características e povos. A figura a seguir mostra um dos documentos manuscrito que foi parcialmente recuperado após a destruição.

Figura 9 - Documento parcialmente queimado do arquivo do destruído Instituto de Estudos Orientais.



Fonte: Riedlmayer (2002, p. 18).

É importante ressaltar que grande parte do acervo do instituto, seja de sua biblioteca ou seu arquivo, tinha também valor artístico em vista das iluminuras que os itens possuíam. Além disso, nem todo o acervo estava descrito e identificado, e o que estava, era, na maior parte das vezes, registrado em papel e, portanto, seu registro foi destruído junto ao resto.

Entre abril e maio deste mesmo ano, 1992, os sérvios escolheram a cidade de Mostar, situada na parte Herzegovina, como a próxima a sofrer as dores da guerra. Algo entre 50.000 e 60.000 livros foram destruídos na Biblioteca do Arcebispo⁵⁹ de Mostar, o Museu de

with the materials from the last thirty years of the Ottoman rule in Bosnia and Herzegovina. [...] also contain a collection of deeds of title - documents on land ownership in the territory of all kadiluks in Bosnia and Herzegovina in the second half of the 19th century, showing the owner's name, type of land and the area it covered. These materials had been classified only according to year and kadiluk, but they had not been processed before the destruction.”. (GAZIĆ, 2004, não paginado).

⁵⁹ Província na qual o arcebispo tem a autoridade.

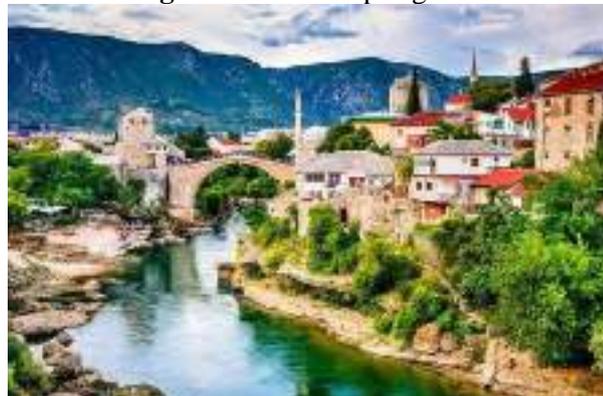
Herzegovina e a Biblioteca da Universidade de Mostar, que após a guerra precisou ocupar um local de 60 m² e ser refeita com doações, foram outras vítimas da cidade, mas não as únicas. (RIEDLMAYER, 2007). A ponte de Mostar, símbolo da cidade e símbolo reconhecido da convivência pacífica entre povos, também foi destruída, não era mais desejado exemplos como esse. A biblioteca do Arquivo de Mostar e seus 50 mil livros viraram pó em 1992, quando incendiários sérvios escolheram que era hora de atacá-la (BÁEZ, 2006).

Figura 10 - Mostar durante a guerra



Fonte: Carréra (2018, não paginado). Acesso em: 02 abr. 2019.

Figura 11- Mostar pós guerra



Fonte: (VIAJE ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 02 abr. 2019.

Localizada em Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina, a Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia, também conhecida como Vijećnica (se diz viyetchnitsa) foi a mais importante biblioteca do país. Teve sua construção iniciada em 1892 e em 1896 foi inaugurada para ser entregue à prefeitura. Sua arquitetura do período renascentista Mouro, reminiscências do governo austro-húngaro, fez dela uma construção simbólica e imponente. Foi inclusive Câmara Municipal, mas Tito decidiu fazer do prédio casa para a Biblioteca Nacional logo após a segunda guerra mundial (BÁEZ, 2006).

Figura 12 - Vijećnica, década de 40



Fonte: (NATIONAL ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 04 abr. 2019.

Abrigava em seus 6 mil metros quadrados uma quantidade dentro de 1 milhão e meio e 2 milhões de itens, entre livros, periódicos e – na casa das centenas - manuscritos, além da coleção da Universidade de Sarajevo. Destes, 155 mil eram obras raras. Além disso, foram destruídas certidões de nascimento, casamento e óbito (BÁEZ, 2006; BLAZINA, 1997), apagando o legado daquele povo em diversos patamares.

[...] cifras que nada dizem sobre outro fenômeno: a mistura de idiomas e de culturas que o local acumula. Os incunábulo e manuscritos (a impressão só chegou em 1866 à Bósnia, cópias manual e caligráfica constituíam ali coisas naturais até o fim do século XIX) eram redigidos em latim, russo, árabe, alemão, italiano, espanhol, turco, hebraico e persa. A escrita era tanto latina quanto cirílica, árabe ou hebraica, glagolítica evidentemente; inúmeros livros eram também escritos em alhamijado ou adzamijski – o árabe para transcreever os idiomas do país: sérvio, croata e bósnio. Este mosaico é a outra face do barril de pólvora. (POLASTRON, 2013, p. 236).

Infelizmente, o barril de pólvora pegou fogo. No dia 25 de agosto de 1992, por volta de dez e meia da noite, quando Sarajevo estava sob o comando do sérvio nacionalista Radovan Karadžić, o general Ratko Mladić – que depois seriam julgados por crimes de guerra - ordenou o ataque contra a biblioteca. De diferentes posições, 25 obuses⁶⁰ foram disparados contra a

⁶⁰ Obuses são os projéteis disparados por um obus - máquina de guerra que se assemelha a canhões e dispara projéteis explosivos, incendiários.

biblioteca, além disso, cortaram a água da região e tomaram as ruas ao redor, em uma clara intenção de impedir que os bombeiros chegassem ao local.

Em três dias de fogo 80% da biblioteca ruiu, o teto caiu, a estrutura foi danificada junto aos seus pilares e arcos, explosões quebraram as janelas, o sótão foi completamente destruído, o mesmo fim cruel teve a sua coleção (LOVRENOVIC, 1994; FRIEZE 2011), a biblioteca levou mais de uma década para ser restaurada e precisou da cooperação de outras instituições e países. A perda da Biblioteca Nacional da Bósnia junto ao Instituto de Estudos Orientais de Sarajevo é considerada uma das maiores destruições de livros dos séculos atuais, um estrago irreparável.

Figura 13 - Vijećnica, 26 ago. 1992.



Fonte: (WAR ... ,[s.d.], não paginado). Acesso em: 04 abr. 2019.

Figura 14 - Vijećnica destruída

Fonte: (WAR ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 04 abr. 2019.

Figura 15 - Vijećnica reconstruída.

Fonte: (SARAJEVO ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 04 abr. 2019.

Contudo, a Vijećnica não seria a última biblioteca atacada no decorrer da guerra da Bósnia e Herzegovina. Só das bibliotecas da Universidade de Sarajevo que somavam 16, nove – além da Vijećnica – foram atacadas com grandes perdas, mas todas tiveram algum dano. De acordo com Riedlmayer (2007), não houve sequer uma das bibliotecas universitárias de Sarajevo que passou pela guerra sem perder algum componente de sua equipe. A biblioteca municipal de Sarajevo também foi destruída, dos 300.000 livros que continha restou metade.

O Museu Nacional da Bósnia foi o foco do verão de 1992, mas felizmente os funcionários, em vista dos acontecimentos, transferiram o acervo da biblioteca de 250.000 volumes antes do prédio ser atacado, pois previam que isso poderia acontecer. Entre os volumes de seu acervo estava um dos manuscritos mais importantes do mundo, a Haggadah de

Sarajevo⁶¹ do século XIV, livro tradicional da Páscoa Judia, famoso por suas iluminuras que retratam a família à qual pertencera e que foi um objeto de desejo dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse precioso manuscrito atualmente, por meio de um acordo, pertence igualmente às etnias na região existentes, ou seja, ele precisa passar 1 ano a cada 3 anos em cada uma das capitais étnicas. Para sua segurança, ela é transportada em uma caixa-forte ao longo de sua trajetória entre Sarajevo, Banja Luka e Mostar (POLASTRON, 2013).

Figura 16 - Haggadah de Sarajevo.



Fonte: (SARAJEVO ... , [s.d.], não paginado). Acesso em: 07 abr. 2019.

Outro alvo da biblioclastia foi a Biblioteca Monástica do Seminário Teológico Franciscano. Esta não foi bombardeada, mas teve suas obras de arte e cerca de 50.000 livros pilhados por sérvios. Alguns foram vendidos pela cidade ou em outros países, o que fez com que conseguissem ser recuperados após a guerra, mas a maior parte nunca retornou ao seu lugar de origem (KARAMATIĆ, 1996; LOVRENOVIĆ, 1994; KARAMATIĆ, 2005 apud RIEDLMAYER, 2007). Não é possível dizer se estes foram destruídos, escondidos ou completamente vendidos – o que é uma possibilidade, tendo em vista que a coleção era composta por obras raras e manuscritos do século XVII.

A biblioteca muçulmana de Stolac, no lado da Herzegovina, perdeu grande parte do seu acervo, junto a algumas dezenas de manuscritos dos séculos XVII até o século XIX. Outras das 188 bibliotecas, segunda algumas estimativas, atacadas durante a guerra – 43 destruídas - foram a biblioteca da Mesquita do Imperador e a biblioteca da Mesquita Pogradska, a primeira tinha

⁶¹ A Haggadah de Sarajevo foi levada para a Bósnia por judeus que fugiam da Inquisição espanhola. Foi em outra ocasião salva das pilhagens nazistas por Derviš Korkut, curador muçulmano do Museu Nacional da Bósnia que escondeu a obra dos alemães que chegaram na Bósnia e Herzegovina com ela entre os itens listados para pilhagem (BÁEZ, 2006). Esse livro “sobrevivente” também teve que superar a Inquisição Espanhola.

em seu acervo alguns exemplares da *lawhas* – página escrita em uma antiga caligrafia islâmica e com iluminuras. Por falar em mesquitas, não menos que 1.200 foram atingidas, além das igrejas, sinagogas e espaços culturais diversos (BÁEZ, 2006). É válido informar que muitos desses espaços tinham acervos bibliográficos.

A cidade de Srebrenica, que sofreu um massacre, teve suas mesquitas destruídas, sendo uma a Mesquita Crvena Rijeka – ANEXO A (Destroyed buildings). Em 1993 ela já havia sido danificada por conta da guerra, mas com o genocídio iniciado em 11 de julho de 1995 foi completamente destruída, tendo inclusive seus destroços removidos como se ela nunca houvesse existido. Ademais possuía um prédio anexo que era o Arquivo e Biblioteca dos Medžlis da Comunidade Islâmica de Srebrenica. Não sobrou nada dos seus documentos, livros antigos, raros ou seu acervo da época otomana, como também foram perdidos todos os seus manuscritos (RIEDLMAYER, [s.d.]).

Conhecida como o espaço cultural mais antigo da Bósnia, encontra-se a biblioteca Gazi Husrev-beg. Ciente dos riscos que o patrimônio, a memória e a história da Bósnia e Herzegovina corriam – o que ficou bem claro após o ataque contra o Instituto de Estudos Orientais e a Biblioteca Nacional -, Jahić, diretor da biblioteca, que era famosa por ter uma coleção impressionante de 10.000 manuscritos, percebeu que precisava remover seu acervo para outra localidade imediatamente. Parte da coleção foi parar em cofres nos bancos, parte em outra biblioteca, mas a coleção de manuscritos – que não estava no banco – ficou sendo transferida de um lugar para outro. Esse feito foi realizado incríveis oito vezes ao longo dos 3 anos de cerco de Sarajevo. Ele afirmou que naqueles tempos as coisas mais importantes eram: comida, água e madeira, sendo assim, as estantes da biblioteca logo foram retiradas para servir ao terceiro caso (VERDE, 2016). Contra todas as possibilidades, bibliotecários e colegas levavam os livros em caixas de banana e sob o risco de ser abatidos por atiradores e chegaram, inclusive, a ser abordados por gangues. Como se não bastasse, ainda conseguiram microfilmar 2.000 manuscritos em um período de guerra, para isso foi preciso trazer os materiais necessários por um túnel clandestino.

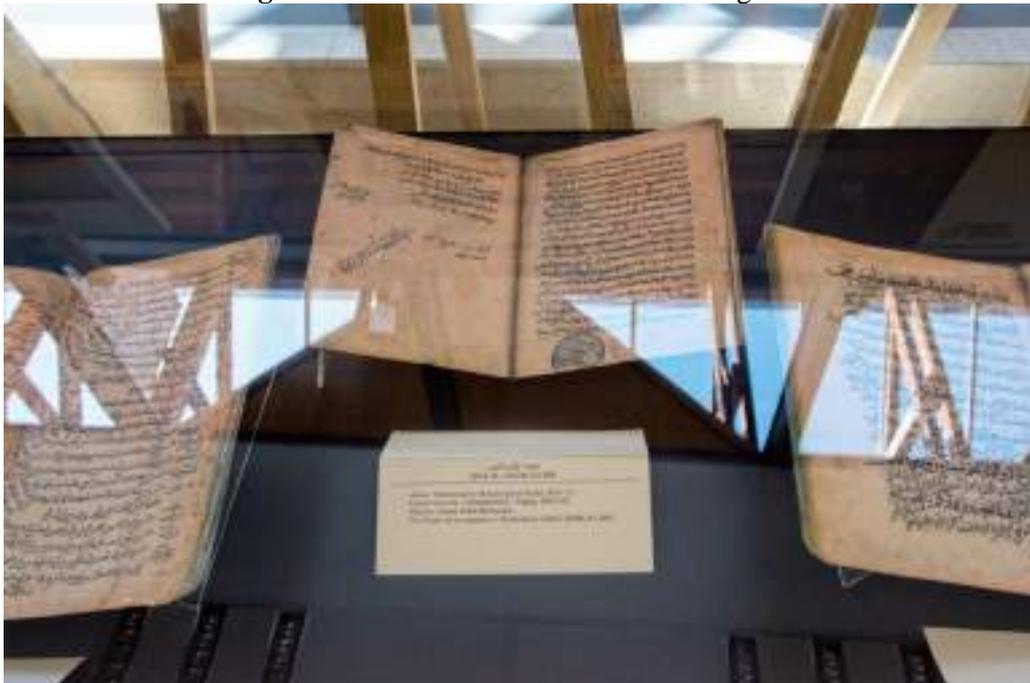
Seu manuscrito mais antigo e precioso é uma cópia de *Ihya'ulumal-din* (*O renascimento da ciência religiosa*), obra escrita em 1105 por al-Ghazali. Outro tesouro é *Tufhat al-ahrar* (*O presente ao nobre*), uma poesia didática do autor clássico persa do século XV Nur al-Din 'Abd al-Rahman, elaborado com caligrafia excepcionalmente bela em Meca, no ano 1575. Igualmente significativas são as cópias com encadernação decorativa do Corão que residem na biblioteca, as quais serviram de modelo para copistas. Muitos desses volumes produzidos com grande beleza possuem capas de couro em

relevo, páginas ricamente adornadas com caligrafia e bordas decorativas em cores índigo, dourada e vermelho-tijolo.

Entre seus 25 mil livros estão as mais antigas obras impressas (desde meados do século XVIII) por alguns dos autores mais prolíficos em línguas orientais, além dos mais antigos em idioma bósnio e vários dos primeiros livros produzidos pelo autor de origem húngara Ibrahim Müteferrika que, de 1674 a 1745, se tornou o primeiro muçulmano a operar uma imprensa com tipos móveis em árabe. A coleção de periódicos da biblioteca inclui os mais antigos jornais da Bósnia, além de praticamente todos os jornais e periódicos muçulmanos publicados no país, atuais e históricos, incluindo um conjunto quase completo de *Bosna*, o antigo diário oficial da *eyalet*, publicado de 1866 a 1878. Além disso, há cerca de 5 mil *firman*s (decretos reais) e *berats* (alvarás e licenças) otomanos; registros da corte sharia local conhecidos como *sijjils*; *defters* (registros fiscais); e também fotografias, panfletos e cartazes. (VERDE, 2016, p. 29).

Na figura abaixo está o exemplar do manuscrito mais antigo da biblioteca, *O renascimento da ciência religiosa*:

Figura 17 - O renascimento da ciência religiosa.



Fonte: Verde (2016, [p. 32]).

Por sorte, esse foi um dos espaços culturais que sobreviveram, mas não foram muitos. A cidade de Janja, com cerca de 100.000 habitantes foi mais uma das vítimas da limpeza étnica decorrente da guerra na Bósnia. Além de eliminar as pessoas que viviam ali – tenham sido elas mortas ou se tornado refugiadas – os sérvios destruíram também mosteiros, dentre os quais está o Mosteiro Antigo de Janja. Este abrigava a coleção de um escritor e importante estudioso bósnio que carregava a tradição do *alhamijado*, sua coleção era formada por centenas de livros antigos e manuscritos. Ainda no mosteiro se encontravam outras ricas coleções de escritores e

estudiosos que somavam mais de 3.000 itens, incluindo cópias manuscritas do *Alcorão*. (RIDLEMAYER, 2007). Bibliotecas particulares também foram destruídas e saqueadas, mas não é possível dimensionar as perdas, sabe-se muito pouco sobre o conteúdo dessas coleções além de que, geralmente, continham manuscritos e textos nas mais diversas línguas. Esses fatos expõem algumas das perseguições que escritores, estudiosos, filósofos e professores sofreram, ou seja, qualquer um que se interessasse pelo conhecimento, inclusive bibliotecários.

Bibliotecários começaram a ser assassinados no caminho de ida e volta do trabalho, não é possível dizer se pelas informações que ajudavam a proteger ou pelo conhecimento que guardavam dentro de si, entre os que perderam a vida está a bibliotecária Aida Buturović. A mulher que estava na casa dos trinta anos, voltava do seu trabalho na Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia para casa quando foi atingida por um tiro na cabeça, o gatilho foi apertado por um *sniper* em 1992. Mirko Azinović também faleceu após ser atingido chegando a sua casa, ele era um antigo funcionário da biblioteca e foi assassinado em 1993. Também em 1993 a bibliotecária Adela Leota foi assassinada e em 1994 um escritor e estudioso que frequentava a mesma biblioteca na qual os anteriores trabalhavam, a Nacional, foi morto (ZEĆO, 1996). Em tempos de guerra os bibliotecários correm risco de vida por auxiliarem na disseminação do conhecimento e por ser um dos profissionais responsáveis pela salvaguarda da memória.

Como na maior parte das guerras que atacam o patrimônio – alguma não ataca? -, a pilhagem foi mais uma prática utilizada para afetar as bibliotecas da Bósnia e Herzegovina. Riedlmayer ([s.d]), em um documento – parcialmente no ANEXO A -, lista diversos espaços religiosos que sofreram os efeitos da tentativa de homogeneização, fala sobre a Igreja Paroquial Católica Romana do Sagrado Coração de Jesus em Brčko, cidade da Bósnia, onde o pároco relata que a mesma foi bombardeada, mas um detalhe relevante é o de que o arquivo e a biblioteca do local sofreram saques pelos sérvios e que esses objetos removidos nunca mais retornaram ao seu lugar de origem, não se sabe ao menos qual fim tiveram.

Após a guerra foram criados programas para recuperar as bibliotecas e reunir possíveis microfílmagens feitas por visitantes dos locais antes da guerra, em um esforço para salvar alguma coisa do que se perdeu. Contudo, a maior parte não teve volta.

Não foi simples responsabilizar os culpados por essas covardes práticas de biblioclastia. O expert no assunto, András Ridlmayer, já utilizado nessa pesquisa, depôs (ANEXO E –

Depoimento Riedlmayer)⁶² sobre as destruições culturais sofridas na Bósnia e Herzegovina e teve que defender o ponto de que esses espaços, inclusive a Biblioteca Nacional, foram atacados pelos sérvios. Em contraposição, a defesa tentou justificar, de maneira pelo menos cínica, que ele não poderia afirmar essa culpa e, especificamente, no caso da Biblioteca Nacional, o fato da mesma abrigar também a história de outras religiões além do islamismo e de outros povos além dos bósnios, seria suficiente para validar que esses ataques não teriam relação com os sérvios, pois seria prejudicial para eles também. Em outro trecho do julgamento, Riedlmayer tem sua condição de expert colocada à prova, mas ao fim é inegável a veracidade da culpa dessas destruições terem partido dos sérvios e bósnio-sérvios ou dos bósnios-croatas e não dos bósnios nacionalistas como se tentou fazer parecer. Um dos trechos mais importantes da transcrição desse depoimento é:

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ: Você tem conhecimento de um conflito armado entre diferentes estados, entre diferentes religiões, entre diferentes grupos étnicos, entre diferentes nações [...]. O patrimônio cultural permaneceu intacto?

Mr. RIEDLMAYER: Não, não tenho. Na verdade, toda guerra resulta em destruição. No entanto, existe uma diferença fundamental na destruição que é causada incidentalmente a um [inaudível] e destruição que é deliberada e destinada a esses monumentos particulares. (IN THE CASE ... , 2006, p. 53, tradução nossa⁶³).

É o que a história mostra, as guerras causam destruições, mas ataques contra o patrimônio cultural como as bibliotecas, repetidas vezes, não são acidentais e devem ter seus biblioclastas responsabilizados. Em 2007, como mostra a figura abaixo e o ANEXO B (Decisão do julgamento), saiu o veredito e a Sérvia foi considerada culpada por ataques cometidos contra o Instituto de Estudos Orientais e a Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia e Herzegovina.

⁶² A transcrição do depoimento de András Riedlmayer está parcialmente, com os trechos mais importantes para esse trabalho, no anexo, contudo, ela é em língua inglesa e francesa.

⁶³ “Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Avez-vous connaissance d’un conflit armé entre les différents Etats, entre les différentes religions, entre les différentes ethnies, entre les différentes nations [...]. L’héritage culturel est resté intact ? Mr. RIEDLMAYER: No, I am not. Actually, all war results in destruction. However, there is a fundamental difference in destruction that is caused incidentally to a [inaudible] and destruction that is deliberate and aimed at these particular monuments.”. (IN THE CASE ... , 2006, p. 53).

Figura 18 - Veredito.

342. The Court notes that archives and libraries were also subjected to attacks during the war in Bosnia and Herzegovina. On 17 May 1992, the Institute for Oriental Studies in Sarajevo was bombed with incendiary munitions and burnt, resulting in the loss of 200,000 documents including a collection of over 5,000 Islamic manuscripts (Riedlmayer Report, p. 18; Council of Europe, Parliamentary Assembly; Second Information Report on War Damage to the Cultural Heritage in Croatia and Bosnia-Herzegovina, doc. 6869, 17 June 1993, p. 11, Ann. 38). On 25 August 1992, Bosnia's National Library was bombed and an estimated 1.5 million volumes were destroyed (Riedlmayer Report, p. 19). The Court observes that, although the Respondent considers that there is no certainty as to who shelled these institutions, there is evidence that both the Institute for Oriental Studies in Sarajevo and the National Library were bombed from Serb positions.

Fonte: (CASE ... , 2007, p. 185).

O povo não assistiu essas cenas de horror sem qualquer expressão, ficaram, minimamente, estupefatos com a sequência de destruições que seu país foi submetido. Já havia lhes tirado tudo, agora tiravam também os suportes para a sua memória, sua herança cultural, seu patrimônio e no meio de tanto, pessoas tentavam salvar livros. Em diversas dessas situações, a população e os profissionais responsáveis pela salvaguarda dos livros se colocaram em risco para resgatar os artefatos simbólicos que representam valores memoriais. É incrível pensar que quando o medo é papável, quando os problemas não são menores que a fome, que as doenças, que os bombardeios e que a incerteza de um futuro, ainda exista quem lute por livros. Quando isso acontece não existe certeza maior da importância que esses inocentes objetos possuem, pois quando não se tem nada, eles podem alimentar um velho sentimento, a esperança.

3.4.2 Motivações dos atos biblioclásticos entre 1992-1995

Em meio a tanto, inúmeras provas da destruição, procura-se compreender os motivos que levaram às práticas de biblioclastia durante a guerra da Bósnia e Herzegovina posicionada entre 1992-1995. O argumento que tenta validar tais perdas como acidente já não é aceito, nem mesmo jogar a culpa de um lado para o outro, ou ainda justificar como que aconteceu para fins militares. Não o são. Esses ataques têm um único caráter, o proposital. “Por qual motivo? Porque nesses armários estavam não apenas um traço dos ocupantes não sérvios e um símbolo da coexistência, mas, sobretudo, a prova de que durante incontáveis séculos eslavos se converteram ao islamismo e viveram pacificamente na Bósnia.” (POLASTRON, 2013, p. 237).

Como Baéz (2006, p. [293]) assinala sobre o incêndio na Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia e Herzegovina, o fato aconteceu mesmo com “[...] suas instalações

estarem marcadas com bandeira azuis para indicar a condição de patrimônio cultural”, ou seja, teve um objetivo oculto e o alvo foi certo, não foi por acaso. Ou talvez, não tão oculto assim. Visava-se unicamente a destruição do que aquelas paredes continham e representavam.

Após a exposição antecedente de contexto e acontecimentos, a autora define que a biblioclastia, no espaço-tempo anteriormente mencionado, ocorre por quatro motivos principais. Essas quatro motivações foram elaboradas nesse trabalho, não tendo sido retiradas de uma outra pesquisa, e refletem o que foi percebido como motivos pela autora ao longo do referencial teórico. Acredita-se, inclusive, que elas podem ser válidas, as quatro ou apenas algumas, em outros casos de biblioclastia proposital. Sendo assim, o primeiro motivo é o apagamento da memória, o segundo é o renascimento, em seguida tem-se a purificação étnica e, finalmente, a dominação⁶⁴.

O apagar da memória ocorre principalmente pela destruição do patrimônio, dessa forma se destrói a matéria prima que possibilitaria formar a identidade e assim se enfraquece o povo. Os livros são alvos por se encaixarem como patrimônio – representando os aspectos culturais, históricos, sociais, entre outros, de um povo - e detentores da memória – por ser possível evocá-la com base nas representações contidas nesse objeto -, são eles os suportes procurados no momento de entender a história e por isso são peças que precisam ser eliminadas:

Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (e se deseja) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. Aqui, o convite ou a coerção ao esquecimento tem a ver com as ortodoxias, com a tentativa de coagir todo pensamento possível dentro de uma imagem enrijecida e paranoica do mundo. (ROSSI, 2010, p.32).

Esse mesmo autor ainda diz, dando um breve espaço para a existência de apagamentos e silenciamentos no acervo, que:

A história do século XX, conforme bem sabemos, também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras da história foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens

⁶⁴ As quatro motivações elaboradas nesta pesquisa podem ser transpostas em quatro categorias de análise e reflexão sobre o fenômeno da biblioclastia. Neste sentido, a autora pretende, em pesquisas futuras, explorar tais categorias a partir da investigação de outros contextos histórico-culturais.

foram retiradas, textos foram montados em antologias numa ordem favorável a documentar filiações ideais inexistentes e ortodoxias políticas imaginárias. Primeiro foram queimados os livros. Depois foram eliminados das bibliotecas, na tentativa de apagá-los da história. (ROSSI, 2010, p. 33).

Essas passagens poderiam muito bem ter sido feitas para o caso das práticas de biblioclastia durante a guerra na Bósnia e Herzegovina, mas não foram, mesmo assim se encaixam bem no contexto. Porém, é possível reparar que esse apagamento da memória partindo da destruição de livros, mas não apenas deles, como de bibliotecas, intenciona a criação de um vazio no quais determinados grupos étnicos ou políticos possam escrever uma nova história. O apagamento da memória, nesse caso, por meio da aniquilação do patrimônio, fragmenta a identidade de grupos por todo país e inclusive ao redor do mundo. Quando a guerra acaba, o que resta é um povo incerto de quem é e sem um passado para descobrir.

O passado e o presente sempre estiveram ligados e não podem ser vistos separadamente visto que um influencia o outro – além do futuro:

Na iconologia renascentista, a memória era representada como uma mulher com duas faces, uma voltada para o passado e outra para o presente; levava em uma mão um livro (do qual poderia obter suas informações) e uma pluma na outra (provavelmente para poder escrever novos livros). (TODOROV, 2002, p. 237, tradução nossa⁶⁵).

Esse tal livro é a objetificação da memória do tempo. Memória que não é bem-vinda em certos períodos.

A biblioclastia ao longo dos anos de guerra na Bósnia e Herzegovina tinha como intenção apagar a memória destruindo o patrimônio daqueles que ali viviam, visando abrir caminho para o renascimento. Como dito anteriormente, o patrimônio bibliográfico é capaz de representar diversos aspectos de um grupo e, portanto, ao acessá-lo é possível evocar memórias que, em tempos de guerra, nem sempre são desejadas. Em realidade, nesses momentos difíceis, onde existe a pretensão de moldar a identidade de um povo e modificar sua história, alguns acham necessário destruir os suportes que servem de instrumento para a evocação de memórias indesejadas, de forma a eliminá-las, assim deixando o caminho “aberto” para o surgimento de novas memórias e de suas representações. Renascimento, como aqui entendido, é considerado no sentido cultural e histórico; onde algo novo surgiria de um passado morto.

⁶⁵ “En la iconología del Renacimiento, la memoria se representaba como una mujer de dos rostros, vuelto el uno hacia el pasado y el otro hacia el presente; llevaba en una mano un libro (del que podía sacar sus informaciones) y una pluma en la otra (probablemente para poder escribir nuevos libros).”. (TODOROV, 2002, p. 237).

Peña nos fala que “[...] a transcendência e o impacto do patrimônio só se potencializará na medida em que as sociedades conheçam, usufruam e reflitam sobre os elementos históricos, culturais e sociais deste.”⁶⁶ (2013, p. 35), permitindo compreender que sem a possibilidade de contato com o patrimônio, o povo não seria capaz de sentir sua influência, de evocar as memórias que ele representa e, então, identificar-se com ela. A tentativa de renascimento tem exatamente a intenção de impedir o acontecimento desse impacto com a representação de um passado, para colocar no lugar algo novo.

Durante as grandes guerras mundiais, Primeira e Segunda Guerra Mundial, ao tomar conhecimento da queima de livros, Freud disse “‘Somente nossos livros?’ [...] ‘Noutros tempos, teriam nos queimado com eles’”. (BATTLES, 2003, p. [167]), isso ocorre pelo entendimento que não se precisa apenas matar pessoas para apagá-las, é também necessário eliminar tudo que as representam. Acontece que, como disse Lyons (2001, p. 7)

O livro sempre foi muito mais do que uma ferramenta útil. Entre outras coisas, ele pode ser um instrumento pedagógico, uma fonte de inspiração religiosa e uma obra de arte. Ele foi base de religiões e fonte de imenso poder político. O cristianismo, o judaísmo e o islamismo – três das grandes religiões do mundo – estão centradas em livros sagrados [...]. Por muito tempo, a humanidade atribuiu poder mágico à palavra escrita.

E assim foi que muitos dos grandes momentos na história, como revoluções, o iluminismo e até o renascimento não teriam ocorrido da mesma maneira sem a disseminação e conhecimento proporcionados pelo livro e pela biblioteca. Talvez parta dessas grandes demonstrações de poder, que esses objetos e lugares apresentaram, a necessidade de destruí-los.

Podem parecer que a prática de biblioclastia vem se repetindo de tempos em tempos, e não é um erro pensar assim. Na passagem “Borges, em ‘O congresso’, conto incluído em *O livro da areia* (1975) fez um de seus personagens pronunciar: ‘A cada tantos séculos há que se queimar a biblioteca de Alexandria [...]’. É disso que se trata: queimar o passado é renovar o presente.” (BAÉZ, 2006, p. 27), podemos perceber que a apagamento da memória continua a deixar marcar pela história e, milênios, séculos ou anos, se passam, mas a ideia permanece a mesma, renascer, pois em certos momentos não se encontra possível apenas continuar do ponto anterior, é preciso destruí-lo para edificar um novo posição de partida. Báez nos conta que “Ao longo dos séculos, vimos que quando um grupo ou nação tenta subjugar outro grupo ou nação,

⁶⁶ “[...] la transcendência y el impacto del patrimonio sólo se potenciará en la medida en que las sociedades conozcan, usufructúen y reflexionen sobre los elementos históricos, culturales y sociales de éste.”

a primeira coisa que tenta fazer é apagar os vestígios de sua memória para reconfigurar sua identidade.” (2016, p. 52, tradução nossa⁶⁷).

Muitos governos ao longo da história acreditavam que apagando a memória anterior poderiam fazer ressurgir novos costumes, histórias, valores e ideais voltados para suas próprias convicções, o passado que muitas vezes é tão presente não pode então continuar a existir. É o que confirma Chartier (2009, p. 23) na passagem: “Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias.”. Na ilusão de que seria como pintar as páginas de um livro com tinta branca para poder reescrever por cima, sem pensar que em realidade, as páginas continuariam já escritas, só não seria possível lê-las. Ou seja, o passado não se modificaria, apenas o acesso a ele que seria danificado.

A destruição de arquivos, registros, documentos, testemunhos, livros, filmes, fotografias e obras de arte em geral, entre muitas outras representações humanas, situam no contexto do mal na história, a luta pelo poder e a ‘visão da existência como perpétua atrocidade’ que sustenta obscuramente, unida ao destino dos vencidos, a individualização e a desrealização simultânea destes, em suas perdas e ausências. Seu propósito é, no princípio, destruir a memória e, por fim, destruir a consciência, o conhecimento e toda a possibilidade de acesso a estes, com o fim de estabelecer e consolidar uma nova ordem política, social e cultural que seja imune a crítica de modo radical e permanente, e que a violência e perversão inerente a sua expansão e implantação sejam naturalizadas, deste modo, de maneira eficaz e indolor, sob a égide das instituições do Estado e dos poderes que o controlam. (VALENCIA, 2012 apud SANTOS, 2017, p. 91).

Em meio a tantos problemas, a Bósnia e Herzegovina ainda teve que enfrentar seus inimigos destruindo sua cultura, tentando destruir seu passado e sua trajetória, nesse delírio de refazer um país inteiro, forçar um renascimento indesejado.

A purificação étnica entra nesse momento, após se destruir a memória e “possibilitar” o renascimento, idealizando a homogeneização.

Livros foram destruídos como parte do discurso de homogeneização, suprimindo o individualismo no interesse do coletivo, e cooptando ou purgando os intelectuais. O objetivo dos regimes extremistas era o controle completo, e livros e bibliotecas foram comprometidos por sua associação com o humanismo, o credo das democracias inimigas [...]. Independentemente de suas agendas individuais os livros, por fim, pela sua própria existência e

⁶⁷ “A lo largo de los siglos, hemos visto que cuando un grupo o nación intenta someter a otro grupo o nación, lo primero que intenta es borrar las huellas de su memoria para reconfigurar su identidad.”. (BÁEZ, 2016, p. 52).

coexistência com a totalidade da literatura impressa mundial, apoiam o individualismo, o pluralismo, a criatividade, o racionalismo, a liberdade de informação, o pensamento crítico e a liberdade intelectual. (KNUTH, 2003, p. 236, tradução nossa⁶⁸).

Meneses (2000), explica que essa “purificação”/”limpeza” étnica – ambas palavras, entre aspas, que sozinhas tem significado positivo - são decorrentes do preconceito etnocentrista, no qual um povo considera seus hábitos, história, religião e cultura melhores que de um outro povo.

Decerto, o preconceito etnocentrista nunca é inocente [...]. É pernicioso, por trazer no seu bojo um elemento da mais alta periculosidade: a negação do "Outro" enquanto tal. E nega-o por senti-lo como uma ameaça à sua própria maneira de ser, e mesmo ao seu ser. [...] a ‘solução definitiva’ que Hitler quis dar ao problema judaico, e que Slobodan adotou, em relação aos bósnios e kosovares, com sua famigerada ‘limpeza étnica’. Nosso século se destacou por seus etnocídios e massacres.

Mas rejeição do Outro, combinada com a dominação, assume também outra forma: não tirar a vida do Outro, mas apenas a diferença, ou seja, extirpar-lhe a alteridade que o constitui como Outro, assimilando-o e reduzindo-o à imagem e semelhança do Mesmo. (MENESES, 2000, p. 246).

Esse trabalho entende que o termo etnocídio é mais justo com a crueldade dos atos sucessores desse preconceito – apesar de ele remeter mais ao sucesso dos atos do que as tentativas -, porém ainda existem divergências no momento de designar tais atitudes, que por muitas vezes tem motivações intrínsecas às culturais, sejam elas políticas ou ideológicas. Já Stavenhagen (2010) diz que esse acontecimento tem relação com a tentativa de expulsão de um determinado grupo étnico de certa região, numa tentativa de homogeneização, mas, contudo, para alcançar esse fim, geralmente, são utilizados métodos violentos e memoráveis.

A ideia de limpeza étnica implica na transferência forçada da população identificada em termos étnicos de um território para outro, por razões políticas, religiosas, nacionalistas, racistas ou, também ideológicas. Estas transferências forçadas de população, das quais existem numerosos exemplos, vem acompanhadas com frequência de atos violentos e massacres de população civil, que tem características genocidas.

⁶⁸ “Books were destroyed as part of the process of homogenizing discourse, suppressing individualism in the interest of the collective, and co-opting or purging the intellectuals. The goal of extremist regimes was complete control, and books and libraries were compromised by their association with humanism, the creed of enemy democracies [...]. Regardless of their individual agendas, books ultimately, by their very existence and coexistence with the entirety of the world’s print literature, support individualism, pluralism, creativity, rationalism, freedom of information, critical thinking, and intellectual freedom.”. (KNUTH, 2003, p. 236).

A ideia de limpeza étnica está vinculada a ideologia nacionalista e as políticas dos estados nacionais desejosos de conservar em seu território uma população etnicamente homogênea. Isto é, a limpeza étnica é o oposto do conceito de multiculturalismo. (STAVENHAGEN, 2010, p. 3, tradução nossa⁶⁹).

O autor ainda acrescenta que:

Quando uma comunidade étnica majoritária ou dominante consegue impor o monolinguismo na administração, nos meios de comunicação, na escolarização, e declarar uma religião oficial ou dominante, o resultado tende a ser a progressiva dissolução da identidade cultural dos grupos afetados e sua eventual desaparecimento. Este processo é conhecido como etnocídio e tem sido praticado amplamente em diversas partes do mundo. (STAVENHAGEN, 2010, p. 6, tradução nossa⁷⁰).

Dentre as práticas usadas para intentar a limpeza étnica de um povo, estão também as práticas de biblioclastia, que foram usadas na Bósnia e Herzegovina entre 1992-1995 e em tantas outras guerras que tiveram entre suas intenções a destruição de determinados grupos étnicos. No caso da guerra aqui trabalhada, um dos elementos principais para a destruição era a questão religiosa que estava intimamente relacionada às diferentes etnias.

Os sucessivos conflitos que atingiram a região na década de 90 tiveram forte impacto sobre o patrimônio cultural. Bibliotecas, manuscritos, mesquitas, igrejas, centros históricos, foram bombardeados ou dinamitados, estratégia que estaria relacionada à chamada ‘limpeza étnica’ [...]. Fatores culturais ou religiosos seriam o principal critério para a seleção de alvos, sejam humanos ou materiais. (RIEDLMAYER, 1999, p. 2 apud BO, 2003, p. 47).

Esse povo perseguido é desprovido da sua história enquanto os inimigos tentam removê-los de si próprios, fazendo-os perder sua identidade, destruindo-os por dentro. A fim de alcançar a purificação étnica os biblioclastas destroem as fronteiras culturais que delimitam as características de um grupo, que nessa pesquisa foram os Bósnios – em maior parte seguidora do islamismo.

⁶⁹ “La idea de limpieza étnica implica el traspaso forzado de población identificada en términos étnicos de un territorio a otro, por razones políticas, religiosas, nacionalistas, racistas o, en todo caso ideológicas. Estos traslados forzados de población, de los que existen numerosos ejemplos, van acompañados con frecuencia de actos violentos y masacres de población civil, que tienen características genocidas. La idea de limpieza étnica está vinculada a la ideología nacionalista y las políticas de los estados nacionales deseosos de conservar en su territorio una población étnicamente homogénea. Es decir, la limpieza étnica es todo lo contrario del concepto de multiculturalismo.” (STAVENHAGEN, 2010, p. 3).

⁷⁰ “Cuando una comunidad étnica mayoritaria o dominante logra imponer el monolingüismo en la administración, los medios de comunicación y la escolarización, y declarar una religión oficial o dominante, entonces el resultado tiende a ser la progresiva disolución de la identidad cultural de los grupos afectados y su eventual desaparición. Este proceso se conoce como etnocidio y ha sido practicado ampliamente en diversas partes del mundo.” (STAVENHAGEN, 2010, p. 6).

Os elementos subjetivos da *identidade étnica* sempre são o resultado de uma interação entre a evolução individual e o grupo em que o indivíduo nasce ou no qual é criado. Neste sentido, a *identidade étnica* se refere à consciência que uma pessoa tem de pertencer ao grupo do qual faz parte e de identificar-se com ele durante seu processo de desenvolvimento.

Os grupos sociais etnicamente diferenciados utilizam conteúdos culturais (representações simbólicas e práticas cotidianas e rituais) para traçar fronteiras. Estas fronteiras variam de acordo com os contextos e as necessidades históricas. Através destes processos se configuram identidades étnicas baseadas em elementos culturais, que são sempre relacionais. (SORIANO, 2014, p. 51, grifo do autor, tradução nossa⁷¹).

Os livros conseguem conter essas ditas representações simbólicas e configuram parte da identidade na Bósnia e Herzegovina e no mundo inteiro, se faz então necessário aos “purificadores”, aos biblioclastas, retirar da população o direito de sua memória. Para isso eles utilizam as práticas de biblioclastia tão presentes entre os anos de 1992-1995 para destruir o patrimônio e remover os registros históricos de uma cultura e etnia, ou seja, desvinculá-los de quem são e do grupo ao qual se identificam etnicamente.

A história que foi destruída, os edifícios, os livros, e documentos históricos, todos falam eloquentemente sobre séculos de pluralismo e tolerância na Bósnia. É essa evidência de um passado compartilhado com sucesso que os nacionalistas buscaram apagar. (RIEDLMAYER, 2002, p. 4, tradução nossa⁷²).

Esse pluralismo descrito por Riedlmayer não é aceito nos processos de purificação étnica, mas sim é oposto a ele. Como o próprio mostra, os livros abordam essa convivência de séculos e por esse exato motivo eles são destruídos, pois além de ser peça na formação da memória da Bósnia e Herzegovina é também oposição silenciosa aos preceitos dos biblioclastas, apresentam uma Bósnia onde a aceitação era presente, e como poderiam os Sérvios alimentar o ódio étnico com provas de que sua existência não era necessária? Vale ainda

⁷¹ “Los elementos subjetivos en la identidad étnica siempre son el resultado de una interacción entre la evolución individual y el grupo en el que el individuo nace o en el que se cría. En este sentido, la identidad étnica se refiere a la conciencia que tiene una persona de pertenecer al grupo del que forma parte y de identificarse con él durante su proceso de desarrollo. Los grupos sociales étnicamente diferenciados utilizan contenidos culturales (representaciones simbólicas y prácticas cotidianas y rituales) para trazar fronteras. Estas fronteras varían de acuerdo con los contextos y las necesidades históricas. A través de estos procesos se configuran identidades étnicas basadas en elementos culturales, las cuales son siempre relacionales.” (SORIANO, 2014, p. 51, grifo do autor).

⁷² “The history that has been destroyed, the buildings, the books, and the historical documents, all speak eloquently of centuries of pluralism and tolerance in Bosnia. It is this evidence of a successfully shared past that exclusive nationalists have sought to erase.” (RIEDLMAYER, 2002, p. 4).

dizer que “[...] o etnocídio, que faz do gênio de um povo o que o genocídio faz da carne.” (POLASTRON, 2013, p. 196). Desse modo, o genocídio, causador de uma ferida gigante, ganha seu equivalente no que condiz a cultura, o etnocídio, acarretando no enorme problema que geralmente só vai ser sentido após a guerra, a destruição do povo pelo aniquilamento da sua história, memória, patrimônio e, inevitavelmente, identidade.

[...] o termo ‘etnocídio’ foi não oficialmente introduzido para descrever a comissão organizada de atos específicos com a intenção de extinguir a cultura, totalmente ou em parte substancial. Isso poderia incluir a privação da oportunidade de usar um idioma, praticar uma religião, criar arte de maneira costumeira, manter instituições sociais básicas, preservar memórias e tradições, e assim por diante. (BEARDSLEY, 1976 apud KNUTH, 2003, p. 7, tradução nossa⁷³).

O etnocídio é comum nas situações em que se deseja homogeneizar uma determinada região e atinge essencialmente o patrimônio desses limites. E “[...] o etnocentrismo combinado com o sentimento de superioridade, que o grupo ou a nação dominante dedica aos dominados e oprimidos. Considerá-los sub-humanos, ou seres humanos de segunda classe, é pretexto e efeito de uma relação de dominação.” (MENESES, 2000, p. 250), onde, no caso da Bósnia e Herzegovina, ela era a dominada de maneira desumana.

Os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo antes insuspeitado: o da dominação completa sobre a memória. Não é que a destruição sistemática de documentos e monumentos tenha sido ignorada no passado, o que é um modo brutal de orientar a memória de toda a sociedade. Sabemos que, para colocar um exemplo longe de nós no tempo e no espaço, que o imperador asteca Itzcoatl no início do século XV, ordenou rastros e livros desaparecerem para recompor a seu modo a tradição; os conquistadores espanhóis, um século depois, se esforçaram, por sua vez, para queimar e fazer desaparecer os vestígios que testemunhavam a antiga grandeza dos vencidos. Mas, não sendo totalitários, esses regimes só se encarregaram dos depósitos oficiais de memória, permitindo sobreviver a muitas de suas outras formas, por exemplo, relatos orais ou poesia. Depois de entender que a conquista de terras e homens atravessa a informação e a comunicação, as tiranias do século XX sistematizaram seu controle sobre a memória e tentaram controlá-la mesmo em seus cantos mais secretos. Essas tentativas foram às vezes colocadas em xeque, mas é certo que, em outros casos (que, por definição, não

⁷³ “[...] the term “ethnocide” was unofficially introduced to describe the organized commission of specific acts with intent to extinguish culture, utterly or in substantial part. This could include deprivation of the opportunity to use a language, to practice a religion, to create art in customary ways, to maintain basic social institutions, to preserve memories and traditions, and so on.”. (BEARDSLEY, 1976 apud KNUTH, 2003, p. 7).

podemos citar), os traços do passado foram eliminados com sucesso. (TODOROV, 2002, p. 139, tradução nossa⁷⁴).

Assim, percebemos que todos esses passos levam a dominação sobre o povo com memórias destruídas, patrimônio em pedaços e identidades partidas, tentando realizar uma lobotomia irracional. É que “Shi Huangdi parece ter percebido a mesma coisa que os Ptolomeus aprenderam no Egito, ou seja, que o monopólio sobre os recursos intelectuais é tão importante para governar um país quanto o controle sobre a produção do arroz ou da seda.” (BATTLES, 2003, p. 43), e essa percepção ultrapassou o tempo - o arroz e a seda foram substituídos, mas os recursos intelectuais não -, alcançou os destruidores dos livros e das bibliotecas na Bósnia e Herzegovina e fez o que fez, causou um estrago sem precedentes.

Não é possível ser mais claro: sempre há uma entidade organizada, para assumir a supressão da cultura e realizar atividades que influenciam a memória coletiva. Neste caso, o agente que queima livros, o faz para impor seus termos ou para preservar a ordem e, por isso mesmo, tem sido o responsável pela implementação zelosa da mesma em sua comunidade [...]. Aqueles que tramam sobre o corpo social, a fim de excluir, aniquilar a diversidade, para restringir uma determinada visão de mundo, para aumentar o seu poder e trazer estabilidade para o seu governo, apenas provoca um imenso dano à cultura. (SANTOS, 2017, p. 91-95).

Isso não significa dizer que os Bósnios se renderam, apenas que a Sérvia buscou dominá-los além da violência física e do medo, destruindo tudo que tivesse significado para seus inimigos. Se baseando na ideia de apagamento para o renascimento e destruição étnica, visto que “O controle social exercido por aquele que queima livros é a obstrução de acesso ao conhecimento, para em seguida, modificar a realidade [...]” (SANTOS, 2017, p. 92) para assim criar uma realidade própria e díspar da original que não lhes agradava ou não lhes era útil.

⁷⁴ “Los regímenes totalitarios del siglo xx revelaron la existencia de un peli-gro antes insospechado: el de un completo dominio sobre la memoria. No es que en el pasado se hubiera ignorado la destrucción sistemática de los documentos y monumentos, lo que supone un modo brutal de orientar la memoria de toda la sociedad. Sabemos, para poner un ejemplo alejado de nosotros en el tiempo y el espacio, que el emperador azteca Itzcoatl, a comienzos del siglo xv, ordenó hacer desaparecer las estelas y los libros para poder recomponer a su modo la tradición; los conquistadores españoles, un siglo más tarde, se empeñaron a su vez en quemar y hacer desaparecer las huellas que atestiguaban la antigua grandeza de los vencidos. Pero, al no ser totalitarios, esos regímenes sólo la emprendían con los depósitos oficiales de la memoria, dejando sobrevivir muchas de sus otras formas, por ejemplo, los relatos orales o la poesía. Tras haber comprendido que la conquista de las tierras y los hombres pasa por la de la información y la comunicación, las tiranías del siglo xx sistematizaron su dominio sobre la memoria e intentaron controlarla hasta en sus más secretos rincones. Esas tentativas fueron puestas, a veces, en jaque, pero cierto es que, en otros casos (que por definición somos incapaces de citar), las huellas del pasado fueron eliminadas con éxito.” (TODOROV, 2002, p. 139).

Nunca houve, nem há, uma causa única para a destruição de um livro ou de uma biblioteca: há dezenas. Entretanto, e além das anedotas circunstanciais que exoneram ou culpam, predomina uma intenção deliberada de forçar uma amnésia gradual ou imediata que permita o controle de um indivíduo ou sociedade. (BÁEZ, 2016, p. 52, tradução nossa⁷⁵).

Se eles tivessem conseguido, evidentemente, não haveria histórias para se contar. A biblioclastia na região alcançou níveis assustadores, mas assim como a Biblioteca Nacional e Universitária da Bósnia e Herzegovina, o povo foi refeito e sua memória, mesmo marcada pela sangrenta guerra, continua viva. Mesmo se utilizando desses quatro passos – apagamento da memória, renascimento, etnocídio e dominação - para matar a história e cultura da Bósnia e Herzegovina, não foi possível, visto que a essas são muito poderosas e difíceis de destruir – mesmo quando feitas de papel -, o que ficou foi um gosto amargo e um buraco na memória da humanidade, tanto por causa das perdas quanto por essa mancha na história.

Deixa-se aqui o mesmo questionamento feito por Gazič ao recordar o Instituto de Estudos Orientais em chamas: “‘Pessoas matam pessoas em guerras, isso eu posso entender’, disse. ‘Mas assassinar livros é algo inimaginável. Os livros são um patrimônio que pertence a todos, em qualquer lugar. Como alguém é capaz de matá-los?’.” (VERDE, 2016, p. 30). Essa surpresa, provavelmente, ocorre, pois, em guerras já é esperado, conhecido, que pessoas são mortas, mas livros? As pessoas não esperam pela biblioclastia. Não se espera a destruição de algo que pertence a todos.

⁷⁵ “No ha habido nunca ni hay una sola causa para la destrucción de un libro o una biblioteca: hay decenas. No obstante, y más allá de las anécdotas circunstanciales que exoneren o culpen, predomina una intención deliberada de forzar una amnesia gradual o inmediata que permita el control de un individuo o sociedad.”. (BÁEZ, 2016, p. 52).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Todos sabemos que os livros queimam, mas sabemos também que os livros não podem ser mortos pelo fogo o que é mais importante. As pessoas morrem, mas os livros nunca morrem. Nenhum homem e nenhuma força podem abolir a memória. Nenhum homem e nenhuma força podem colocar o pensamento num campo de concentração para sempre. Nenhum homem e nenhuma força podem tirar do mundo os livros que encarnam a eterna luta do homem contra a tirania de qualquer tipo. Nessa guerra, sabemos: os livros são armas."

(Franklin Roosevelt)

Quando essa pesquisa ainda se encontrava no plano das ideias, tinha como motivação apresentar a destruição de livros e de bibliotecas, biblioclastia, como uma prática carente de atenção e de reconhecimento. Porém, com o passar dos meses no qual ela estava em desenvolvimento e com a definição do objeto, a guerra da Bósnia e Herzegovina (1992-1995), foi possível perceber que ia muito além. Era uma história que precisava – e precisa - ser contada, escrita, reinterpretada e, ao se aproximar – como tudo e todas as coisas - do fim foi quase possível escutar o suave som dos livros sendo recolocados nas estantes, se aquietando na paz, ao menos momentânea, das bibliotecas que foram enfim reconstruídas.

A temática escolhida apresentou surpresas ao se conectar com conhecimentos para além dos familiares, houve a necessidade de transigir entre a história, a política, a cultura e as particularidades étnico-religiosas de um país novo aos nossos olhares, que por muitas vezes nos eram completamente desconhecidas. Mas esse é o encanto que a História do Livro proporciona, passear por páginas de artigos detalhistas ao descrever os horrores da guerra e logo em seguida mergulhar nos ensaios de Borges e nas belas metáforas de Marguerite Yourcenar, falar em uma linha sobre os mais antigos manuscritos e em outra sobre o futuro.

Sim, aqui também validamos que a guerra contra os livros e as bibliotecas se repete, de tempos em tempos, como se fosse inevitável. Mas não buscamos dizer o que poderia ter sido feito caso pudéssemos, e não podemos, voltar no tempo, tentamos apenas entender quais foram as motivações para tamanha destruição. Por qual motivo destruir livros e bibliotecas é uma tática de guerra? O que levou a essas práticas de biblioclastia na Bósnia? Não são os livros apenas papel?

No intuito de responder tantas perguntas, precisaram-se buscar as tantas respostas - que não estavam ainda escritas. Seria inviável fazer isso sem construir um forte de conceitos e desmembrar as diversas facetas dessa pesquisa. Para tanto, elaboramos um caminho qual seguir a fim proporcionar a visão do que a História do Livro não costuma tratar, o seu fim⁷⁶. É comum encontrar estudos sobre o nascimento do livro, o princípio da biblioteca, a época de ouro desses materiais, quando eles eram espécimes únicos e dotados de muito poder. Contudo, dificilmente fala-se sobre a morte do livro e ela é tão importante para entender sua história quando seu surgimento.

De tal maneira, iniciamos nossa pesquisa falando sobre os conceitos essenciais para se entender o que leva à destruição dos livros. Os livros, o que eles são, o que eles abrigam e o que representam, ou, respectivamente, o patrimônio, a memória e a identidade. Relacionar a biblioclastia com essas conceituações é o que torna possível compreender as motivações que conduzem às cenas descritas na guerra da Bósnia e Herzegovina, quando o foco são livros e bibliotecas. Enfatizamos que os livros contêm memória, são patrimônio e juntos, como em uma biblioteca, são formadores da identidade de um povo, o que é muito importante para o mundo e perigoso para eles. Nunca nos pareceu tão claro que livros não são apenas papel, mas constitui quem somos.

Seguimos fazendo a análise etimológica da biblioclastia para entender a epistemologia das suas práticas, desde o seu nascimento como palavra até os dias atuais. Explorar o significado do termo proporcionou entender a visão dos estudiosos da História do Livro acerca do tema e identificar a repetitividade dos atos contra os livros. Assim sendo, pudemos notar que a palavra originada na Grécia veio para nomear um fenômeno, mesmo naquele tempo, já existente, o que possibilita remontar a destruição de livros e bibliotecas há muitos anos atrás e questionar do por que ela ainda continua a se fazer presente.

Percorremos, mesmo que sem sair do lugar, países e grandes organizações para evidenciar seus posicionamentos diante essas práticas irreversíveis. E nessa jornada encaramos diversas recomendações que, infelizmente, não evitam o acontecimento da biblioclastia – no desfecho a decisão cabe aos que estão com a tocha na mão. Apesar da possibilidade de julgamento, das formas de prevenção e de rápida resposta, as destruições se repetem, restando remediar um estrago que não foi possível impedir e um enorme sentimento de impotência contra

⁷⁶ É muito comum encontrar textos sobre História do Livro que falem sobre o surgimento do livro, os seus suportes antecessores, o livro no medievo, os manuscritos e o que se relaciona com seus primórdios. Contudo, é mais difícil encontrar material que aborde, em maior parte ou completamente, sobre a destruição dos livros em qualquer forma que ela ocorra.

a ignorância – não de não saber o que se está fazendo, os biblioclastas sabem, mas de pensar que essa é a solução.

Ainda sim, documentações como essas são indispensáveis por, além de funcionar como um farol para os espaços culturais e espaços de memória, no tocante aos seus direitos e deveres, serem também a materialização do que deveria ser feito em casos onde o patrimônio esteja em risco. Mesmo que, como certos momentos históricos mostram, seja quase utópico, no abismo entre o ideal e a prática, elas são necessárias para despertar a consciência acerca das destruições do patrimônio e, principalmente, da necessidade de evitá-las.

Caminhamos também por estradas novas e, em muitos casos, sombrias ao desmembrar a Bósnia e Herzegovina do século XX, suas características e sua dolorosa guerra entre 1992 e 1995. Transcorremos no tempo, iniciando em um país onde se deu o estopim da Primeira Guerra Mundial e que após a Segunda virou pedaço da República da Iugoslávia, um lugar onde diversas etnias convergiam, terra de uma cultura única que essa diversidade proporcionou e de aspectos políticos tão distintos dos conhecidos. Ao ultrapassar o limite que levava ao nosso espaço-tempo, tudo mudou. Aqui foi o momento em que os relatos cruéis da guerra quebraram, no percurso desta pesquisa, uma antiga noção da realidade e da dureza que a vida pode ter, foi o caminho mais difícil de transpor – não por falta do que ler e ver, mas por faltar forças para “escutar” memórias que pareciam gritar -, visando chegar ao ponto em que é palpável conhecer minimamente nosso objeto e a dor de suas perdas. A Bósnia e Herzegovina, com tanto para proporcionar, foi terreno de uma das maiores guerras dos últimos tempos e ainda buscamos entender o que ela fez para receber a desmedida violência ali aplicada.

A guerra refletiu seu poder devastador para outro quesito, os livros e as bibliotecas. Apresentamos a sequência de práticas de biblioclastia ocorridas na guerra da Bósnia e Herzegovina, em uma exposição realizada da maneira que acreditamos ser capaz de demonstrar a dimensão do ocorrido, mesmo que usando exemplos sintetizados. É inevitável se deparar com a clara perseguição contra os livros e bibliotecas que, não foram acidentes, não foram erros de cálculo, não foi desconhecimento. Foi guerra, guerra contra a memória e o patrimônio de um povo.

Chegamos, então, ao nosso ato final. Após tudo que foi conceituado, desmembrado e exibido, respondemos ao problema de pesquisa inicialmente pontuado definindo quais foram as motivações para os atos biblioclásticos ocorridos durante a guerra da Bósnia e Herzegovina entre 1992 e 1995. Acabaram agrupadas em quatro, sendo elas:

- a) o apagamento da memória;
- b) o renascimento;

- c) a purificação étnica;
- d) a dominação.

Identificamos que no caso da guerra citada acima, o apagamento da memória foi utilizado como tática de desestabilização de certa etnia, em vista de que a destruição dos livros e bibliotecas remove a memória e dificulta a visitação ao passado para assim se identificar no presente e no futuro. Esse papel de abrigar memória é o grande motivo pelo qual as bibliotecas e os livros são destruídos e não a sua materialidade. Os biblioclastas atentaram contra dezenas de bibliotecas na Bósnia e Herzegovina ao longo dos quatro anos de guerra e em certo sentido conseguiram apagar muita coisa, já que não é possível nem mesmo recuperar os títulos perdidos ou o número exato de bibliotecas afetadas.

Após apagar a memória entendemos que ela ocorreu a fim de causar o renascimento de um povo, uma cultura, um lugar e, se possível, da história. O Homem apaga para reescrever, esse é o pensamento que antecede as destruições e que é resultado sucessor ao apagamento da memória. A biblioclastia continua a se repetir, pois, mesmo com o passar do tempo ainda se nutre uma irracional idealização de reconstruir o que já foi construído, grandes governos e poderosos líderes estão cientes que os livros são um obstáculo nessa insana tentativa de renascer. Essa procura pelo renascimento, como vimos, acaba por deixar rastros tanto para o povo diretamente afetado como para o resto do mundo.

A purificação étnica, indo um pouco mais além, pretende a homogeneização. Usando uma palavra que lembra um ato agradável - purificar -, mas que possui objetivos imundos. O “purificador” compreende que seus ideais, valores, cultura e outros aspectos são superiores ao do povo que precisa ser eliminado. Dessa forma, a purificação étnica é a limpeza de uma cultura em favor de outras, na crença do Livro único, onde um seria mais digno que o restante.

Ao relacionar todos os três tópicos acima, tem-se como resultado a dominação. Subjugar um povo por meio do apagamento da sua memória e de sua cultura é um dos artifícios utilizados em guerras, na guerra da Bósnia e Herzegovina não foi diferente. Quando uma população perde seus referenciais ou não pode ter acesso a sua cultura ela fica perdida. Assim, a dominação é mais fácil de ocorrer e na guerra vence quem domina o adversário.

Em vista disso, apesar da guerra da Bósnia e Herzegovina poder ter suas motivações políticas e territoriais, a destruição de livros e bibliotecas, biblioclastia, como esse trabalho acredita, tem como motivações as quatro citadas acima. Isso atenta para o fato de que a biblioclastia tem objetivos muito sólidos e que nas situações como as guerras, em especial a da Bósnia e Herzegovina, é proposital.

A partir desse caminho tecido ao longo do trabalho, houve a grande percepção de que falar sobre a biblioclastia não é uma discussão apenas pelo que se perdeu, mas também sobre como tem sido nossa posição, ética ou não, em relação à destruição da produção intelectual e cultural da humanidade. O lugar da cultura e do patrimônio em relação ao governo e as políticas públicas continua a ser um problema muito atual em vista do descaso e da não prioridade que estes costumam ter. Para tanto, entende-se a necessidade latente de que ocorram mudanças que os valorizem.

Embora, no Brasil não haja histórias tão emblemáticas - quanto a da Bósnia e Herzegovina - de biblioclastia em situações de guerra, existem aqui outras formas de destruir livros. Bastante recente tem-se o exemplo da Ditadura Civil-Militar, onde a prática da censura foi realizada em larga escala e, se lembrarmos da conceituação de biblioclastia tem-se que ela é qualquer prática a fim de inviabilizar o acesso aos livros, ou seja, a censura desse período foi igualmente uma prática biblioclástica. Ainda sobre o Brasil, é possível perceber a necessidade dessa discussão por conta dos rumos atuais, onde se veem leis e medidas, que apontam para um futuro obscuro para os documentos, sendo realizadas, e ainda, a falta de reconhecimento dos livros e outros materiais bibliográficos como patrimônios, em prol dos bens de pedra e cal – questão antiga, porém não modificada.

Pessoalmente, desenvolver esse trabalho, em especial por seu objeto, me colocou de frente a situações extremas e muito diferentes da minha realidade, por isso, posso dizer que fui engrandecida não apenas como pesquisadora, mas como pessoa. A Biblioteconomia nunca mais será a mesma aos meus olhos, nem será o bibliotecário. Desde o princípio, quando tive a sorte de ler Báez, fui conquistada por essa história conturbada que os livros e as bibliotecas perpassam ao longo do tempo e achei assustador o fato dela ser pouco comentada.

A biblioclastia me parece digna de maior reconhecimento e acredito que cabe, em grande parte, aos bibliotecários estudarem-na para fazê-la visível. Escrevi os primeiros parágrafos dessa pesquisa buscando mudar esse rumo, alimentar a temática e lhe dar voz, mas, sem perceber, a pesquisa sendo escrita foi que me mudou. Carrego a esperança de que esse estudo sirva como aparato crítico para pensar as questões relacionadas ao nosso patrimônio e como estabelecer medidas para preservá-lo e reconhecê-lo, independentemente de suas particularidades e a qual biblioclastia estão expostos. Por fim – já que toda história termina –, conclui-se que as quatro motivações para as práticas biblioclásticas na Bósnia e Herzegovina, são a confirmação de que a biblioclastia, mais do que abominável, é a maior prova do valor inestimável que possuem os livros, e, portanto, as bibliotecas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Augusto L. Nacionalismo e etnias em conflito nos Balcãs. **Lua Nova** [online], São Paulo, n. 63, p. 5-37, 2004. ISSN 0102-6445.
- BÁEZ, Fernando. Hacia una teoría parcial de la biblioclastia como fenómeno histórico. **Revista de la Biblioteca Nacional: La Biblioteca**, [S.l.], v. 11-12, p. 49-57, 2016. ISSN 0797-9061.
- BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas da suméria à guerra no Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 438 p.
- BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas**: de alexandria às bibliotecas virtuais. São Paulo: EdUSP, 2018. 400 p. ISBN 978-85-324-1613-2.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 238 p.
- BEBELPLATZ. [S.l.]: Wikipédia, [s.d.]. *Online*. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Bebelplatz>>. Acesso em: 22 maio 2019.
- BERGER, Sidney E. **The dictionary of the book**: a glossary for book collectors, booksellers, librarians, and others. Lanham: Rowman & Littlefield, 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=e6cDDQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=destruction&f=false>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BIBLIOTECA de Alexandria. [S.l.]: Wikipédia, [s.d.]. *Online*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria>. Acesso em: 22 maio 2019.
- BLAZINA, Vesna. Mémonicide ou la purification culturelle : la guerre et les bibliothèques de Croatie et de Bosnie-Herzégovine. **Documentation et bibliothèques**, Montreal, v. 42, n. 4, p. 149-163, oct./déc. 1996.
- BO, João Batista L. **Proteção do patrimônio na UNESCO**: ações e significados. Brasília [DF]: UNESCO, 2003. 186 p. ISBN 85-87853-62-7.
- BORGES, Jorge Luis. **Borges, oral & sete noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ISBN 978-85-359-1883-0.
- BOSCH, Mela; CARSEN, Tatiana. Biblioclastia: vocabulario controlado para la ampliación y profundización del concepto. **Documentos del Laboratorio de Información de CAICYT**. Buenos Aires: Caicyt, 2017 (1). 30 p. ISSN: 2469-1496.
- BÜCHERVERBRENNUNG. [S.l.]: Wikipédia, [s.d.]. *Online*. Alemão (Alemanha). Disponível em: <<https://de.wikipedia.org/wiki/B%C3%BCcherverbrennung>>. Acesso em: 22 maio 2019.
- CARRÉRA, Guilherme. **Notícias de uma guerra particular**. [S.l.: Continente], 2018. *Online*. Disponível em: <<https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/205/noticias-de-uma-guerra-particular>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CASE concerning application of the convention on the prevention and punishment of the crime of genocide (Bosnia and Herzegovina v. Serbia and Montenegro). [S.l.]: International Court of Justice, fev. 2017.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 160 p.

CIVALLERO, Edgardo. When memory turns into ashes: memoricide during the XX century. **Information for Social Change**, [S.l.], sum. 2007, p. 7-22.

CLAUDIO, Ivan. Os grandes roubos de obras de arte: livro reconstitui os mais inacreditáveis furtos em museus e revela quais os quadros que nunca mais foram recuperados. **IstoÉ**, [S.l.], n. 2121, jul. 2010.

CONVENCIÓN sobre la protección del patrimonio mundial, cultural y natural. *In*: **Conferencia General de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura**, Paris, oct./nov. 1972. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/archive/convention-es.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2019.

CONVENTION for the Protection of Cultural Property in the Event of Armed Conflict with Regulations for the Execution of the Convention. [S.l.]: UNESCO, 1954. 11 p. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=13637&URL_DO=DO_PRINTPAGE&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: 01 nov. 2017.

COUNCIL II and closing session. *In*: **59th IFLA council and general conference**. Barcelona: IFLA, Aug. 1993. p. 83-84.

CUNHA, Murilo B. Da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. ISBN 978-85-85637-35-4.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231 p. ISBN 978-85-359-1676-8.

DICIO. **Biblioclastia**. [S.l.: s.n.], 2018. Dicionário online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/biblioclastia/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

DIREITOS culturais: declaração de Friburgo. Lisboa: Ministério público de Portugal, [s.d]. Disponível em: <<http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/declfriburgo.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2019. Adotada em Friburgo a 7 de maio de 2007, por um grupo de académicos reunidos pelo Instituto Interdisciplinar de ética e Direitos Humanos da Universidade de Friburgo (Suíça).

ECO, Umberto. Desear, poseer y enlouquecer. **El Malpensante**, Bogotá, D.C., Colômbia, n. 31, p. 1-3, jun. 2001.

ENTENDA a diversidade Iugoslava. São Paulo: Folha de São Paulo, 1990.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EdUSP, 2008. 739 p. ISBN 978-85-314-1055-0.

FINAL report of the comission of experts on former Yugoslavia 1993-1994. [S.l.]: ONU, 1994. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<http://www.siracusainstitute.org/portal/wp-content/uploads/2017/01/Final-report-of-the-Commission-of-Experts-on-former-Yugoslavia-1993-94.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FRIEZE, Donna-Lee. The destruction of Sarajevo's Vijecnica: a case of a genocidal cultural destruction?. In: [JONES, Adam (Ed.)]. **New directions in genocide research**, England: Routledge, p. 57-74, 2011.

GAZIĆ, Lejla. **Destruction of the Institute for Oriental Studies during the Aggression against Bosnia and Herzegovina 1950-2000**. Sarajevo: Orientalni Institut u Sarajevu, 2004. não paginado. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20040414223431/http://www.openbook.ba/bmss/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

O GLOBO e agências internacionais. Entenda o que foi o genocídio de Srebrenica durante a guerra da Bósnia. Rio de Janeiro: **O Globo**, 2017. não paginado. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-que-foi-genocidio-de-srebrenica-durante-guerra-da-bosnia-22096838>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

GUTMAN, Roy (Ed.); RIEFF, David (Ed.). **Crimes of war**: what the public should know. New York: W. W. Norton & Company. 399 p. ISBN 0-393-04746-6.

IN THE CASE concerning the Application of the Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide (Bosnia and Herzegovina v. Serbia and Montenegro). Haia: International court of justice, 2006.

KASAPOVIĆ, Indira. In "No Man's Land": Libraries in Post-Dayton Bosnia and Herzegovina. **Library Trends**, v. 63, n. 4, 2015. p. 663-674.

KNUTH, Rebecca. **Libricide**: the regime-sponsored destruction of books and libraries in the twentieth century. Westport: Praeger, 2003. ISBN 0-275-98088-X. 277 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990. ISBN 85-268-0180-5.

LOVRENOVIC, Ivan. The hatred of memory. **The New York Times**, 28 May 1994. Disponível em: <<http://ivanlovrenovic.com/2012/08/the-hatred-of-memory/>>. Acesso em: 03 out. 2018.

LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. São Paulo: Senac, 2011. 224 p. ISBN 978-853-96011-65

M'BAYE, Kéba. **Final report of the united nations commission of experts established pursuant to security council resolution 780 (1992)**. [S.l.]: United Nations., 1992. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<http://www.siracusainstitute.org/portal/wp->

[content/uploads/2017/01/Final-report-of-the-Commission-of-Experts-on-former-Yugoslavia-1993-94.pdf](#)>. Acesso em: 30 out. 2018.

MELOT, Michel. **Livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 213 p. ISBN 978-85-7480-600-6.

MENESES, Paulo. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, p. 245-254, 2000.

MORAES, Nilo da Silva. **Londres bombardeada**. [S.l.: Almanaque cultural brasileiro], 2017. *Online*. Disponível em: <<http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2017/02/londres-bombardeada.html>>. Acesso em: 12 maio 2019.

MURGUIA, Eduardo I. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta gráfica e editora, 2010. p. 11-32.

NATIONAL library. Bósnia e Herzegovina: Vijecnica, [s.d.]. *Online*. Disponível em: <<https://www.vijecnica.ba/en/article/3/narodna-biblioteka>>. Acesso em: 04 abril 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, p. 7-28, n. 10, dez. 1993. Tradução: Yara AunKhoury.

PALMBERGER, Monika. **How generations remember**: conflicting histories and shared memories in post-war Bosnia and Herzegovina. Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2016. ISBN 978-1-137-45062-3.

PC da Iugoslávia decide adotar pluripartidarismo. **São Paulo**: Folha de São Paulo, 23 jan. 1990. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=4903057&pd=06f42cbc22adfc38b110ca8d2db41fdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

PEÑA, Juan Miguel P. El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad. Revisiones conceptuales, legislativas e informativas para uma educación sobre patrimonio. Cidade do México, **Cuicuilco**, n. 58, sep./dic. 2013.

PEÑA, Juan Miguel P. La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales. Madrid, **Revista General de Información y Documentación**, v. 21, p. 291-312.

PICKSTONE, Edwin. **Biblioclasm**. Londres: [s.n.], 2017. Apresentação de exibição artística. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<http://radar.gsa.ac.uk/5902/1/biblioclasm.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

PINTO, Tales. **Contrarreforma, novo fôlego ao catolicismo**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. *Online*. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/contrarreforma-novo-folego-ao-catolicismo.htm>>. Acesso em: 22 maio 2019.

POLASTRON, Lucien X. **Livros em chamas**: a história da destruição sem fim das bibliotecas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. 419 p. ISBN 978-85-03-01168-6.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras.

PRIBERAM, Dicionário. –**clasta**. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/clasta>>. Acesso em: 18 out. 2018.

PRINCIPIOS de Actuación de la IFLA em actividades relacionadas com las bibliotecas para la reducción del riesgo de desastre en casos de conflicto, crisis o catástrofe natural. [S.l.]: IFLA, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/gb/strategic-plan/cultural_heritage_principles_of_engagement_es.pdf>. Acesso em: 04 out. 2018.

REITZ, Joan M. **Online dictionary for library and information Science**. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2014, não paginado. Disponível em: <https://www.abcclio.com/ODLIS/odlis_1.aspx>. Acesso em: 10 set. 2018.

REYES, Marcelo J. de los. Los conflictos en los Balcanes: la guerra civil em Yugoslavia y los intereses externos. **IGADI**, Espanha, p. 1-55, 01 feb. 2013. Disponível em: <<http://www.igadi.org/web/analiseopinion/los-conflictos-en-los-balcanes-la-guerra-civil-en-yugoslavia-y-los-intereses-externos>>. Acesso em: 22 set. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. 535 p.

RIEDLMAYER, Andrés J. [**Correspondência**]. Destinatário: Diana Marques. Rio de Janeiro, 28 mar. 2019. E-mail. *Online*.

RIEDLMAYER, Andrés J. Crimes of War, Crimes of Peace: destruction of Libraries during and after the Balkan Wars of the 1990s. **Library Trends**, v. 56, n. 1, p. 107-132, summer 2007.

RIEDLMAYER, Andrés J. [**Destroyed buildings in Bosnia-Herzegovina**]. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Compilação feita pelo autor.

RIEDLMAYER, Andrés J. **Destruction of the cultural heritage in Bosnia-Herzegovina, 1992-1996**: a post-war survey of selected municipalities. Massachusetts: [s.n.], 2002. 31 p.

RIEDLMAYER, Andrés J. From the ashes: the past and future of bosnia's cultural heritage. In: Ed. MAYA Shatzmiller. **Islam and Bosnia: conflict resolution and foreign policy in multi ethnic states**. Montreal: McGill Queens University Press, 2002. p. 98-135.

RIEDLMAYER, Andrés J. **Overview of destroyed and damaged religious buildings in Bosnia and Herzegovina**. [S.l.: s.n.], [s.d.], [396 p.]. Disponível em: <<http://heritage.sense-agency.com/assets/bosnia-herzegovina/sg-5-05-destroyed-buildings-eng.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

ROMERO, Eladio G.; ROMERO, Iván C. **Breve historia de la guerra de los Balcanes**. Madrid: Nowtilus, 2016. ISBN 978-83-9967-807-8. Disponível em: <<https://www.book2look.com/book/4OcVPVaWCy>>. Acesso em: 13 set. 2018.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 240 p. ISBN 978-85-393-0037-2.

SANTOS, Josiel M. A biblioclastia como mecanismo de controle social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2017.

SANTOS, Josiel M. A biblioclastia no início do século XXI: duas faces de uma tragédia. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 21, n. 2, p. 309-322, abr./ jul., 2016.

SARAJEVO Haggadah. [S.l.]: Destination Sarajevo, 2012. *Online*. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<https://sarajevo.travel/en/text/sarajevo-haggadah/34>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SARAJEVO Vijecnica. [S.l.]: Wikimedia commons, [s.d.]. *Online*. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sarajevo_Vijecnica_2013.JPG>. Acesso em: 04 abr. 2019.

SECOND Protocol to the Hague Convention of 1954 for the Protection of Cultural Property in the Event of Armed Conflict. [S.l.]: UNESCO, 1999. 10 p. Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=15207&URL_DO=DO_PRINTPAGE&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SENA, Daniel. **Artigo 19**. Declaração dos Direitos Humanos comentada. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.direitocom.com/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/artigo-19o>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. Patrimônio cultural, identidade e memória social: suas interfaces com a sociedade. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 5, n. 1 p. 3-10, jan./abr. 2018.

SILVEIRA, Fabrício José N. da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez, 2010.

SORIANO, Roberto Israel Rodríguez. El esencialismo racial y el genocidio. El caso de Yugoslavia (Bosnia-Herzegovina). **Cuicuilco**, Cidade do México, n. 60, mayo/ago. 2014.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Limpieza étnica**. Cidade do México: Universidad Autónoma de México, jan. 2010.

STEINER, George. **Aqueles que queimam livros**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018. 84 p. ISBN 978-85-92649-21-0.

TODOROV, Tzvetan. **Memoria del mal, tentacion del bien**: indagación sobre el siglo XX. Barcelona: Ediciones Península, 2002. 376 p.

UNESCO. **O patrimônio**: legado do passado ao futuro. [S.l.]: UNESCO, 2017. Não paginado. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

UNESCO. **What is documentar heritage?** [S.l.]: UNESCO, 2017. Não paginado. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/santiago/communication-information/memory-of-the-world-programme-preservation-of-documentary-heritage/what-is-documentary-heritage/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

VIAJE Croácia-Bósnia-Eslovênia. [S.l.: s.n.], [s.d.]. *Online*. Disponível em: <<https://www.amigosmadrid.es/actividad/viaje-croacia-bosnia-eslovenia/17326>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

VERDE, Tom. Saving Sarajevo's literary legacy. Texas: **Aramco World**, v. 67, n. 1, Jan./Feb. 2016. p. 24-33. Disponível em: <<https://www.aramcoworld.com/CMSPages/GetAzureFile.aspx?path=~\aramcoworldsite\files\b5\b563eaf0-dcc4-4a05-a389-afcbfd6e928c.pdf&hash=5a8d769ad29ce10e72d722330d9f718a3d2a29da721927b4850dab17583d531c>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

WAR suffering. Bósnia e Herzegovina: Vijecnica, [s.d.]. *Online*. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<https://www.vijecnica.ba/en/article/21/ratno-stradanje>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

WINDSOR. [S.l.: s.n.], [s.d.]. *Online*. Inglês (Estados Unidos). Disponível em: <<https://www.citywindsor.ca/residents/Culture/Monuments/Pages/Srebrenica-Monument.aspx>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

YOURCENAR, Marguerite. **O tempo, esse grande escultor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 152 p. ISBN 978-85-20943-05-2.

ZEĆO, Munevera. The National and University Library of Bosnia and Herzegovina during the Current War. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 66, n. 3, July 1996, p. 294-301.

ANEXO A – Destroyed buildings (RIEDLMAYER, [s.d.], não paginado)

7. Brčko 7.8 Catholic church in Brčko -- 1

Municipality: 7. Brčko**7.8 Catholic church in Brčko**

Katolička župna crkva Presvetog Srca Isusova

Roman Catholic Parish Church of the Sacred Heart of Jesus

Town: Brčko
GPS: 44°52'21.5" 18°48'36.8"E
Construction: 20th c. (1934)
Historical period: modern
Official status: listed monument
Building use: religious
Building type: Catholic church
Building setting: city
Building condition: lightly damaged
Adjacent buildings: in good condition

Damage description: Signs of damage to church roof and front facade (projectile impacts), front facade of church peppered with bullet holes. The church's interior was vandalised, reportedly used as a toilet by Serbs during war. The hands of all the saints' statues inside the church had been broken off, as could still be seen at time of author's visit (07/2002).

Parish priest, who was present in 1992, reports that the church was shelled, the parish house was looted, the parish's archives and library taken away by uniformed Serbs and never seen again. Priest reports Serbs stole the bell from the church's belfry.

Church building in need of repairs, but appears to have suffered no structural damage.

Source of information: Site visit by the author (July 2002), and information from interview with the parish priest, Father Pero Anić.

Informant statement:

(Particulars incorporated into damage description)

Source: Father Pero Anić, Catholic parish priest at Brčko, interviewed by Andriis Riedlmayer (07/2002).

Photo:



7.8 Catholic church in Brčko – photo 1

Projectile impact crater, bullet holes in front facade of Roman Catholic church
Photo: András Riedlmayer (07/2002).

Municipality: Srebrenica**S.4. Crvena Rijeka mosque**

Džamija u mahali Crvena rijeka

Džamija na Crvenoj rijeci

Town:	Srebrenica
Neighborhood:	Crvena rijeka
GPS:	44°06'10.6"N 19°18'05.2"E
Construction:	19 th c.
Historical period:	Ottoman
Official status:	listed monument
Building use:	religious
Building type:	mosque
Building setting:	city
Building condition:	completely destroyed
Adjacent buildings:	heavily damaged

Damage description: At the time of the author's site visit, the Crvena Rijeka mosque was completely destroyed, its site leveled and overgrown with weeds. An old Muslim tombstone from the early 19th century, a remnant of the mosque's graveyard, stood in the weeds next to the site of the razed mosque. The modern *vakuf* building, seen standing next to the mosque in photographs taken before and during the war, was undergoing reconstruction. It had a new tile roof and freshly plastered walls. The *vakuf* building's interior, doors and windows were still unfinished.

Source of information: Andrés Riedlmayer (07/2002) site visit, and information and photos from the Center for Islamic Architecture of the Islamic Community of Bosnia and Herzegovina and other sources.

Informant statement:

The Crvena Rijeka mosque was an old mosque with a wooden minaret, built in the Ottoman period. It was under legal protection as a listed cultural monument. Next to the mosque there was a *vakuf* (endowment) building that included a flat for the mosque's imam. The *vakuf* building also housed the chancery, archive and Islamic religious library of the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica.

During the war, the Crvena Rijeka mosque was damaged in January 1993, by a bomb dropped from an aircraft. The bomb exploded close to the mosque and killed a member of the congregation. But the damage to the mosque was repaired by residents of the neighborhood. The Crvena Rijeka mosque was still standing intact at the time of the fall of Srebrenica on 11 July 1995. But some time thereafter the mosque was destroyed, its ruins were razed and the site leveled. After the war, we found only an empty site where the mosque once stood. The *vakuf* building, next to the mosque, was a burned-out ruin.

Source: Alija ef. Jusić, imam of the Čaršijska Mosque in Srebrenica during the war, interviewed by Andrés Riedlmayer (07/2002).

Municipality: Srebrenica**S.5. Archive and library of the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica**

Arhiva i biblioteka Medžlisa Islamske zajednice u Srebrenici

Town:	Srebrenica
GPS:	44°06'10.6"N 19°18'05.2"E
Construction:	18 th -20 th c. (building: 20 th c.)
Historical period:	modern
Building use:	religious
Building type:	religious archive religious library
Building setting:	city
Building condition:	building: heavily damaged archive & library: completely destroyed

Damage description: At time of the author's site visit, the *vakuf* building, which housed the archive and library of the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica before the war, was undergoing reconstruction and had a new roof and newly plastered walls. The building's interior, doors and windows were still unfinished. The *vakuf* building had reportedly been burned out, the archive and library completely destroyed. The Crvena Rijeka mosque, which stood next to the *vakuf* building before and during the war, had been razed; its site was leveled and overgrown with weeds.

Source of information: Andrés Riedlmayer (07/2002), site visit, and information from the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica and other sources.

Informant statement:

The offices of the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica were next to the Crvena Rijeka mosque, in a *vakuf* (Islamic endowment) building that also included a flat for the mosque's imam on the upper floor. The ground floor of the building housed the chancery, historical archive and Islamic religious library of the Medžlis of the Islamic Community of Srebrenica.

The *vakuf* building and the adjacent Crvena Rijeka mosque were both still intact at the time of the fall of Srebrenica on 11 July 1995. But some time thereafter the building was burned down, along with its contents. After the end of the war, we found the *vakuf* building a burned-out ruin. The mosque, which stood next to it, had been completely destroyed. The archive contained the historical records of the Islamic Community of Srebrenica, of its religious and educational activities and of its properties and endowments, going back to the Ottoman period. The Islamic religious library contained valuable old books and ancient manuscripts of the Qur'an, of scriptural commentaries and other works on Islamic law and theology. These books had been given as endowments (*vakuf*) to the Islamic Community of Srebrenica.

Nothing remains of the historical archive and of the Islamic library.

Source: Alija ef. Jusić, imam of the Čaršijska Mosque in Srebrenica during the war, interviewed by Andrés Riedlmayer (07/2002)

Photos:

S.5. Archive and library of the Islamic Community of Srebrenica – photo 1
 Pre-war photo: Institute for Protection of Cultural Heritage of Bosnia-Herzegovina.
 The Crvena Rijeka mosque is at left, the *vakuf* building at the right.



S.5. Archive and library of the Islamic Community of Srebrenica – photo 2
 Post-war photo (07/2002) András Riedlmayer.
 Site of Crvena Rijeka mosque at left, the *vakuf* building under reconstruction at right.

ANEXO B – Decisão do julgamento (CASE ... , 2007, p. 185)

INTERNATIONAL COURT OF JUSTICE

REPORTS OF JUDGMENTS,
ADVISORY OPINIONS AND ORDERS

CASE CONCERNING APPLICATION OF
THE CONVENTION ON THE PREVENTION AND
PUNISHMENT OF THE CRIME OF GENOCIDE
(BOSNIA AND HERZEGOVINA v. SERBIA AND MONTENEGRO)

JUDGMENT OF 26 FEBRUARY 2007

2007

COUR INTERNATIONALE DE JUSTICE

RECUEIL DES ARRÊTS,
AVIS CONSULTATIFS ET ORDONNANCES

AFFAIRE RELATIVE À L'APPLICATION
DE LA CONVENTION POUR LA PRÉVENTION
ET LA RÉPRESSION DU CRIME DE GÉNOCIDE
(BOSNIE-HERZÉGOVINE c. SERBIE-ET-MONTÉNÉGRO)

ARRÊT DU 26 FÉVRIER 2007

the Ferhadija Mosque (built in 1578) and the Arnaudija Mosque (built in 1587) (United States Department of State, Bureau of Public Affairs, *Dispatch*, 26 July 1993, Vol. 4, No. 30, pp. 547-548; "War Crimes in Bosnia-Herzegovina: UN Cease-Fire Won't Help Banja Luka", Human Rights Watch/Helsinki Watch, June 1994, Vol. 6, No. 8, pp. 15-16; The Humanitarian Law Centre, *Spotlight Report*, No. 14, August 1994, pp. 143-144).

342. The Court notes that archives and libraries were also subjected to attacks during the war in Bosnia and Herzegovina. On 17 May 1992, the Institute for Oriental Studies in Sarajevo was bombarded with incendiary munitions and burnt, resulting in the loss of 200,000 documents including a collection of over 5,000 Islamic manuscripts (Riedlmayer Report, p. 18; Council of Europe, Parliamentary Assembly, *Second Information Report on War Damage to the Cultural Heritage in Croatia and Bosnia-Herzegovina*, doc. 6869, 17 June 1993, p. 11, Ann. 38). On 25 August 1992, Bosnia's National Library was bombarded and an estimated 1.5 million volumes were destroyed (Riedlmayer Report, p. 19). The Court observes that, although the Respondent considers that there is no certainty as to who shelled these institutions, there is evidence that both the Institute for Oriental Studies in Sarajevo and the National Library were bombarded from Serb positions.

343. The Court notes that, in cross-examination of Mr. Riedlmayer, counsel for the Respondent pointed out that the municipalities included in Mr. Riedlmayer's report only amounted to 25 per cent of the territory of Bosnia and Herzegovina. Counsel for the Respondent also called into question the methodology used by Mr. Riedlmayer in compiling his report. However, having closely examined Mr. Riedlmayer's report and having listened to his testimony, the Court considers that Mr. Riedlmayer's findings do constitute persuasive evidence as to the destruction of historical, cultural and religious heritage in Bosnia and Herzegovina albeit in a limited geographical area.

344. In light of the foregoing, the Court considers that there is conclusive evidence of the deliberate destruction of the historical, cultural and religious heritage of the protected group during the period in question. The Court takes note of the submission of the Applicant that the destruction of such heritage was "an essential part of the policy of ethnic purification" and was "an attempt to wipe out the traces of [the] very existence" of the Bosnian Muslims. However, in the Court's view, the destruction of historical, cultural and religious heritage cannot be considered to constitute the deliberate infliction of conditions of life calculated to bring about the physical destruction of the group. Although such destruction may be highly significant inasmuch as it is directed to the elimination of all traces of the cultural or religious presence of a group,

ANEXO C – Quantificação de sítios destruídos por região (RIEDLMAYER, 2002, p. 6-7)

effort was made to corroborate survey findings by using information from multiple, independent sources. For this survey, the term "site" is used to describe a particular building or institution devoted to religious worship (such as a mosque, church, or shrine) of the specified communities, or related cultural or educational uses (archive, library, religious school, monastic establishment, or dervish lodge). All sites are identified by type and use.

MUNICIPALITIES SURVEYED	number of sites
1. Banja Luka	28 [*]
2. Bijeljina	15 ^{**}
3. Bosanska Krupa	15
4. Bosanski Novi	19
5. Bosanski Samac	9 ^{***}
6. Bratunac	12
7. Brcko	21
8. Doboj	31
9. Foca	34
10. Kljuc	20
11. Kotor Varos	18
12. Nevesinje	13 ^{****}
13. Prijedor	43
14. Sanski Most	34
15. Sarajevo-Centar	6
16. Sarajevo-Stari Grad	6
17. Srebrenica	13
18. Visegrad	9
19. Zvornik	46
TOTAL:	392

^{*} total for Banja Luka includes 1 Catholic church in the suburban parish of Trn, which straddles the municipal boundary with the neighbouring municipality of Lukarvac.

^{**} total includes 4 mosques in villages, part of Ugljevik municipality before the war, that are now administered from Bijeljina.

^{***} total includes 2 sites (a Catholic church and a monastery) in the parish of Cardak, which straddles the boundary with the neighbouring municipality of Modrica.

^{****} total includes 2 mosques in the villages of Prijecka Strana and Zalja, which were part of Nevesinje before the war but are now administered from Mostar.

MUSLIM SITES

Mosques	277
Mektebs (Qur'an schools)	13
Turbes (Islamic shrines)	17
Tekkes (Dervish lodges)	4
Islamic clock towers	3
Islamic religious archives and libraries	18

ROMAN CATHOLIC SITES

Catholic churches	57
Catholic monasteries and convents	4
Catholic religious archives and libraries	2

NATIONAL LIBRARIES AND ARCHIVES

National and University Library	1
Oriental Institute in Sarajevo	1

Cemeteries and cemetery chapels, which are not used for regular communal worship, were excluded from the scope of the survey, while mektebs (Qur'an schools) which are often used for communal prayers, were included.

The damage assessment for each site surveyed includes a verbal description. The damage was also graded according to a five-point scale, using the following terms:

In good condition: the building shows no sign of war damage or of recent reconstruction.

Lightly damaged: covers any damage that does not visibly compromise the main structure of the building; damage can range from vandalism or small fires set in the building, to bullet holes in the walls, shell holes in the roof, the top of a minaret or the top of a church steeple shot off, as long as the principal part of the building appears to have survived structurally intact.

ANEXO D – Quantificação de sítios religiosos destruídos (RIEDLMAYER, 2002, p. 2-3)

Their targets have included: the National Library in Sarajevo, the Regional Archives in Mostar, local and national museums, the Academy of Music, the National Gallery, entire historic districts, Muslim and Jewish cemeteries, and, above all, the places of worship of the ethnic and religious groups that were singled out for what was euphemistically called “ethnic cleansing.”

Three and a half years of war and “ethnic cleansing” in Bosnia, allowed to proceed unchecked by the international community, turned more than half of the country’s four million people into refugees and cost the lives of more than 100,000 men, women and children. The cultural casualties were no less staggering. More than one thousand of Bosnia’s mosques, hundreds of Catholic churches and scores of Orthodox churches, monasteries, private and public libraries, archives, and museums were shelled, burned, and dynamited, and in many cases even the ruins were removed by nationalist extremists in order to complete the cultural and religious “cleansing” of the land they had seized. [2]

<i>Building type</i>	<i>Total no. before the war</i>	<i>Total no. destroyed or damaged</i>	<i>Percent destroyed or damaged</i>
Congregational mosques (<i>džamije</i>)	1149	927	80.68 %
Small neighbourhood mosques (<i>mesdžidi</i>)	557	259	46.50 %
Total no. of mosques	1706	1186	69.52 %
Qur’an schools (<i>mektebi</i>)	954	87	9.12 %
Dervish lodges (<i>tekije</i>)	15	9	60.00 %
Mausolea, shrines (<i>turbe</i>)	90	44	48.89 %

Other buildings of Islamic religious endowments (<i>vakufske zgrade</i>)	1425	554	38.88 %
---	------	-----	---------

Based on data from the Institute for Protection of Cultural, Historical and Natural Heritage of Bosnia and Herzegovina. *A Report on the Devastation of Cultural, Historical and Natural Heritage of the Republic/Federation of Bosnia and Herzegovina (from April 5, 1992 until September 3, 1995)* (Samjevo, 1995), supplemented with information from the incidents database of the State Commission for the Documentation of War Crimes on the Territory of Bosnia and Herzegovina (Državna komisija za prikupljanje činjenica o ratnim zločinima na području Republike Bosne i Hercegovine), the Islamic Community of Bosnia-Herzegovina, and other sources.

<i>Building type</i>	<i>Total no. before the war</i>	<i>No. damaged/destroyed by Serb extremists</i>		<i>No. damaged/destroyed by Croat extremists</i>	
		<i>damaged/destroyed</i>	<i>T</i>	<i>damaged/destroyed</i>	<i>T</i>
Congregational mosques (<i>đhamije</i>)	1149	540/249	789	80/58	138
Small neighbourhood mosques (<i>mesdžidi</i>)	557	175/21	196	43/20	63
Total no. of mosques	1706	715/270	985	123/78	201
Qur'an schools (<i>mektebi</i>)	954	55/14	69	14/4	18
Dervish lodges (<i>tekije</i>)	15	3/4	7	1/1	2
Mausolea, shrines (<i>turbe</i>)	90	34/6	40	3/1	4
Other buildings of Islamic religious endowments (<i>vakufske zgrade</i>)	1425	345/125	470	60/24	84

ANEXO E – Depoimento Riedlmayer (IN THE CASE ... , 2006, p. 48-55)

- 48 -

Mr. RIEDLMAYER: I recall the question, yes.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : A l'époque, vous avez dit que vous ne connaissiez pas ça. Est-ce que vous avez fait des vérifications sur cette question ?

Mr. RIEDLMAYER: I am not sure I see the relevance of it, but the fact is that I was not about to research building histories going back to the Middle Ages. There are buildings which I have studied for my own research, the alleged mosque in Foča is not one of them. Whether or not in medieval times a church existed on site where the mosque was then erected, I think does not make much difference in terms of the criminality of destroying the mosque.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Certainement pas, mais moi je vous pose seulement une question. Est-ce que vous savez, est-ce que vous avez fait des recherches si cette mosquée a été faite sur les fondations d'une ancienne église orthodoxe ?

Mr. RIEDLMAYER: I did not.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Mais, tout de même, vous admettez que c'était une pratique assez courante dans l'Empire ottoman de faire des anciennes églises dans les mosquées ?

Mr. RIEDLMAYER: It's actually a rather complex situation. I am a scholar of Ottoman history and aware of the fact that when the Ottomans conquered towns, they would generally take the major church in that town and turn it into a mosque, leaving the smaller churches to the Christian communities that still remained. Remember that we are talking about medieval times, when in fact religion and State were not separated and the major monument within the city was as much a symbol of the ruler as of any religion. And the practice was fairly similar in Europe, or at least analogous.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Vous avez parlé de la bibliothèque nationale à Sarajevo qui a été détruite. Il s'agit d'une bibliothèque nationale de Bosnie-Herzégovine, est-ce exact ?

Mr. RIEDLMAYER: Yes, it was the National and University Library of Bosnia and Herzegovina.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : C'est une bibliothèque nationale de la Bosnie-Herzégovine, ce n'est pas une bibliothèque nationale des Musulmans de la Bosnie-Herzégovine ?

Mr. RIEDLMAYER: Most certainly not. It was the repository of the entire country's written heritage as such.

- 49 -

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Donc, cette bibliothèque contenait les ouvrages concernant l'histoire croate et serbe aussi ?

Mr. RIEDLMAYER : Yes, it did.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Lorsque cette bibliothèque a été détruite, cet héritage croate et serbe a été détruit aussi ?

Mr. RIEDLMAYER : Tragically, yes.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Encore une fois, concernant cette bibliothèque, vous n'avez aucune indication précise sur qui a détruit cette bibliothèque ?

Mr. RIEDLMAYER : That is not correct. First of all, as I told you, I interviewed more than a dozen residents in the neighbourhood surrounding the library. I interviewed people who saw the shells land on the roof of the library. Since they were phosphorous shells, they threw very characteristic fans of sparks. During the siege of Sarajevo residents of Sarajevo became quite good at telling various kinds of munitions apart, because they had different effects and they were dangerous to them in different ways. In Sarajevo, the old town is located in a very steep and deep valley and the people I interviewed also included people who lived on the hillside immediately overlooking the library. The library began to be shelled just after sunset and they were able to see muzzle flashes and hear the munitions coming in and landing on the library. So, it's not exactly a mystery where it was coming from.

Secondly, in the video, you saw the reporter Kurt Schock of Reuters. He was one of two top correspondents, the other one being John Pomfret, who witnessed the attack on the library. They filed long reports and in the case of Kurt Schock, I had a correspondence with him before his tragic death — he was killed reporting on the war in Sierra Leone a few years ago — and he shared with me his rough notes on what he saw. What he saw included not only a library on fire, but the firemen being fired on from the surrounding hillsides which were held by Serb forces. So, in other words, yes I do have some reason to believe that it was indeed the work of the forces on the surrounding hills.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : C'est exactement ce que je pensais. Vous avez des raisons de croire, mais vous ne pouvez pas l'affirmer avec certitude.

- 50 -

Mr. RIEDLMAYER: Let me go one step farther. In addition to having talked to a number of people who witnessed this and were able to independently report the same kind of details, I was able to inspect the building and the surrounding buildings. The building itself is very completely burned out, the metal elements in places were melted by the heat of the flames, they were of such intensity. The building had a skylight — a metal roof, with windows — and the shells landed on the roof according to eyewitnesses and, stored beneath the roof, was the library's main book depot which immediately caught on fire. Then the building was fired on with small arms when the firemen first arrived. If you look at the building you can see the marks of the shrapnel and the bullet impacts. Since the building afterwards was abandoned and was not used for any purpose, I assume that those marks date from that period.

Furthermore, the site is triangular, one side faces the river, and two of them are rather narrow streets with apartment buildings and offices. The buildings facing the library on the narrow streets show some of the bullet impacts, especially on the upper storeys, that not one of them was hit by any incendiary device. So, I would say that there are considerable signs that this library was indeed targeted.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC: Vous avez vu beaucoup de rapports, et vous avez lu apparemment beaucoup sur la guerre en Bosnie-Herzégovine, est-ce que vous avez eu connaissance, est-ce que vous avez trouvé cette information lors de vos recherches que, très souvent, les Membres des Nations Unies, les membres de la mission de paix (les militaires), ont eu beaucoup de difficultés à déterminer d'où venait un obus.

Mr. RIEDLMAYER: I have read that there were various controversies, some of them I believe were artificially stirred up, others may have been subjects which remain in doubt. In this case, I do not know of any allegation raised at the time, or indeed since, that a search that the library was shelled by anyone else.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC: Admettez-vous qu'en 1995, vous avez écrit une lettre à Bill Clinton en demandant la levée de l'embargo sur les armes pour la Bosnie-Herzégovine ?

Mr. RIEDLMAYER: Yes, I did write that letter in the summer of 1995, and I wrote that letter in part because I believe that under the Charter of the United Nations, Bosnia and Herzegovina as a Member State of the United Nations had the legitimate right to self-defence, and

- 51 -

under the Charter of the United Nations, if the United Nations is not in a position to protect the country, then the country has a right to pursue its own defence. This being already the fourth year of the war, and with Srebrenica happening, I believed that it was an international scandal that Bosnia and Herzegovina should be denied this right. However, my having taken this position has absolutely no bearing on my professional qualifications or indeed on my honesty in reporting what I saw.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Effectivement, concernant les événements à Srebrenica, vous avez également pris la position que ces événements sont la conséquence d'un accord tacite entre les Serbes et les Nations Unies ?

Mr. RIEDLMAYER : I do not recollect when I said such a thing, but I don't exclude the possibility that you found something that may suggest such a thing. I would say that if indeed you came across something like that, all I may have been repeating was widespread speculation in the press at the time, which said that the enclaves were seen as a burden and that there were people at high levels who would just as soon see them out of the way. But as I say, I don't recall what you specifically may be referring to, perhaps you can refresh my memory.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : C'était un article dans le *New York Times*.

Mr. RIEDLMAYER : Can you read the excerpt?

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Je suis désolée, je ne l'ai pas.

Mr. RIEDLMAYER : OK, well, then there is really not much to be said.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Savez-vous que l'agence de relations publiques américaine, Rudder & Finn travaillait pour le Gouvernement bosniaque concernant la destruction des monuments culturels ?

Mr. RIEDLMAYER : I am not.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Elle ne vous a pas contacté ?

Mr. RIEDLMAYER : No.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Vous avez dit dans un de vos rapports que la société musulmane est une «société moderne, industrialisée, européenne». Restez-vous avec cette affirmation ? C'est l'affirmation que vous donnez de la société musulmane de la Bosnie-Herzégovine.

- 52 -

Mr. RIEDLMAYER: I believe what you're quoting from is an article I wrote about Bosnia in general and it referred to Bosnian society as large, as being industrialized and European. I don't see that either of those statements is particularly controversial. During the Yugoslav period, Bosnia had heavy industry and it was indisputably integrated into the greater regional economy.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ: S'agissant des mosquées en Serbie-et-Monténégro, en dehors du Kosovo où la situation a été une situation de guerre civile, est-ce que vous pouvez me dire si vous avez connaissance d'une mosquée détruite en Serbie-et-Monténégro, en dehors du Kosovo ?

Mr. RIEDLMAYER: OK. Let me preface this by saying that I have not travelled to Serbia and Montenegro, outside of Kosovo, since the war. I was there as a student, back before the war, but I was not in any position to personally assess any damage in Serbia and Montenegro. That being said, yes I am aware of some mosques that were attacked, in particular in the Bakarae region of Sandzak, where according to reports published by independent human rights NGOs, and illustrated with pictures — with photos — a number of Muslim villages were attacked and at least two mosques were destroyed. This was back at the time of the war in Bosnia. Furthermore, the mosque in Belgrade was not destroyed; it was subject to a number of attacks during the 1990s. As I recall, there were at least seven reported attacks on Belgrade's only mosque, the Bijeljina, during the 1990s, ranging from people throwing grenades, to others firing shots and other forms of attack. I do not claim that there was massive destruction, but I think it would be unfair to say that there was no attack on a mosque in Serbia and Montenegro.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ: Je crois que ma question était si une mosquée a été détruite, pas si une mosquée a été attaquée. Mais je crois que vous avez répondu à cette question de toute façon. Est-ce que vous avez eu l'occasion de faire une estimation des dommages faits sur les monuments culturels dans d'autres conflits armés, en dehors de la Bosnie-Herzégovine, en dehors de l'ex-Yougoslavie disons ?

Mr. RIEDLMAYER: Yes. As a matter of fact, I have. Since 2003, I have served as the Chair of the Committee on Iraqi Libraries at the Middle East Librarians' Association in which I worked to document the damage to and destruction of libraries related to cultural property in Iraq

- 53 -

during the Iraq war. We have published information on a website that we maintain and I published extensively on the subject.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Seriez-vous d'accord que dans cette guerre d'Irak la destruction des monuments culturels était aussi assez importante ?

Mr. RIEDLMAYER: Yes, although I believe that the circumstances were fundamentally different from that in Bosnia.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Il s'agit d'une guerre. Donc la destruction était importante, d'accord ?

Mr. RIEDLMAYER: Actually I believe that in Iraq the destruction to which I refer, which is of cultural institutions, had actually no connection to military actions. What happened was that Iraq was invaded, the local security forces were disarmed and the invading forces for whatever reason did not impose order and then people for various reasons, whether for profit according to some allegations to destroy records that might incriminate them, would attack archives and libraries. I think nothing of that sort has been reported from the Balkans over the 1990s.

Mme FAUVEAU-IVANOVIC : Avez-vous connaissance d'un conflit armé entre les différents Etats, entre les différentes religions, entre les différentes ethnies, entre les différentes nations ? L'héritage culturel est resté intact ?

Mr. RIEDLMAYER: No, I am not. Actually, all war results in destruction. However, there is a fundamental difference in destruction that is caused incidentally to a [inaudible] and destruction that is deliberate and aimed at these particular monuments. The second instance would include the Nazi burning of the synagogues or the 2004 attacks on Serb churches in Kosovo. Those are specific attacks on cultural property as such. The question of say Cologne cathedral incinerated during the bombing of the city during World War II, I think is a very different matter. It may well have been war crime. I think it would be up to somebody who is an expert in international law to determine on facts whether it was. But I think there is a good possibility that it was not the main aim of the attack. I think in the case of a monument of culture that is specifically destroyed at a time when there is no military excuse for doing so is a fundamentally different matter than monument of culture that merely is in the way of a battle.

- 54 -

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Le seul conflit armé que vous avez examiné à part celui de la Bosnie-Herzégovine, c'est celui en Irak ? C'est ce que vous m'avez dit tout à l'heure, c'est vrai ?

Mr. RIEDLMAYER: It's not the only one conflict I've heard about. I'm saying this is the only one in which I've been involved to a degree that I have developed specific expertise on. But I have read very widely on the subject of cultural heritage in war which has been an interest of mine for going on 20 years.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : En tout cas, celui que vous connaissiez le mieux parce que vous êtes impliqué dedans, celui d'Irak, vous avez dit aussi tout à l'heure que les dommages qui étaient faits ne sont pas vraiment liés aux actions militaires ?

Mr. RIEDLMAYER: Only in the most incidental of fashions, namely that it happened immediately after a military takeover, but that in nature it was a breakdown of civil order. It did not involve soldiers shooting at each other.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Lors de votre examination directe, vous avez dit à un moment donné que vous vouliez faire un point et que vous vouliez lier l'élément culturel à la communauté nationale religieuse. Seriez-vous d'accord qu'en fait, votre déposition aujourd'hui ici est plus la déposition d'un avocat que d'un témoin impartial extérieur ?

Mr. RIEDLMAYER: I would say not. My role is first of all to speak about facts that I gathered, secondly to come to certain conclusions. Now the reason that I am concerned about the destruction of cultural monuments is not merely in the abstract sense of a thing of beauty should not be destroyed. I see it as fundamentally connected to the meaning of those monuments to the people who used them, who lived with them and in that sense I think it's very legitimate to look at not just whether buildings were destroyed or how they were destroyed but also to look at the context in which they were destroyed and the consequences of their destruction. You brought up the National Library in Sarajevo. I have long wondered exactly why such a building would be targeted and it is a bit of mystery because the explanations that have come from officials in the Bosnian Serb leadership at the time were rather contradictory. Radovan Karadžić, the leader of the Bosnian Serbs, was interviewed about that a few months after the event and he claimed that the library had been burnt down [inaudible] by the Muslims because they didn't like its architecture. I

- 55 -

don't know. To me, that sounds like a rather flip and irresponsible remark. Nevertheless I think the fact is that no one until now has claimed that the building was shelled by anyone else other than his forces. And the fact is that I believe that its destruction was meant to strike a blow at not just the Muslim community but at Bosnia as a country. You say, it helps Serb works. Yes, they threw out Serb works like the works of Aleksa Santic, a very proud Serb from Mostar who could write poems like [inaudible] where he addressed his Bosnian Muslim country members who had been emigrating to escape conscription and told them: "Please don't go. Your place is with us, your brothers." I don't think that kind of Bosnian Serb heritage was something that the nationalists were particularly interested in preserving.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Donc, en effet, ce que vous dites, que c'était un acte qui était dirigé vers les Serbes de Bosnie-Herzégovine, c'était en fait un acte politique. Ce n'est pas du tout un acte religieux, ethnique ou national. Il était provoqué par des raisons politiques. Peu importe qui l'avait fait.

Mr. RIEDLMAYER: I think it was . . . First of all the National Library clearly was not the single property of any one of Bosnia's national groups. It was the common heritage of all the Bosnian peoples.

Mme FAUVEAU-IVANOVIĆ : Je vous remercie M. Riedlmayer, je n'ai plus d'autres questions. Merci, Madame le président.

The PRESIDENT: Thank you very much, Madam Fauveau-Ivanović. Ms Korner, do you wish to re-examine?

Ms KORNER: I just have two questions, Madam President, if I may. The first is this, Mr. Riedlmayer, you were asked about the number of Orthodox churches which had been destroyed in your view, and you said over 100 and less than 200. It was then put to you, could you confirm or deny, that over 50 per cent of Orthodox churches had been destroyed; in other words, there were only 400. In your expert view, were there only 400 Serb Orthodox churches in Bosnia?

Mr. RIEDLMAYER: I believe that's highly implausible.

Ms KORNER: Any idea at all how many?